

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE A.
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Exames — julgamento sumário

Num ponto parece estar de acordo a grande maioria das pessoas interessadas neste grave problema: exame é um julgamento, mas um mal necessário. Mas será assim? Efectivamente o exame é indispensável ou haverá outra forma de julgar o estudante, com melhor justiça e maior equidade?

Sim, porque queiram ou não, o exame é um julgamento, mas um julgamento sumário, com a agravante de não ter ao lado do réu a presença afectiva e vigilante de um defensor. É um réu sem defesa. E os julgamentos sumários só são hoje possíveis nos regimes de excepção.

Fui examinado dezenas de vezes: ensinei largos anos e alunos meus sentaram-se no banco dos examinados e com eles os meus filhos. Parece-me que posso depor com a triplice autoridade de antigo estudante, de antigo professor e de pai de três filhos. É o que farei com objectividade.

Todos sabem que há rapazes e raparigas incapazes de expressar numa prova escrita toda a soma aproximada dos seus conhecimentos reais; um nervosismo perturbante toma deles conta na presença das laudas de papel de vinte e cinco linhas que preenchem destemidamente, inibidos de pensar e torturados pelo caminhar das horas e dos minutos. Um raciocínio calmo, na ambiência escaldante de uma prova escrita, não é com eles. Uma vez libertos desse pesadelo, perguntados, inquiridos, no diálogo oral, demonstravam o que sabiam. E o que se pretendia era que soubessem e os professores convenciavam-se de que uma limitação deplorável os inibia de produzir aquilo de que seriam capazes.

Por outro lado, há-os aptos a exprimir, razoavelmente, os seus conhecimentos na para eles calma e sedativa paisagem da parte escrita; mas uma vez em contacto com



CASTRO SARMENTO

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Uma água curativa

fabricada em Inglaterra e em Portugal

pelo DR. AGUSTO D'ESAGUY

A «Água de Inglaterra», da composição do Doutor Jacob de Castro Sarmiento, Membro do Real Colégio dos Médicos de Londres, e Sócio da Sociedade Real, preparada em Lisboa por André Lopes de Castro, e depois manipulada por José Joaquim de Castro, na sua Real Fábrica, por Decretos

o examinador, no dramático quarto de hora do interrogatório oral, a inibição do seu infeliz companheiro da prova escrita apossa-se deles e transforma-os em meros espectadores, atropalhados e desconexos, tremendo como varas verdes perante a pergunta mais simples e comezinha.

Estes dois factos incontroversos são por si a negação absoluta da validade pedagógica do exame.

Efectivamente é um erro clamoroso a eliminação pura e simples do estudante na prova escrita; igual erro é julgar num quarto de hora o produto de meses e meses

VASCO DA GAMA FERNANDES

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

ANJOS OU DEMÓNIOS

O pára-quedismo é uma arma da última guerra. Foram os pára-quedistas lançados sobre a Normandia que abriram o caminho ao desembarque das tropas aliadas em França. A essa primeira operação táctica se deve, portanto, o estabelecimento da segunda frente, em que alguns cabos de guerra de gabinete, diga-se de passagem, se recusavam a acreditar, e, em última análise, a vitória dos Aliados.

De então para cá, o pára-quedismo fez progressos, e apesar de existirem os engenhos teleguiados, considera-se uma das forças mais eficientes dos exércitos modernos, uma espécie de cavalo de Troia ou de quinta coluna que tem por missão vibrar um golpe, que pode ser mortal, na retaguarda do inimigo. Todos os países procuram desenvolver essa arma moderna, transformando-a num corpo de elite ao qual se confiam as missões mais arriscadas. O nosso exército, apesar de só relativamente há pouco tempo ter começado a preparar esses novos cavaleiros do ar, pode já orgulhar-se de possuir um corpo de pára-quedistas à altura de desempenhar com perfeita eficiência essas missões. E novos soldados da boina verde se preparam para experimentar a embriaguez da aventura sideral, abrindo no céu azul o seu largo pára-sol de seda. Ao convite feito pelas entidades competentes para um próximo alistamento responderam — o que não deixa de ser significativo — cerca de dois mil voluntários, dos quais devem ser iniciados nesse novo desporto bélico algumas centenas. Resta-nos fazer votos por que, em vez de serem chamados a executar tarefas de guerra, se limitem a cumprir

missões de paz, tanto mais que descem do céu, como os anjos, e, embora não venham munidos de asas, abrigam-se debaixo da umbrela simbólica.

Preferiu a prisão!

S. PAULO, 6 — Lourival Alves Ferreira foi condenado a 3 meses de prisão por ter causado ferimentos ligeiros a um colega, durante uma desordem. O juiz suspendeu, porém, a pena, com as seguintes condições impostas ao réu: «não se embriagar, não frequentar lugares impróprios e prestar à Justiça normalmente informações sobre a sua conduta».

Espantado, o Lourival não esteve pelos ajustes e, pedindo licença ao juiz, declarou-lhe: «Desculpe, sr. juiz, mas prefiro a cadeia. Essa obrigação, não!» E foi direitinho, claro, à prisão. — (L.).

Preces por Isabel II em todo o território britânico em virtude da boa nova de que espera o terceiro filho

LONDRES, 8 — Amanhã serão feitas preces especiais pela rainha, em todo o território britânico. A imprensa reflecte hoje o rego-

zijo que a notícia de que Isabel II espera o seu terceiro filho, despertou em todo o país e nas nações do Commonwealth. Os jornais publicam fotografias da família real na primeira página, sob grandes parangonas, e nos editoriais felicitam a soberana por não haver desistido da viagem ao Canadá, e por dar aos seus súbditos um exemplo de apego ao seu dever de Estado e de família.

Só o «Financial Times» e o «Daily Worker» não reservaram a novidade o realce que lhe foi concedido pela grande imprensa do país. O primeiro limita-se a anunciar, numa coluna da primeira página, sob as armas reais: «A rainha espera um menino», e o «Daily Worker», a seguir às últimas notícias sobre o encontro Kruchchev-Eisenhower, sublinha: «O Palácio na perspectiva do ruído (n.º 3) de pézinhos pequeninos».

Os outros nove diários londrinos dão largas à sua alegria. «A nação aguarda ansiosamente o dia em que mais um nome será adicionado à linha de sucessão em que a venturosa vida familiar da rainha será mais feliz ainda» — escreve o «Daily Mail». «Toda a gente está



ARTUR COELHO
vencedor da etapa de Castelo Branco

(Continua na última página)

A XXII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

José Pedro de Carvalho (Sporting) é agora o portador da camisola amarela depois da tirada de hoje, ganha por Artur Coelho (F. C. Porto)

(Dos nossos enviados especiais)

CASTELO BRANCO, 8 — (Pelo telefone) — Foi às 7 horas dada a partida para a tirada de hoje, de 143 quilómetros, segundo o livro oficial, entre Estremoz e Castelo Branco, tendo alinhado 64 corrido-

res, por motivo dos Franceses Mingot e Gondin haverem resolvido desistir, quando se encontravam em condições de prosseguir na prova.

Antes do sinal da abalada, os representantes da Rádio, Artur Agostinho; e da TV, José Manuel Marques, foram convidados a envergar,

respectivamente, ao taviense Alcido Neto a camisola amarela e ao portuense Sousa Cardoso a camisola verde.

De início, boa velocidade. Ainda não se tinham extinguido 4 minutos de corrida e já se tomava conta da primeira fuga, por iniciativa de Antonino Baptista, Sérgio Pascoa e Artur Coelho, que rápida-

(Continua na 7.ª página)



Neste novo modelo de bomba, a gasolina é fornecida automaticamente, mediante a introdução de moedas correspondentes à quantidade desejada. A inovação verifica-se na cidade alemã de Essen, mas o aparelho é de fabrico inglês e o dispositivo automático é suíço

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

nas quais se incluem
TRES SUPLEMENTOS:

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

Visado pela
Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

A QUIMERA DO OIRO

EM Moncarapacho, nas terras algarvias de Sol e olhos em brasa, desfazia-se uma velha casa que abrigara gerações e gerações. Fora pertença de D. Maria Isabel Nobre, conhecida por D. Isabel Quintalinho. Imposições de urbanização a condenaram. Era fama que na casa estavam enterradas panelas de ouro. O costume... Conhecem aquela terrível «Batalha sem fim» que Aquilino traçou com o vigor de sempre e em que a sode do ouro leva a tudo abandonar e acaba em sangue, tribunal e miséria! No romance as panelas de ouro estariam enterradas na areia da praia. Outras vezes é em montanhas; as panelas são em geral duas: uma que derramará a riqueza e abundância; e outra que espalha miséria, doença e morte. Mas na casa de Moncarapacho constava que os proprietários tinham emparedado parte da sua riqueza, no tempo das guerras civis em que o Remexido punha a província a ferro e fogo. Ora a casa está a ser destruída. Nos trabalhos andava João Coveiro, de picareta em punho, afastando esta pedra, varrendo a calça e pó. A picareta, de repente, arranca uns sons metálicos e uma panela aparece com algumas centenas de moedas de ouro do século passado. São de cerca de 15 gramas cada uma, devendo valer mais de 600 escudos. E agora começam as complicações porque já meteu guarda republicana e se fala já em prisões. É quimera que se desfaz a do ouro, mesmo quando parece concretizar-se em moedas a luzir e a sorrir...

FEIXE DE NOTÍCIAS

ESTE Agosto de Sol intenso e temporais defeitos está a causar prejuízos consideráveis em todo o País. Em Castanheira do Vouga morreu, vítima de uma farsa, o lavrador António Ferreira Monteiro. Outra farsa esgalhou e chamuscou o cedro monumental que António Feliciano de Castilho plantara quando ali residiu em casa do seu irmão Augusto, que parouquava a freguesia. Em Ganfe, Valença, um raio incendiou medas de feno. Em S. Paio, Penamacor, ardeu parte de um sobreiro e um pinhal, causando muitos prejuízos. As estradas de Mourisca do Vouga estão intransitáveis de tanta água que nelas tem corrido. Em Vila Franca das Naves os prejuízos são grandes, sobretudo em batatais e vinhas. Na Póvoa de Santa Catarina a população esteve em verdadeiro pânico, de tanta água, raios e coriscos...

* Já que quem é pecador
Sofra tormentos, enfim!
Mas as criancinhas, senhor,
porque lhes dais tanta dor
para que sofram assim!

Assim se diz nos versos brandos e sentidos da «Balada de Neve». Mas não só na neve e no frio elas sofrem. Há o tormento do fogo e da morte, rechinadas as carnes tenras e inocentes. Ontem andaram almas de inquisidores à solta por esse País fora, a torturar e matar assim. Em Bemposta, Abrantes, Adelina Matos Rodrigues, de dez anos, morreu carbonizada num palheiro. Em Rabariça, Ribeira de Pena, foi Maria Dias da Costa, de 10 anos, que morreu por se lhe ter pegado fogo ao vestido, quando acendia o fogareiro. Em Sarzedas, Castelo Branco, António da Ascensão Vitorio, de 12 meses, ficou queimado e em estado grave, atingido com água a ferver. Incêndio interior sentiu Maria Angelina da Silva Pinto, de 2 anos, de Maureles, Marco de Canavezes, que bebeu petróleo. Já está livre de perigo. Em Gonçalo, Guarda, não morreu uma criança de 5 anos filha do sr. José Calheiros Leitão; mas pegou fogo a um palheiro em que ficou carbonizada uma junta de vacas. E, se desviarmos os olhos de tanta chama e tanto carvão, vamos encontrar, em Ponta Delgada, José Maria da Silva Amaral, de 4 anos, esmagado sob as rodas de um camião. E uma camioneta, perto de Vila Real, apanhou João de Carvalho Pereira, de 4 anos, que brincava na estrada, e esmagou-lhe uma perna. Está no hospital, a sofrer.

* O ministro da Colômbia em Lisboa, sr. dr. Arcesio Lopez Alvarez, e sua esposa, ofereceram um jantar em honra do ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. embaixador dr. Marcelo Matias, e de sua esposa. No jantar tomaram também parte, acompanhados de suas esposas, os srs. ministros do Ultramar e das Corporações, secretário-geral tubal, o pedreiro António da Glória Viegas, de 37 anos, caiu da moto-copo diplomático.

JORNAL PEQUENO

COM o sr. Presidente do Conselho trabalhou o sr. ministro do Interior. O sr. prof. dr. Oliveira Salazar recebeu o sr. Van Zeeland. Chegou a Lisboa o sr. dr. António Leite de Faria, representante permanente de Portugal junto do Conselho da N. A. T. O. e embaixador de Portugal na capital francesa. * Na Cruz Quebrada morreu subitamente a mendiga Aurora dos Santos, de 43 anos. * No Alto dos Gaios, Alapraia, Cascais, voltou-se um tractor matando o proprietário Justino Luís Capitão, de 47 anos. * Morreu em S. José onde entrara depois de uma queda, Manuel Joaquim, de 79 anos, aposentado da G. N. R. * Em Elvas, morreu Francisco de Jesus Mendes, de 48 anos, vítima de acidente de viação ocorrido há dias com um carro francês. * Dois ciclistas chocaram em Barcarena e recolheram a S. José: António Armando Cardoso e Armando Ramos Calado. * Perto de Setúbal, o pedreiro António da Glória Viegas, de 37 anos, caiu da moto-cicleta e morreu.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º, ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO
SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES
— DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde



NO TERRAÇO DAS ESTRELAS DO HOTEL EMBAIXADOR

música de dança, todas as noites
pela sua ORQUESTRA PRIVATIVA

(M/17 anos)

Exames — julgamento sumário

(Continuação da página anterior)

de estudo e reflexão. Tudo errado, portanto.

Como remediar? A solução ideal, para nós, é claro, constituirá a matéria das alegações deduzidas mais adiante; mas, como solução intermédia, parece-nos que se deveria adoptar, como nos meus tempos, a regra de que a parte escrita, em caso algum eliminaria o examinando. A parte escrita seria uma prova como outra qualquer neste julgamento sem defensor e sem recurso útil; numa parte oral, conforme os casos, o estudante seria serenamente (serenidade que parece ter abandonado alguns professores, competentes, sem dúvida, mas maus pedagogos) inquirido e nesse inquérito se incluíam a pesquisa do seu saber real, na trajectória dos programas, e ainda a crítica aos erros praticados na prova escrita. Num ambiente de compreensão e generosidade, que nunca são inimigas da Justiça, o professor avaliaria, numa visão de conjunto, da qualidade do examinando. De outra forma não. Pode saber-se muito e escrever pouco ou nada; do mesmo modo o quarto de hora na vida do estudante é insuficiente para um julgamento sério e isento de precipitações. E, como é óbvio, esta posição requer a abolição do limite do tempo. Nem o tempo nem a falta de mestres podem ser argumentos a invocar nesta coisa séria que são os exames. Prazos há-os, também, nas decisões judiciais, na sua fase de tramitação processual, mas o julgamento final não pode curar desse argumento frágil e insubstancial. Demore o que demore, o que é preciso é que se julgue bem.

Somos, portanto, contrários a essa maratona com minutos contados e, na dura emergência de não se poder fazer melhor, optamos pelas regras de uma prova escrita, meramente informativa, mas nunca decisória.

Mas não haverá melhor? E é aqui o seguinte ponto desta conversa.

Sem dúvida que sim. O ensino é dos maiores deveres de um Estado moderno. E os deveres têm que se cumprir, ponde de lado razões de tempo ou meras imposições orçamentológicas. Todo o dinheiro que se investir neste sector da vida estadual é investido com incalculável lucro. E' ali, no ensino, que se processam todas as grandes esperanças da Nação, sabido que é através dele que se preparam para a vida complexa dos nossos dias os seres capazes e aptos para defrontar e resolver os seus problemas agudos. As civilizações são grandes e prósperas na medida em que dotam o seu ensino de todas as condições materiais e morais para o pleno êxito da sua alta missão. E' na escola — bem sabemos que é um lugar comum! — que residem as esperanças e é nela que se desenham as

perspectivas do futuro. Um ensino, sem restrições de qualquer espécie, a não ser as que lhe impõem a cultura e a inteligência, constitui a substância viva em que flui as suas raízes o progresso dos povos e a sua felicidade.

Quanto mais escolas melhor. Escolas com professores bem pagos, sem canseiras e sem imposições, seres optimistas, porque sem optimismo não há a indispensável alegria para ensinar.

Um ensino que pudesse processar-se através de escolas suficientes, instaladas em todos os centros de valor populacional (cidades e vilas), e ao mesmo tempo nacionalizado, que é como quem diz oficializado, prescindiria das charradas da prova escrita e do dramático quarto de hora das provas orais. Acabaram os exames e com eles as torturas, as angústias, as perplexidades que a todos tocam — a eles examinandos, a nós pais, ao País inteiro.

Um julgamento assim feito conduziria à Justiça possível no género humano. Mas era, sem dúvida, a melhor Justiça. E é isso que se pretende e que se impõe.

Durante dias, semanas, meses, o estudante seria observado, inquirido, obrigado a escrever e a pensar, a falar e a meditar, defrontando calmamente o papel de vinte e cinco linhas e respondendo, sem pressa e sem nervosismo, ao que lhe fosse perguntado. E se esse nervosismo e essas inibições surgissem, como naturalmente surgiriam, o pedagogo que deve ser um professor que se preze, lá estaria para corrigir, para orientar, para encaminhar, numa progressão psicológica sem a qual os juizes carecem de validade.

Certamente que sempre haveriam os incuráveis, como os há em todas as doenças. Mas os diagnósticos aproximam-se das realidades ou, na maioria das vezes, estaríamos certos. Fazia-se, pois, melhor Justiça.

A dificuldade estaria, pois, e

simplesmente, em corajosamente enfrentar o problema numero um: escolas e professores, que é como quem diz com dinheiro, com todo o dinheiro que fosse preciso para uma obra de rasgadas perspectivas sociais e morais. E para essas o dinheiro não se discute.

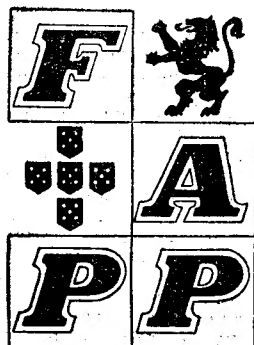
Findo o ano de trabalho os estudantes estavam julgados, num pretório sereno, sem austeridades excessivas, sem um juri, por vezes distraído e preocupado com o tempo, terra a terra, calmamente, como exige a análise de uma alma em formação ou mesmo uma adolescência em crescimento, com todas as suas crises naturais.

Centenas de livros se têm escrito sobre esta questão delicada da psicologia infantil. Para o homem da rua que sou interessado-me, sobremaneira, a opinião estranha, mas peço licença, para, neste depoimento de antigo estudante, antigo professor e de pai de três filhos, afirmar ajuramentado, que os exames, com as excepções que justificam a regra, não são pesquisas do saber alheio, mas antes ratoeiras e armadilhas com a agravante de nelas caírem os réus inocentes que são os rapazes e as raparigas das nossas escolas. E réus sem defensores, não o esqueçamos. E réus sem recurso a não ser a sorte de naquele quarto de hora satisfazer o juiz exigente que tem pressa porque o tempo corre e os portões das escolas têm de se fechar para as merecidas férias para todos. Férias que seriam o corolário justo de uma justa decisão.

Quer corresponder-se com Portuguesas

Por nosso intermédio, o sr. Elder Moreira de Oliveira, residente na Praça da Independência, 191, João Pessoa, Paraíba, Brasil, manifesta o desejo de corresponder-se com raparigas de todo o Mundo, especialmente de Portugal.

FEIRA
DE
AMOSTRAS
DE
PRODUTOS
PORTUGUESES



LEOPOLDVILLE
DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959

Pela SABENA
viajará com a
maior rapidez
e comodidade

EM SUPER DC-6
E SUPER DC-7C



Consulte o seu Agente de Viagens ou a

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

Praça da Alegria, 58, 1.º — Lisboa — Telef. 33538-28401



A POMPADOUR (Sede)

28, RUA GARRETT, 30

Continua a venda com 20% de desconto em todos os artigos expostos nas suas montras e todos os que são de «Boutique».

Saias — Calças — Fatos de Banho — Carteiros — Chapéus — Colares — Robes — Turcos — Luvás — Lenços de seda — Blusas, etc.

A Misericórdia renova o seu material gráfico

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — que organiza e explora a lotaria, recolhendo um terço dos lucros e entregando os outros dois terços ao Ministério do Interior, para este os distribuir pelas outras Misericórdias — tem lutado com o facto de grande parte do seu material gráfico ser antiquado, dando, portanto, um rendimento inferior ao do moderno. Isto tem obrigado a respectiva mesa a estabelecer os planos das lotarias com muita antecedência — basta que se diga que, como ontem noticiámos, já foi aprovado o referente ao último trimestre do ano corrente — a fim de haver tempo para imprimir, não só os próprios planos mas, e principalmente, os próprios bilhetes.

Para remediar tais deficiências, o provedor, dr. José Guilherme de Melo e Castro, e a mesa da Santa Casa resolveram renovar o seu material gráfico; e, assim, entre outro moderno, já está encomendado, devendo chegar antes do fim do ano uma moderna máquina de impressão, cujo rendimento permitirá estabelecer os planos de lotarias com menos antecedência, e até por mês, em vez de ser por trimestre — o que facilitará experiências e modificações que estas aconselhem.

Em ligação com esta tarefa de renovação gráfica, seguiu de avião para a Alemanha, com o sr. José Frederico Telmo, funcionário superior da Imprensa Nacional de Lisboa, o sr. Gerardo de Sousa, categorizado funcionário da Misericórdia. Vão os dois assistir a experiências de máquinas de impressão de bilhetes da lotaria na Alemanha; em Nuremberg, Colónia e Langenfeld.

A visita ao Tejo do contratorpedeiro americano «Hessen»

O contratorpedeiro «Hessen», da Armada norte-americana, que constituiu uma verdadeira estação de radar, atrasou por umas horas a sua entrada no Tejo, onde deve chegar durante a tarde.

O navio atracará à muralha da doca da Marinha, e o seu comandante, Grantham, depois de receber os cumprimentos do oficial de ligação português, tenente Neves da Costa, e do adido naval do seu país, comandante Ally, desembarca para cumprimentar o encarregado de negócios do seu país.

Os cumprimentos às autoridades navais portuguesas, só serão apresentados na segunda-feira.

Passarinhos

— só mortos a chumbo...

O proprietário duma casa de pasto, recentemente estabelecido, pediu ao «Diário de Lisboa» que o elucidasse sobre se podia, ou não, sem perigo de qualquer sanção, vender pardais fritos.

Indagando, junto duma entidade competente, o que havia sobre o assunto, averiguámos o seguinte: Para evitar que se usem na caça, processos proibidos, como redes, armadilhas, ratoeiras, visco, etc., a Comissão Venatória Regional do Sul pediu à Polícia e à Intendência Geral de Abastecimentos que apreenda, levantando os respectivos processos, todas as peças, incluindo os pardais, que não tenham sido mortos, a chumbo.

Por isso, srs. donos de casas de pasto e de cervenarias: se venderem passarinhos caçados por qualquer outro meio, estão sujeitos a apreensão, processo e multa!

TRÊS LEGAÇÕES elevadas a embaixadas

O «Diário do Governo» publicou um decreto-lei, elevando a categoria de embaixadas as missões diplomáticas de Portugal em Berna, na Cidade do México e em Viena.

A CIDADE

Caso do dia

Está um caso de desobediência, em que faltavam os requisitos necessários que a lei exige para ser considerado como tal!

Em frente do magistrado do Tribunal de Polícia, o motorista de uma camioneta, perfilado, frito de cotim, manga curta acima do cotovelo, relógio no pulso, mãos pendentes em cruz atrás das costas, segurando um boné de pala. Era acusado do crime de desobediência a um guarda que o autuou e lhe apreendeu a carta, por ter a camioneta na Avenida da Igreja em lugar proibido. Declarou ao autuante que tinha de sair, com a camioneta, nesse dia, para fora de Lisboa. O guarda disse-lhe que fosse à esquadra do Campo Grande, para lhe passarem o recibo da multa e receber a carta. Respondeu que não ia; e, por esta frase foi preso, acabando por fim por obedecer e ficar na esquadra até ao dia seguinte.

O magistrado perguntou ao autuante se a infracção ao Código da Estrada cometida pelo réu implicava a apreensão da carta, ao que ele respondeu que não.

— Nesse caso não compreendo o motivo da apreensão, nem por que tinha ele de ir à esquadra.

— Era para lhe ser passado o aviso.

— Mas o senhor autuante devia ter-lhe passado o aviso no acto da autuação. A recusa dele, de ir à esquadra, foi legítima, e a ordem ilegítima, pois, nos termos da Constituição, todas as pessoas se podem recusar a cumprir ordens que não sejam legítimas e não obedecem aos requisitos da lei.

— Mas eu só o convidei a ir à esquadra...

— Se foi um convite, não foi uma ordem; e, nesse caso, ele podia recusar-se a aceitar esse convite!

— Era para lhe passar o aviso da multa.

— Mas, se a multa não dava direito à apreensão da carta, ele não tinha de ir à esquadra para esse efeito. O sr. autuante passava-lhe, no local, o aviso da multa e evitava assim transtornos ao arguido, uma vez que ele lhe

O «VERA CRUZ»

regressa a Lisboa
ao fim da tarde

Está prevista para as 19 e 30 a chegada a Lisboa do «Vera Cruz», no qual viajam a missão portuguesa que foi ao Brasil convidar o presidente Kubitschek de Oliveira a participar nas comemorações henriquinas e o ministro das Obras Públicas, que esteve alguns dias na Ilha da Madeira, em visita oficial.

O «Vera Cruz», que ontem fundeu no Funchal, tem tido uma viagem absolutamente normal, segundo informação da Companhia Colonial de Navegação.

Visita a Oeiras

do subsecretário das Obras
Públicas

O subsecretário das Obras Públicas, eng. Saraiva e Sousa, visitou esta manhã a vila de Oeiras, onde foi recebido pelo eng. Alvaro Roquete, presidente da Câmara, e elementos da Municipalidade. Acompanhava-o o eng. Celestino da Costa, da Direcção Geral de Urbanização, com o qual examinou os planos de vários melhoramentos em Oeiras, Paço de Arcos, Caxias, Linda-a-Velha e Amadora.

Restaurante «IMPERIAL» CARREGADO

Nova gerência — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

dissera que tinha de sair de Lisboa. Tanto mais que não havia razão para prisão.

O réu foi absolvido.

Pelos hospitais

MORTE DE UMA CRIANÇA — Faleceu no Hospital dos Capuchos, onde entrara ontem, por suspeita de ter engolido um corpo estranho, o pequenito Miguel Francisco Louro, de 20 meses, residente em Silveira, Torres Vedras.

Conhecer melhor

a cidade

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses, que está a desenvolver um interessante programa de visitas culturais, para proporcionar aos associados melhor conhecimento dos mais importantes serviços públicos da capital, organiza, amanhã, às 15 horas, uma visita à Estação dos Barbadinhos, da Companhia das Águas de Lisboa.

Um autocarro especial partirá às 14 e 45 da sede, onde se aceitam inscrições para a mencionada visita.

Quem perdeu ?

Na secretaria do Regimento de Cavalaria da G. N. R., quartel do Cabeço de Bola, está depositada uma mala com vestidos, encontrada na Calçada da Picheleira e que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Casal alemão

vitima de acidente de viação
na fronteira do Caia

ELVAS, 8. — (Pelo telefone). — A pouco mais de 1 quilómetro do posto fronteiriço de Caia, embateu com uma árvore um pequeno veículo de matrícula alemã no qual seguiam o professor de liceu Kuno Scholkoff, de 69 anos, que conduzia o carro, e sua mulher, Louise Dora Frieda Ella Enuna Weitz Scholkoff, de 76 anos.

Conduzidos numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Elvas ao hospital da Misericórdia local, os feridos foram ali tratados pelo dr. José Cabaco. O condutor do veículo apresenta fractura num braço, e a passageira, cujo estado é mais grave, recolheu à sala de observações.

Desconhecem-se as causas do acidente, pois não havia movimento na estrada quando o desastre se deu.

A compreensão da missão da Imprensa

Tendo surgido quaisquer dificuldades que implicariam com a suspensão das comunicações telefónicas no gabinete da Imprensa na Polícia Judiciária, a intervenção dos srs. ministros da Justiça e das Comunicações, bem como o interesse do director daquela corporação, sr. dr. Lopes Moreira, e da Companhia dos Telefones resolveram o assunto, mantendo-se as comunicações, que são indispensáveis ao serviço jornalístico diário e, por consequência, de interesse público, sendo de assinalar o seu reconhecimento por parte das referidas entidades.

Entrega de moradias

nos bairros da Encarnação
Madre de Deus e Vale Escuro

O Ministério das Corporações e Previdência Social, pelos seus serviços competentes, procedeu à classificação dos concorrentes às novas moradias que constituem as ampliações dos bairros de Casas Económicas da Encarnação, Madre de Deus e Vale Escuro, em Lisboa.

As chaves destas casas estão a ser entregues aos candidatos classificados no respectivo concurso, à medida que os trabalhos de saneamento e de ligação de energia eléctrica se vão concluindo.

Estas moradias, de propriedade resolvel, em numero de 192, foram construídas com dotação do Estado, em execução do programa estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 35.602, de 17 de Abril de 1946, estando prevista para breve a sua entrega ao Ministério das Corporações e Previdência Social pelo Ministério das Obras Públicas.

De acordo com o despacho do Ministro das Corporações e Previdência Social, 80 % das novas casas económicas foram atribuídas a funcionários públicos, civis e militares. Reservam-se apenas 20 % destas casas a sócios dos Sindicatos Nacionais, em virtude de estes terem sido os únicos que puderam concorrer à recente distribuição das moradias dos Bairros de Santa Cruz, em Benfica, e de Queluz, nos quais a Previdência Social investiu cerca de cem mil contos.

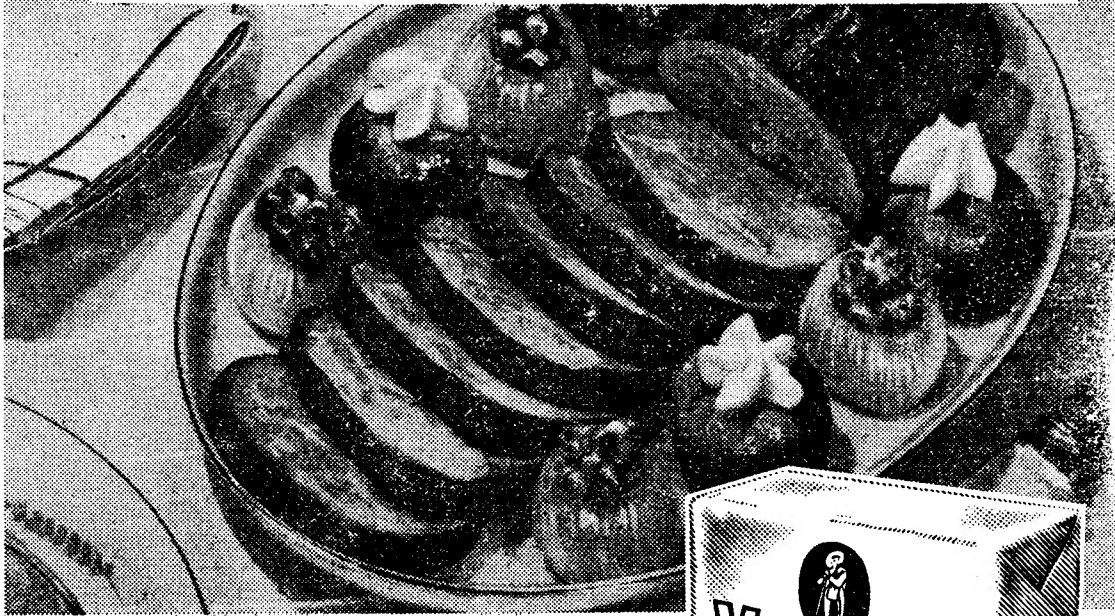
O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se, em MOSCAVIDE, na Agência de Jornais de Jaime Santos, Rua Laureano de Oliveira, 49 A

Lombo de vaca à Parisiense

1 lombo de vaca; 100 g de Vaqueiro; 4 cebolas; 4 tomates; 500 g de ervilhas; 1 dl de vinho branco; puré de batata q. b.; sal e pimenta.

Numa assadeira untada com Vaqueiro, asse o lombo atado à moda de paio, rodeado de cebolas e tomates, tudo muito bem barrado com Vaqueiro. A meio da assadura regue com o vinho branco e tempere, com sal e pimenta e vá depois regando, de vez em quando, com o molho.

Depois de assados, retire os tomates e as cebolas e, com uma colher, faça neles uma cavidade que, nas cebolas, é preenchida com ervilhas cozidas em água e sal e passadas por Vaqueiro quente, e nos tomates, com puré de batata passado pela seringa.



A MARGARINA

Vaqueiro

TORNA TUDO MAIS APETITOSO

59-VA-25R

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA (FIMA), LDA. — SACAVEM

ASPIRINA



TEATROS E CINEMAS

Teatro português

visto de Espanha

O diário madrileño «ABC» publica uma crónica do seu correspondente em Lisboa, Indio de Echalar, que viu a estreia da peça «O Baile», de Edgard Neville, no Teatro Monumental. Fazendo o elogio de Laura Alves e dos dois principais intérpretes da peça diz que «os três cumprem impecavelmente e conseguem dar aos personagens que encarnam a graça, a emoção e a ternura que foram criadas por Neville. A direcção de cena, de António Pedro, prestigioso e jovem director do Teatro Experimental do Porto, e o seu estilo cuidado e moderno, é perceptível nos três actos. A tradução excelente, de Luis Francisco Rebelo».

no teatro MONUMENTAL

Esp. VASCO MORGADO, LDA.
Telef. 55133

HOJE, ÀS 21,45 H.

(Para maiores de 12 anos)



LAURA ALVES

NUMA COMÉDIA QUE ESTA A INTERESSAR VIVAMENTE O PÚBLICO

O BAILE

com PAULO RENATO e RUI DE CARVALHO

PREÇOS DE VERÃO

DE 500

AR REFRIGERADO AMANHÃ: Espectáculo à tarde às 16 horas



FIGUEIRA

— DA —

FOZ

9 DE AGOSTO, ÀS 17.30

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

Simão-Núncio Chicuelo III e José Júlio

FORCADOS AMADORES DE VILA FRANCA

8 TOIROS de Lima Monteiro

Espectáculo para maiores de 6 anos



As 22 horas

NOITE DO TEJO

As 23 horas

MÚSICA E LUZ

Hoje entradas desde 500;

Estudantes e soldados 250

O mesmo bilhete dá direito a assistir aos dois espectáculos

para 6 anos

Atrás do reposteiro

A peça em três actos «Patate», de Marcel Achard, que na segunda-feira entra em ensaios no Teatro Avenida, foi traduzida pelo escritor Manuel Fragoso.

— Pinto de Campos, na futura época de Inverno apenas prestará a sua colaboração artística nos espectáculos que as empresas dos teatros Monumental e Maria Vitória vão apresentar.

— O elenco da Sociedade Artística Popular, que, no dia 15, inicia as suas actividades, com espectáculos em Monforte é formado pelo seguinte: artistas: Carlota Calazans, Rosa Cerca, Maria Quêrille, Juij Fonseca, Margarida Ferreira, Humberto Andrade, Alfredo Amaral, Fernando Duarte e Carlos Valério.

— Amanhã terminam no Teatro ABC as representações da revista «Mulheres à vista», fechando o teatro para se começar a ensaiar a nova revista «Delírio em Lisboa».

— O grupo cénico do Centro de Recreio Popular, de Viana do Castelo apresenta no Concurso de Arte Dramática para Amadores a peça «Prémio Nobel».

— No Teatro-Cine da Chamusca, é representada amanhã, pela companhia de que faz parte Irene Isi-

dro, a comédia «Eles, elas... e os meninos».

— A peça «A falecida», original do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues será representada no Capitólio, pela companhia Maria Della Costa.

No Teatro Avenida

João Villaret vai interpretar «O Patate»

Quebrando a rotina da época estival nos nossos teatros, Vasco Morgado continua a apresentar teatro com considerável nível, interpretado por actores de incontestado mérito. Assim, vai estreiar-se, dentro em breve, no Teatro Avenida, a peça «O Patate», de Manuel Achard, que terá João Villaret no protagonista. Entre os outros intérpretes destacam-se, Rogério Paulo, Alma Flora, Maria Paula e Lourdes Norberto. A encenação é de Fernando Gusmão.

No Teatro ABC

últimas representações de «Mulheres à vista»

Encerra-se, amanhã, a carreira

(Continua na página seguinte)

É UM ENORME ÉXITO! por isso todas as noites no **COLISEU** AS 21 E 23 HORAS

O PÚBLICO RI E APLAUDE DELIRANTEMENTE

ROSE RONDELLI **GOETINHA**

ALVARO PEREIRA **CARLOS ALVES** **MARIA DOMINGAS**

ANITA GUERREIRO **MARIA ADELINA** **LUISA DURÃO**

A FRENTE DUMA GRANDE COMPANHIA NA VITORIOSA REVISTA POPULAR

HA' FEIRA NO COLISEU! ESPEC. P.º AD. M/ DE 17 ANOS

AMANHÃ, ÀS 16 H., 1.º ESPECTÁCULO À TARDE
EMPR. RICARDO COVÕES (FILHOS) e TEATRAL AVENIDA, LDA.

VALE DE LOBOS

Curia de Lisboa

a 360 m. de altitude e apenas a 20 km. de Lisboa encontra V. Ex.º um novo Hotel com todas as exigências da vida moderna.

HOTEL VALE DE LOBOS

Esmerado serviço de Restaurante, Salão de Chá, Piscina, Ténis, Patinagem, Jardins de Encanto.

Aos sábados e domingos musica de dança pelo

«CONJUNTO TONY DOMINGUEZ»

Faça a sua reserva sem demora

Telefs. 094846 e 094843

ABC

EMP. TEATRAL ABC, LDA — Tel. 366745

Às 21 e às 23 horas

PARA MAIORES DE 17 ANOS

JOSE MIGUEL APRESENTA

SÓ HOJE E AMANHÃ

A SENSACIONAL REVISTA

MULHERES À VISTA!

O CIRCO FRANCÊS PRIN

NA SUA «TOURNÉE» POR PORTUGAL

30 TERRAS PORTUGUESAS ADMIRARAM JÁ ESTA MARAVILHA CIRCENSE!!!

Mais de cem mil espectadores no mês de Julho

Pode classificar-se de verdadeiro acontecimento a actuação do Grande Circo Francês Prin, um dos maiores e melhores circos de França, que o arrojo e o dinamismo do empresário Erico Braga trazem em digressão por Portugal desde o dia 1 de Julho. Desde a sua entrada no nosso País, pela fronteira de Badajoz, vai para um mês, mais de cem mil espectadores desfilaram já sob o seu «chapiteau» para presenciar um dos mais fantásticos espectáculos de circo que têm sido vistos na nossa terra, até hoje. O famoso Circo Prin viaja com sessenta viaturas motorizadas e mais de duzentas pessoas, entre artistas e técnicos. A sua admirável organização ambulante, uma das mais perfeitas da França, permite instalar o circo no incrível espaço de tempo de duas horas, um «record» nesta classe de realizações. O Circo Prin actua um unico dia em cada terra — o máximo dois — para assim poder levar a todas as cidades e vilas de Portugal a força convincente do seu programa excepcional, que inclui vinte atracções internacionais e cem animais e feras, entre as quais figuram maravilhosas colecções de tigres, leões, panteras, ursos brancos, elefantes, lamas, cavalos, etc. No seu Parque Zoológico, patente ao publico logo que a caravana chega a qualquer terra, figura um gigantesco hipopótamo de 2.500 quilos de peso, que viaja numa piscina motorizada que contém 4.000 litros de água. O Circo Prin encontra-se actualmente percorrendo Espinho, Anadia, Leiria, Marinha Grande, Nazaré, Alcobaça, Caldas da Rainha, Peniche, Bombarral, Torres Vedras, Ericeira, seguindo depois para Cascais, Oeiras, Vila Franca de Xira, Santarém, Rio Maior, Porto de Mós, Figueira da Foz, Cantanhede, Pombal, Vila Nova de Ourém, Tomar, Abrantes, Ponte de Sor, Moura, Coruche, Salvaterra de Magos, Benavente, etc.

Portugal está perante um acontecimento sem precedentes na história do Circo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em RIO MAIOR na TABACARIA SANTANA

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P.º B. X. 29807

Esplanada do Rato

Única no género em Lisboa
COZINHA A PORTUGUESA
R. S. FILIPE NERY 23

CAMPO PEQUENO

A INCONFUNDIVEL PERSONALIDADE DO CAVALEIRO

João Núncio

VAI DE NOVO REVELAR-SE NA GRANDE CORRIDA QUE SE REALIZA NA

5.ª feira, 13, às 22 horas

AGORA NA COMPANHIA DE OUTRO EXCELENTE CAVALEIRO

David Ribeiro Teles

ESPADAS:

José Trincheira e Alfredo Sanchez

o Leão do Alentejo e o venezuelano que triunfou em Portugal

FORCADOS AMADORES DA ESTREMADURA

de que é cabo o Ex.º Sr. Miguel Morais Correia da Cunha
8 touros de casta espanhola. 4 de João Branco Nuncio (Morube), e 4 de David Ribeiro Teles

Preços desde 22\$50

A bilheteira dos Restauradores, 7, abre na Segunda-feira, 10 (Maiores de 12 anos)

ÚLTIMO DIA ÚLTIMO ESPECTÁCULO
ÀS 16 H.
AMANHÃ

Teatros e Cinemas

(Continuação da pagina anterior)

da revista «Mulheres á vista!», de Nelson de Barros e José Viana, que com grande êxito tem estado em cena no Teatro A B C.

Quem ainda não pôde apreciar esta revista, deve aproveitar os derradeiros espectáculos. Amanhã, haverá matinee ás 16 horas.

Reposições

«O 3.º homem», no Eden

«O 3.º homem», o notável filme de Carol Reed sobre o romance de Graham Green, voltou a aparecer no «écran» do Eden e mereceu as galas de uma primeira exibição absoluta, pois o publico acorreu em massa.

Pouco de novo há a dizer sobre este filme primorosamente contado por Reed e insuperavelmente vivido por um grande «cast» de actores, no qual se incluem Orson Welles, Joseph Cotten, Alida Valli e Trevor Howard.

É curioso voltar a notar a integração do personagem de Harry Lime na linha dos personagens encarnados por Orson Welles, que sempre nos aparece na criação de homens notáveis, de superhomens frustrados. A galeria é já longa e nela se incluem igualmente Othello Macheth, Arkadin, Kane, Amberson e todos os outros. A sua presença torna-se ainda mais notória, quando, logo após o seu aparecimento, o filme ganha, nitidamente, um novo ritmo.

Resumindo, tudo o que gostaríamos de dizer e o espaço não nos permite diremos apenas: um filme a não perder: um filme para voltar a ser visto. — Visor 32.

«Nunca digas adeus», no Aviz

O grande êxito alcançado por «Nunca digas adeus», um filme altamente sentimental produzido á maneira americana, levou os exibidores a trazê-lo de novo a publico, pouco tempo passado sobre esse êxito ainda fresco.

Para além de uma história emocionante, constitui elemento de grande atracção neste filme, a presença de actores como Rock Hudson e Cornele Borghers, muito populares entre os nossos cinéfilos, e a grande mestria de George Sanders.

Um êxito do passado que deve voltar a repetir-se. — Visor 53.

«Os 10 da legião», no Condes

«Os 10 da legião» é um excelente filme de aventuras que nos narra as peripécias dos soldados da Legião Estrangeira nas suas tentativas de domínio no Norte de Africa. Filme naturalmente imaginativo, sem grandes contactos com a realidade, que realiza a sua função de distrair, Burt Lancaster interpreta com a sua habitual virilidade um heróico legionário e Jody Lawrence é uma sedutora odalisca. Complementos agradáveis. — Visor 47.

No São Jorge

continua «Tentação»

Há cerca de 25 anos, Erskine Caldwell publicou um livro intitulado «God's Little Acre», de que se venderam imediatamente nove milhões de exemplares e de que se fizeram traduções em 24 países.

A obra provocou o maior escândalo nos Estados Unidos e Caldwell chegou mesmo a ser chamado aos tribunais.

O Cinema não se atrevia a filmar o discutido «best-seller», e foi preciso que o próprio Erskine Caldwell tomasse a iniciativa de levar a sua obra á tela, associando-se ao produtor Sidney Harmon e ao realizador Anthony Mann.

O filme, que recebeu o título português de «Tentação», tem como intérpretes principais Robert Ryan, Aldo Ray, Tina Louise, Buddy Hackett e Fay Spain.

«Tentação» mantém-se no cartaz do São Jorge, só até quinta-feira, á tarde, em três sessões diárias.

MATRÍCULAS

Centro Republicano dr. Alberto Costa

No Centro Escolar Republicano dr. Alberto Costa encontram-se abertas as inscrições para as quatro classes do curso primário diurno, masculino, admitindo-se alunos de idade compreendida entre os 7 e os 12 anos. Na secretaria, Rua dos Remédios, 164, 1.º, das 21 ás 23 horas, prestam-se todos os esclarecimentos.

A ofensiva

contra os especuladores

Os serviços de fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos continuam activos e atentos contra as manobras dos especuladores, não só na capital como em vários pontos do País.

Foram, assim, remetidos aos tribunais processos contra talhantes e retalhistas de mercearia, de Alcobaça, Almeirim, Vieira de Leiria, Cabaços (Alvaiázere), São Martinho do Porto e Ervidel (Aljubarrota), por especulação com os preços da banha, do toucinho e do chouriço.

Aacusados, também de terem especulado na venda destes artigos ao publico, os tribunais condenaram, entre outros, os retalhistas: Alvaro Prata, de Santarém, em 3 meses e 10 dias de prisão, remíveis a 30\$00 por dia, e 550\$00 de multa e imposto; Manuel Dias Felizardo, de Alpiarça, 30 dias de prisão a 30\$00 e 600\$00 de multa e imposto, e José António dos Santos, da Costa de Caparica, 8 dias de prisão a 10\$00 e 600\$00 de multa e imposto.

VIDA MILITAR

Convite para bibliotecário na Academia Militar

A Academia Militar convida tenentes-coronéis, maiores ou capitães, na reserva, para o preenchimento do cargo de seu bibliotecário. As declarações devem ser dirigidas ao comandante da A. M., até 20 deste mês, indicando as habilitações e funções desempenhadas.

Tauromaquia

Pepe Luis ressentido da colhida de Lisboa

VITÓRIA, 8 — Pepe Luis Vazquez, vindo de Lisboa muito contuso e quase sem poder usar da mão esquerda por ferimento ali recebido, foi ovacionado no 1.º touro ao lancear á «verónica» com suavidade e arte. Com a «muleta» começou por alto, com eficácia e elegancia. Apesar de ter ligada a mão esquerda, deu cinco passes naturais. Estocada em bom sítio e «descabelo», Palmas á qualidade e protestos á brevidade.

No seu 2.º touro, difícil, abreviou e entrou rapidamente a matar, o que deu lugar a mais protestos. O presidente autorizou Pepe Luis a abandonar a praça. — (E.)

As colhidas de Cáceres e «Chicuelo II»

MALAGA, 8 — Mantém-se o estado de gravidade de Pepe Cáceres e de «Chicuelo II», ambos colhidos nas corridas da feira desta cidade. Para os substituir, e a Luis Miguel e António Ordoñez, colhidos em Valência e Palma de Maiorca, foram convidados Pepe Luis e António Bienvenida. — (E.)

Município de Loures

O Município de Loures abriu concurso para o fornecimento de 600 contadores de água e 500 de electricidade.

As festas de Verão na praia de Quarteira

PRAIA DE QUARTEIRA, 8 — Continua a decorrer com a maior animação o grande festival de Verão desta praia, iniciado no dia 1.º Hoje, inaugurar-se-á o Concurso Folclórico Algarvio, com a exibição do rancho de Santo Estevão. No dia 11, apresentar-se-á a artista Maria José Valério. No dia 14, o sr. eng.º Silva Carvalho fará uma conferência sobre as possibilidades de exploração e valorização das Termas de Fonte Santa.

ACAMPAMENTO

do Corpo de Escutas em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 8. — Na quinta de S. Lourenço foi hoje inaugurado o 2.º Acampamento dos Camiñeiros do Corpo Nacional de Escutas, de que fazem parte centenas de jovens de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Viseu, Guarda, Barcelos e Viana do Castelo.

ROTARY CLUBE

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, o sr. Manuel Gonçalves Monteiro, ilustre inspector superior das Alfandegas do Ultramar, proferirá a segunda parte da sua palestra intitulada «Breves considerações sobre a unidade económica nacional», tratando de «Aspectos da politica económica».

A margem da semana

COISAS DE HOJE

Apesar das muitas coisas graves, que andam no ar, mesmo sem aludir aos aviões, falemos de coisas ligeiras, embora admitamos que possam, por transição, tornar-se graves as que parecem frívolas.

Vai-se discutindo muito a moda, que pretende lançar o sr. Saint Laurent, herdeiro de Dior, que muita gente, que não tem dado opinião, deseja ver na grelha, como o seu patrono S. Lourenço...

Ora, pois, como se tem lido, quer o dito senhor que se usem as saias a cima do joelho. A maioria das opiniões, que têm vindo á Imprensa lisboeta, é contrária á saia que deixa o joelho á vista e alegam, como razão primária, que o joelho, em geral, não é bonito.

Concordamos, mas para haver coerência, em tal argumento, é preciso então recomendar ao sector interessado, isto é o das raparigas e senhoras novas, que, ao sentarem-se nos «eléctricos» e nas salas, tenham o cuidado de não exhibir esses mesmos joelhos, bonitos, formosos, saias com pouca roda, ou porque entendam, iludindo-se ou não, que os joelhos em causa não são tão feios como dizem...

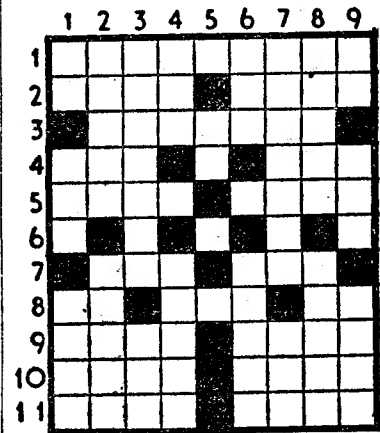
E' preciso recomendar, também, ás mesmas jovens, que quando vão para o banho na piscina ou no mar, ou tomam banho de sol, usem joelheiras, de modo a ocultar, emvergonhados, os joelhos que se discutem.

Se se trata apenas de joelhos, é isto que nos ocorre, mas se se trata da boa moral e do bom senso português, então, é melhor moderar e corrigir a onda de selvajeria que nos tem vindo do estrangeiro. Nós não descobrimos uma boa parte do Mundo para adoptar os costumes indígenas, mas ao contrário, para os cristianizar. Parece-nos que, em boa lógica, é assim.

MARIA DE CARVALHO

Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 1679



HORIZONTAIS: 1 — Canto (onomatopéico) da galinha e outras aves. 2 — Cinchos. Tosco. 3 — Gritaria. 4 — Negativa. Nome de uma letra. 5 — Burra. Anual. 6 — Tempo do verbo ser. 7 — Freguesia do concelho de Esposende. Expelir ovos. 8 — Batráquio. Interjeição que significa «põe-te lá fora». Preposição. 9 — Negra. Conjunto de habitantes de um país. 10 — Tombar. Passaros. 11 — Abale. Nome de uma flor.

VERTICAIS: 1 — Entre nós. Navio antigo. Casta. 2 — Arrostas. Que mata. 3 — Cidade da Alemanha. Gracejou. 4 — Pegadeira. Reza. 5 — Nociva. 6 — Data célebre. Comer. 7 — Fazendo juramento. Origem. 8 — Arma branca curta, mais larga e pouco maior que o punhal. Contra-tempo. 9 — Nota musical. Flanco. Rio de França.

Solução do problema n.º 1678

HORIZONTAIS: 1 — QUEM. NA. DA. 2 — Marés. 3 — Ar. Lei. Lã. 4 — Sãs. Lis. 5 — Emir. Rodó. 6 — PROMETE. 7 — Rã. Si. 8 — Antes. 9 — NADA. DEVE. 10 — Elar. Eras. 11 — Só. Aos. Ia.

VERTICAIS: 1 — Quase. Ranes. 2 — Rampa. Alo. 3 — Em. Sir. Ada. 4 — Mal. Rosnara. 5 — Rei. 6 — Nei. Reledes. 7 — As. Lot. Ser. 8 — Lides. Vai. 9 — Acaso. Ilesa.

Provérbio: Quem nda promete nada deve.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Parapoga

Telet. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO (ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

UM ELENCO EXTRAORDINARIO NÃO SE FALA NOUTRA COISA!

A ESCULTURAL ATRACÇÃO

BALLET PANTERITA Y SUS MODELOS

MOCIDADE!... BELEZA PLASTICA!... ESTILO MODERNO!...

Baile por ESTEVAO e sua orquestra, com Manuel Serrano

Parque dos Cinemas

SAO LUIZ TEL. 27173 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos) A maior epopeia da América... contada pelo maior mestre do cinema! ALIANÇA DE AÇO com Barbara Stanwyck e Joel McCrea	EVOLU TEL. 50595 Tudo o acusava! Tudo o ameaçava! Mas estava inocente! SEM ALIBI com O. E. Hasse 15.15, 18.15 e 21.30 Êxito total! A história de três vidas debatendo-se na teia de um segredo.	IMPERIO Tel. 55134/5 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos) 2.ª SEMANA Mylene Démongeou Henri Vidal Isa Miranda no filme de alto sentido passionnal e invulgar realismo A MULHER QUE COMPROU O AMOR AR CONDICIONADO
EDEN TEL. 26768 15.30, 18.30 e 21.45 (M/17 anos) O inesquecível filme de Carol Reed com Orson Welles, Alida Valli e Joseph Cotten O 3.º HOMEM	POITANA TEL. 26301 15.15, 18.15 e 21.30 Êxito total! A história de três vidas debatendo-se na teia de um segredo.	SAO JORGE BALCÃO 5415A PLATEIA 5415B 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos) ROBERT RYAN, ALDO RAY e TINA LOUISE em TENTAÇÃO Uma fustigante história de paixões acasas! AMBIENTE REFRIGERADO
ALVALADE telefone 63080 15.45 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) Um a inesquecível produção de Cecil B. De Mille ALIANÇA DE AÇO com Barbara Stanwyck e Joel McCrea á frente de milhares de figurantes	CONDES TEL. 22553 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 a.) Reposição do filme que todos desejavam ver novamente OS 10 DA LEGIÃO com Burt Lancaster e Jody Lawrence	MONUMENTAL TEL. 55131 15.15, 18.15 e 21.30 (M/12 anos) 2.ª SEMANA Uma história cheia de encanto e ternura O REBELDE ORGULHOSO c/Alan Ladd e Olivia de Havilland
ODEON telefone 26283 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos) Marisa Allásio em CARMELA É UMA BONECA Uma comédia picante e maliciosa	AVIS Tel. 47163 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) Um a história de amor excepcionalmente dramática NUNCA DIGAS ADEUS com Rock Hudson e George Sanders	CAPITULO TEL. 27493 NO TERRAÇO: 21.15 (M/12 anos) Superscope IMPERIO DOS MALVADOS c/ Richard Denning Colorido PRISIONEIRAS DO CASBAH com Glória Grahame
ROYAL TEL. 445037 21.00 (M/17 anos) com John Howard INTERLUDIO SECRETO com Richard Egan	RAVILHAO PORTUGUES (Parque Mayer) 2.30 (M/12 anos) Cinemascope ESCANDALOS EM TOQUIO c/ Robert Wagner	RESTO telefone 510175 21.45 (M/12 anos) Cinemascope TARZAN E A TRIBO NAGASU com Gordon Scott
CINEMA IDEAL 21.00 (M/17 anos) VENCER OU MORRER Cinemascope ALDEIA EM FUGA	ESPLANADA PORTUGUESA 21.30 (M/17 anos) Cinemascope techn. ESCRAVAS DE CARTAGO O GIGANTE DOS MARES	LIZ TEL. 48560 21.00 (M/12 anos) Cinemascope ESCRITO PELO DESTINO DUELO DE GIGANTES O ULTIMO HURRAH 21.30 (M/17 anos) com Spencer Tracy

DESPORTOS

VELA

Os irmãos Soares de Oliveira comandam a classificação geral do Campeonato de Portugal de "Snipes"

SETUBAL, 8 — (Pelo telefone) — Com vento sudoeste, num percurso de ida e volta, aproximadamente 5 milhas, disputou-se, hoje a 4.ª regata do Campeonato de Portugal de "Snipes". A largada foi dada perto do meio-dia, tendo logo tomado a posição de comando que não viria mais a perder o "snipe" dos irmãos Soares de Oliveira, grandes favoritos da competição.

A luta para a conquista dos lugares secundários estabeleceu-se principalmente entre José Resende e Eduardo Queirós. A classificação final da regata foi a seguinte:

1.º, Helder e Rolando Soares de Oliveira (B. N.); 2.º, Eduardo Queirós e Martin Arnoso (C. N. C.); 3.º, José Resende e Gabriel Rodrigues (C. N. L.); 4.º, Jaime Sacadura e Guilherme Bastos (B. N.); 5.º, Luís Brito e José Brito (Algés). Completaram a prova mais onze tripulações. Foi desclassificado Vitor Fortes (B. N.). Após esta regata ficou á frente da classificação geral, com a preciosa vantagem de três primeiros lugares, Helder e Rolando Soares de Oliveira, seguidos de Luís e José de Brito.

A hora a que encerramos esta notícia está a disputar-se a quinta (penúltima) regata do campeonato.

Pinto Ribeiro está em 54.º lugar na Taça de Ouro dos «Finns»

COPENHAGUE, 8 — Taça de Ouro dos «Finns» — Na classificação geral, depois da penúltima regata, Pinto Ribeiro está em 54.º lugar, com 2.902 pontos, e Teixeira da Fonseca, em 69.º, com 2.311 — (F. P.).

NATAÇÃO

Baptista Pereira prepara-se para a travessia da Mancha

Baptista Pereira, prosseguindo na sua preparação com vista à Travessia da Mancha, realiza, amanhã, uma prova no percurso Terreiro do Paço-Cascais-Terreiro do Paço. Baptista Pereira, que dedica esta prova ao sr. António Sammer Champallimaud, lança-se á água entre as 6 e as 6 e 30 horas e a sua chegada ao Terreiro do Paço está prevista para as 18 e 30.

FUTEBOL

Bispo comprou ao Sporting a sua carta de desobrigação

Bispo, o habilidoso jogador que desde a categoria de juniores tem representado o Sporting, comprou directamente ao seu antigo clube a carta de desobrigação. Os dirigentes leoninos acederam na saída do jovem futebolista, perdendo uma importante pedra para os seus quadros.

Segundo se crê, Bispo irá enfileirar noutro clube grande.

Provas desportivas de amanhã

ATLETISMO — No Estádio do Restelo, com vista ao 2.º encontro Portugal-Espanha, em juniores, a F. P. A. faz disputar, a partir das 16 horas, algumas provas, destinadas a atletas de Lisboa: 400 m. barreiras, disco, 100 metros, comprimento, 400 metros e martelo.

— O Belenenses promove, nas suas pistas do Restelo, às 9,30 horas um torneio de atletismo, para sócios e simpatizantes, com as seguintes provas: 80, 700, 2.000 metros, comprimento, altura e peso.

CICLISMO — A Associação de Ciclismo de Faro, com a colaboração do jornal «Comércio de Portimão» promove uma prova destinada a «populares», entre Portimão-Silves-Lagos-Portimão, na distância de 75 quilómetros. A partida está marcada para as 10 horas.

— Disputa-se o 8.º Circuito Ciclístico de Tires, em 15 voltas, no total de 50 quilómetros, no percurso Matos-Cheirinhos, Aboboda-Tires e Matos-Cheirinhos. A prova começa às 14 horas.

— A Associação dos Bombeiros Voluntários de Barcarena promove na distancia aproximada de 60 quilómetros, uma prova para «populares».

HIPISMO — O Concurso Hípico Internacional de Pedras Salgadas, tem amanhã a sua 2.ª jornada, no hipódromo das Romeiras.

Do programa constam duas provas: «Avelames» e «Governador Civil de Vila Real».

HOQUEI EM CAMPO — No Restelo, de manhã, final de um torneio inter-sócios, seguido de almoço.

NATAÇÃO — Os Campeonatos de Portugal, de natação pura, de «iniciados» e «aspirantes», têm amanhã a sua 2.ª e última jornada, na piscina do Algés e Dafundo, a partir das 15,30 horas. Eis o programa: 100 m., livres, iniciados (masculinos), 100 m., livres, aspirantes (masculinos), 100 m., livres, iniciados (femininos), 100 m., livres, aspirantes (femininos), 400 m., livres, iniciados (masculinos), 400 m., livres, iniciados (femininos), 100 m., mariposa, aspirantes (masculinos), 100 m., mariposa, iniciados (femininos), 400 m., livres, aspirantes (femininos), 400 m., livres, aspirantes (femininos).

(fem.), 100 m., costas, iniciados (masculinos), 800 m., livres, aspirantes (masculinos), 100 m., bruços, aspirantes (fem.), 100 m., mariposa, iniciados (masculinos), 100 m., costas, aspirantes (masculinos), 4x100 m., estilos, iniciados (fem.), 4x100 m., estilos, aspirantes (fem.), 4x200 m., livres, iniciados (masculinos) e 4x200 m., livres, aspirantes (masculinos).

— O Torneio Regional de Escolas de Nadadores (Infantis), organizado (pela 3.ª vez) pela A. N. L., principia, às 10 horas, na piscina do Pedrouços. A ordem das provas é esta: 50 metros, livres, masculinos (elim.), 50 m., costas, femininos (elim.), 50 m., mariposa, masc. (elim.), 50 m., bruços, fem. (elim.), meias finais das duas provas masculinas, anterior, 4x50 m., estilos, fem. (elim.) e 4x50 m., livres, masc. (elim.).

— O nadador Baptista Pereira realiza mais um treino com vista à travessia da Mancha, propondo-se nadar entre Lisboa-Cascais e volta.

PEDESTRIANISMO — A Comissão de Festas da Galiza, S. João do Estoril, promove uma corrida de 5.000 metros, para «populares».

TIRO AOS POMBOS — No stand do «Goulão», 3.ª e última jornada das provas internacionais do Clube Internacional de Tiro aos Pombos do Estoril. A's 12 horas inicia-se o Grande Prémio «Goulão», seguindo-se a Taça «Vencedores».

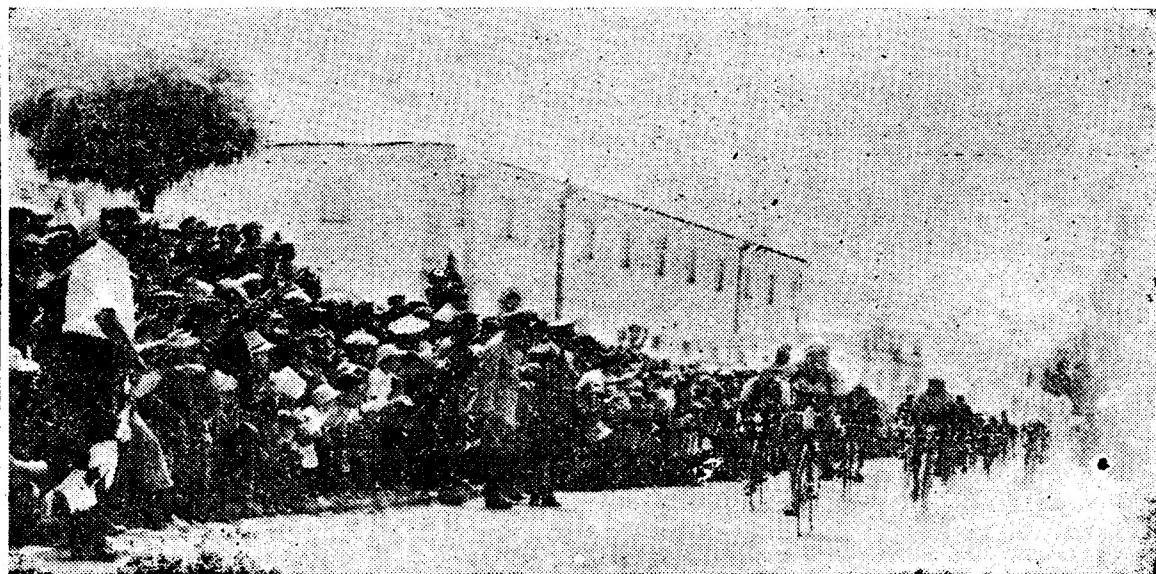
VELA — A Secção Náutica do Clube Oriental de Lisboa para festejar o seu 13.º aniversário promove um festival, que inclui regatas de pequenos cruzeiros, «sharpies» de 12 m2, «finns», vougas, «snipes» e «moths». As largadas serão dadas a partir das 14 horas, com intervalos de 10 minutos.

Antes, às 13 horas terá lugar a cerimónia de lançamento á água de duas novas unidades da classe «moths».

— Em Setubal ultima regata (6.ª) do campeonato nacional de «snipes».

VOLEIBOL — Em Espinho, última jornada do campeonato nacional de voleibol, da 1.ª Divisão. As 16 h.: Técnico-Espinho; às 17 h. Leixões-Benfica.

A volta a Portugal em bicicleta



O taviense Sérgio Páscoa adiantou-se ao pelotão e vai cortar a meta em Estremoz, ganhando a etapa e provocando alterações sensíveis na classificação

O «caso» de Tavira apreciado pelos componentes da equipa que comanda a classificação geral

Todas as equipas da «Volta» têm os seus problemas, as suas preocupações, os seus azares e também as suas alegrias. Têm, pois, o seu «caso», uma vez momentâneo, outras duradouro. Ocupemo-nos hoje da equipa da Tavira, cuja actuação no começo da prova foi encarada com certo cepticismo, mas que nesta altura é apenas... a primeira da classificação geral.

Desde o começo orientada por Eduardo Guerreiro, demonstrava um conjunto de qualidades digno de realce. Se os ares da terra não lhe foram desta vez grandemente propícios, galgado quase todo o Alentejo eis que o conjunto taviense se alcançou a uma posição de grande evidência, a todos os títulos merecida. Trata-se, por conseguinte, de um «caso» de afirmação de possibilidade.



Sérgio Páscoa, o corredor do Ginásio de Tavira, vencedor da 9.ª etapa

des, nas quais decerto poucos acreditariam. Está, assim, de parabéns todo o Algarve, que terá julgamos, nos rapazes de Tavira a sua melhor equipa de todos os tempos.

Este «caso» vai ser apreciado pelas três «vedetas» da equipa na tirada de ontem. Eis, pois, o que nos disseram Jorge Corvo, Alcido Neto e Sérgio Páscoa.

O «camisola amarela» falou-nos assim:

— Viemos á prova para aprender e também para que comecem a reparar em nós. Até agora, temos razões de sobra para estarmos satisfeitos.

Sérgio Páscoa, o vencedor da etapa de Estremoz, declarou-nos:

— Não há dúvida de que a nossa classificação nos enche de orgulho,

mas ela não nos há-de deslumbrar. Sabemos muito bem o lugar que pretendemos alcançar no ciclismo português. Está, claro, ainda muito longe. Mas, para principiar, não foi nada mau...

Por ultimo, disse-nos Jorge Corvo, um dos que mais tem lutado por uma boa classificação:

— A «Volta» é muito dura e nós somos ainda um pouco inexperientes. De início, principalmente no Algarve, não tivemos sorte, agora, porém, as coisas melhoraram. Quando há vontade!...

NUNO MOTA

Cartão de visita Quem é Alcido Neto

Uma das revelações da Volta é, sem dúvida alguma o taviense Alcido Neto. Bem dotado fisicamente, tem demonstrado excelentes faculdades de estradista. Conquistou, ontem, a camisola amarela, confirmando, assim, a lisonjeira opinião que dele havíamos recolhido desde segunda-feira. Com um pouco de mais experiência, se rá, naturalmente, um dos nossos melhores corredores.

Perguntámos-lhe: — Seu nome completo? — Alcido Neto. — Onde nasceu? — Em Quelis, próximo de Tavira. — Idade? — Vinte e dois anos. — Quando começou a praticar o ciclismo? — Verdadeiramente, o ano passado. Foi nessa altura que consegui a minha primeira máquina de corrida.

— Já conhecia a Volta? — O ano passado, vim cá, mas tive de desistir por ter fracturado uma rótula.

— Porque veio para o ciclismo? — Desde garoto que pensava nele.

— E qual era o seu «ídolo»? — Sousa Cardoso.

— Que pensa da camisola amarela? — Que é uma coisa muito bonita, mas, também, muito pesada...

— Agora, que pensa fazer? — Desejo conservar, naturalmente, a camisola amarela, mas creio que isso me vai ser muito difícil, embora não desconheça que poderei contar com o apoio de todos os meus colegas de equipa. Mas os adversários são tão bons e têm tanta experiência!...

— Além da permanência no 1.º lugar, qual a sua maior ambição? — Tornar-me um bom corredor, de maneira que mereça a honra de disputar a Volta á França.

N. M.

Sem ser indiscreto...

1 — Quanto dinheiro pensa ganhar na Volta?
2 — Corre por gosto ou para ganhar dinheiro?
3 — Quando um adversário foge, que lhe apetece fazer?
4 — Qual o adversário que mais teme?
5 — Se não alinhasse pelo seu actual clube, em qual o gostaria de fazer?

Agora, as respostas:

Emídio Pinto

1.º — Dez contos já me satisfaziam.
2.º — Um pouco pelas duas coisas.
3.º — Em fuga, nunca tal me aconteceu. No pelotão, ou tenho pernas e vou atrás deles ou não tenho e... deixo-os ir.
4.º — Todos quantos estão com sorte.
5.º — Em mais nenhum, pois o F. C. Porto é para mim o primeiro e o ultimo.

Joaquim Carvalho

1.º — Não penso nisso, pois podem sair furadas as contas...
2.º — Dantes, era mais por dinheiro do que por gosto; agora, é mais por gosto do que por dinheiro.
3.º — Primeiro, há que atender á minha disposição de momento. Se estou bem e com forças, tento acompanhá-lo; em caso contrário, esqueço-me do desgosto que isso pode dar.
4.º — Quando estou em «forma», não tenho medo de ninguém; quando não estou, tenho medo de todos.
5.º — Agora já é tarde, mas se não o fosse também não teria preferências.

As próximas etapas

Amanhã:

Castelo Branco-P. da Saude

Os corredores da 22.ª «Volta a Portugal» têm amanhã a 11.ª etapa, entre Castelo Branco e Penhas da Saude, na distancia de 77 quilómetros. A média estabelecida é a de 33 quilómetros, com uma tolerancia de 15 %.

A partida está marcada para as 8 horas, devendo a chegada verificar-se ás 10 h. e 18 m.

A passagem pelas várias localidades está assim prevista: Alpedrinha, 9 h. e 2 m.; Fundão, 9 h. e 23 m.; Tortozendo, 9 h. e 50 m.; Covilhã, 10 h.

Médias horárias

Etapas	Prevista	Realizada
1.º	(a)	43.489
2.º	(a)	39.387
3.º	37.000	39.557
4.º	36.000	39.699
5.º	36.000	37.055
6.º	(a)	40.500
7.º	(a)	43.142
8.º	34.000	37.248
9.º	34.000	35.655
10.º	37.000	38.946

(a) — Etapas disputadas contra-relógio, portanto, sem médias fixadas.

A volta a Portugal em bicicleta

A equipa do F. C. Porto reagiu, pela primeira vez, de maneira categórica

(Continuação da 1.ª página)

mente conseguiram distanciar-se algumas centenas de metros. Alcido Neto, o «camisola amarela», respondeu ao ataque, colocando-se, voluntariamente, no comando do pelotão perseguidor.

Luta movimentada

Pelas perspectivas iniciais, tivemos logo a nítida sensação de que iria travar-se uma movimentada — e assim sucedeu.

Alguns componentes do pelotão tentaram também descolar. Por Carlos Carvalho, Sousa Cardoso, Sousa Santos (os Portistas em ação!) e o benfiquista Henrique Castro. Mas Alcido Neto, enfeitado com a camisola amarela, a todos respondia.

Os primeiros 15 quilómetros foram percorridos em 20 minutos. Quando isso registámos, seguia Sousa Santos à cabeça do pelotão.

Entretanto, os ciclistas que se isolaram mantinham vivo andamento.

A 10 quilómetros de Monforte, Mário Sá «esticou» ganhando logo alguns metros de avanço. Na sua cola foram Henrique da Silva e Alcido Neto, recompondo-se o grupo, pouco depois, devido aos esforços de Carlos Carvalho, Henrique da Silva e do «camisola amarela».

A prova continuava a suscitar enorme interesse. Sucediavam-se os «esticões». Havia empenho na luta, à qual Alcido Neto não estava disposto a furtar-se, figurando sempre à cabeça do pelotão.

Também António Pisco e o brasileiro Lourenço, foram vistos, com frequência, no comando das operações que visavam alcançar os fugitivos.

Monforte surgiu às 7 e 35 horas. António Baptista, Artur Coelho e Sérgio Páscoa, isolados na fuga, não desistiam dos seus intentos.

A meta volante

Na descida de Monforte, o pelotão fracionou-se, distinguindo-se na dianteira, agora sózinhos, entre outros, António Pisco, Sousa Cardoso e Alcido Neto.

Depois, a 40 quilómetros da partida, assistiu-se ao «sprint» para a meta volante, o qual Artur Coelho,

cujas disposições era magnífica, ganhou. Havia então 56 minutos de prova, e a média cifrava-se em 43.075.

Dez quilómetros percorridos, o avanço do trio da vanguarda era de 3 minutos sobre o acadêmico Manuel Castro, que conseguira afastar-se do pelotão, e de 3 m. e 30 s. do grosso da caravana, agora constituído por unidades que davam mostras de singular passividade, contribuindo para a monotonia da prova, em desacordo do que acontecera no trecho inicial.

Em Portalegre, atravessada às 8 m. e 22 h., verificou-se grande entusiasmo popular. O trio dos fugitivos, que levava cerca de 10 minutos de avanço sobre o horário previsto, foi aclamado com vibração. António Pisco naquela cidade, comandava o grupo dos perseguidores.

As nuvens encobriam o Sol, a estrada era magnífica. Tudo se conjugava, pois, para que se adoptasse boa velocidade. E por isso também mais se estranhava a indolência entre o pelotão dos perseguidores.

Em Alpalhão, igualmente em atmosfera de interesse e júbilo populares, Artur Coelho, António Baptista e Sérgio Páscoa, por esta ordem, surgiram às 8 e 59 horas. Com 5 minutos de atraso apareceu o pelotão. Mais atrasados: José Anastácio e Delfim Baptista, este porque sofrera um «furo».

João Marcelino e Ventura Correia desistem

Nisa foi atingida às 9 e 30 horas. Chegou, nesta altura, ao nosso conhecimento de que Ventura Correia, do «Águias», se viu obrigado a desistir. E depois na descida para Sarnadas do Rodão, também se registou a desistência do benfiquista João Marcelino, que se queixava de indisposição física.

Feriram a atenção os esforços que generosamente estava a despendar Alcido Neto, «camisola amarela», para não largar o comando do pelotão perseguidor, desde que registara a fuga dos referidos três corredores.

Na ingreme subida que antecede Rodão, aos 103 quilómetros, Sousa Cardoso realizou «esticão» fortissi-

mo, atacando bem a ladeira e chegando a conquistar 100 metros de avanço ao pelotão.

Artur Coelho ganha a tirada

A 19 quilómetros de Castelo Branco, abandonaram decididamente o pelotão, Sousa Santos, António Pisco, José Pedro Junior e Henrique da Silva. Tentativa coroadada de absoluto êxito, pois conseguiram, progressivamente, distanciar-se dos adversários, mercê de vigoroso aumento de velocidade.

Assim puderam aproximar-se, e juntar-se, aos três fugitivos, que já aparentavam evidentes sinais de fadiga.

No desvio para Cebolais de Cima, deparou-se aos corredores uma estrada horrível em absoluto condenada para a realização de provas desta natureza. E foi neste trilha indesejável que aos três da frente se juntaram os quatro perseguidores.

Os sete prepararam-se então, para o «sprint» final. A meta, em Castelo Branco, foi montada na Avenida D. Nuno Álvares Pereira.

Artur Coelho embalou de maneira irresistível — e ganhou a tirada.

A multidão aclamou vibrantemente os corredores que chegaram à meta isolados.

E desde logo circulou pela assistência a grande notícia: agora, era o sportinguista José Pedro Carvalho quem iria envergar a camisola amarela!

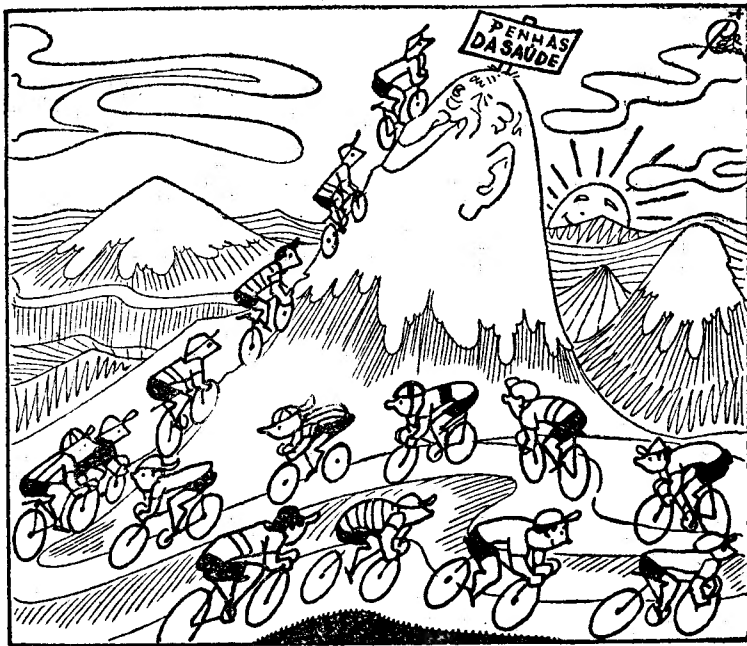
Classificação da tirada

		H. M. S.
1.º	A. Coelho (F.C.P.)	3 40 18
2.º	C. Carvalho (F.C.P.)	m. t.
3.º	Sérgio Páscoa (Tav.)	m. t.
4.º	F. H. Silva (Sang.)	m. t.
5.º	António Pisco (Ag.)	m. t.
6.º	Ant. Pedro Jr. (Sp.)	m. t.
7.º	S. Santos (F. C. P.)	m. t.
8.º	Ant. Baptista (Sang.)	m. t.
9.º	José Firmino (Ind.)	3 43 28
10.º	Arm. Melo (Sang.)	3 43 41
	Jorge Corvo (Tav.)	m. t.
	S. Cardoso (F.C.P.)	m. t.
	A. Gonçalves (Ac.)	m. t.
	A. Barbosa (Sang.)	m. t.
	Ag. Ferreira (Ac.)	m. t.
	Alb. Carvalho (Ac.)	m. t.
	Manuel Graça (Sp.)	m. t.
	Ag. Brás (F. C. P.)	m. t.
	J. P. Carvalho (Sp.)	m. t.
	Em. Pinto (F. C. P.)	m. t.
	A. Carvalho (Spt.)	m. t.
	Ant. Francisco (Bf.)	m. t.
	Couto Guedes (Sal.)	m. t.
	L. Fernandes (Alp.)	m. t.
	Ilídio Rosário (Bf.)	m. t.
	Fern. Maltês (Bf.)	m. t.
	M. Almeida (F.C.P.)	m. t.
	António Santos (Ac.)	m. t.
	F. Marinho (Acad.)	m. t.
	Al. Gonçalves (Sang.)	m. t.
	Henr. Castro (Bf.)	m. t.
	J. Carvalho (Acad.)	m. t.
	Man. Castro (Acad.)	m. t.
	Virg. Nunes (Tav.)	m. t.
	Mário Sá (F. C. P.)	m. t.
	Arm. Ramos (Bf.)	m. t.
	Man. Perna (Loul.)	m. t.
	Val. Clara (Loul.)	m. t.
	Mário Jordão (Alp.)	m. t.
	Man. Amaro (Sal.)	m. t.
41.º	Art. Carreira (Bel.)	3 45 09
42.º	J. Caloucinhas (San.)	3 45 30
	Ag. Santos (Sang.)	m. t.
	Am. Raposo (Sp.)	m. t.
	Alc. da Costa (Alp.)	m. t.
46.º	A. Maia (F. C. P.)	3 47 45
	João Bárbara (Tav.)	m. t.
	Alcido Neto (Tav.)	m. t.
	Manuel Melo (Ac.)	m. t.
	Santos Junior (Bel.)	m. t.
	Joaq. Ribeiro (Sal.)	m. t.
	Man. Costa (Alp.)	m. t.
	Ag. Correia (Alp.)	m. t.
	Inácio Ramos (Ind.)	m. t.
55.º	Vitor Ferreira (Ac.)	3 50 19
56.º	J. Anastácio (Benf.)	3 52 30
57.º	A. Lourenço (Ind.)	3 53 00
58.º	José Santos (Bel.)	3 53 34
	In. Raimundo (Bel.)	m. t.
	C. Justino (Loul.)	m. t.
61.º	M. Lourenço (Tav.)	3 56 44
62.º	D. Baptista (Loul.)	4 03 06

Classificação geral Individual

1.º	José P. Carvalho ...	26 26 14
2.º	Henrique Castro ...	26 26 19
3.º	Sérgio Páscoa ...	26 27 38
4.º	Jorge Corvo ...	26 28 37
5.º	Emídio Pinto ...	26 28 56
6.º	Alcido Neto ...	26 30 09

(Continua na 10.ª página)



Amanhã é que são elas...

Os «leões» são «cordeiros»?

ESTREMOZ, 8 — (Pelo telefone). — Em Moura, recebemos um telefonema de Lisboa, tipo S. O. S., que pretendia saber as razões que explicassem cabalmente a fraca actuação da equipa do Sporting nesta «Volta», em nítido contraste com o comportamento de outras formações «leoninas». O autor da chamada telefonica — leitor assíduo do «Diário de Lisboa» — insistiu connosco para que lhe satisfizésemos a vontade. Nos nossos hábitos não consta escrever artigos de encomenda e neste caso especial quando temos de aludir ao discutível comportamento dos corredores «leoninos». Mas a tirada de ontem forneceu-nos um lamir. Vamos, portanto, falar do Sporting...

No ano passado os «verde-brancos» apresentaram uma equipa «científica», digamos, com base em extremos cuidados de ordem alimentar, observados de maneira cronométrica. Este ano é o reverso da medalha. Nem orientador técnico nem qualquer tom de organização tradicional, além de limitado número de corredores — ao todo seis.

Pedro Junior, Manuel Graça e José Pedro de Carvalho — este uma das revelações de 1958 — participavam nas esperanças dos

AS ENTREVISTAS

do momento

Artur Coelho

CASTELO BRANCO, 8. — (Pelo telefone). — Terminada a etapa de hoje, recolhemos as impressões de três corredores que estiveram em evidência. Artur Coelho, o portista vencedor da tirada, disse-nos:

— Conheço um momento de alegria. Os adeptos do F. C. do Porto podem estar descansados. Tudo faremos para os satisfazer. Só agora começamos a aparecer!

Sousa Santos

Eis o ciclista cujos esforços foram decisivos para a junção dos dois grupos que se haviam libertado do pelotão. Revelou-nos Sousa Santos:

— O F. C. do Porto não tem sido feliz, mas nós havemos de nos aposar dos primeiros lugares! O corredor do Sporting conquistou hoje a camisola amarela, mas pode agradecer esse feito ao empenho que na luta puseram alguns adversários do F. C. do Porto. O facto não tira, no entanto, mérito à proeza de José Pedro de Carvalho.

José Pedro de Carvalho

Na nossa frente, o sportinguista José Pedro de Carvalho, o novo «camisola amarela». Confidenciou-nos:

— Acalentava esperanças de brilhar numa etapa. Mas, sinceramente, não acreditava que a camisola amarela viesse até mim. Agora, que fazer? Vou esforçar-me para a não despir tão depressa. Vamos ver se sou capaz de o conseguir!

N. M.

prosélitos do clube. Américo Raposo figurava como reliquia, enquanto Arlindo Carvalho e António Capitão se resumiam a dois animosos amadores lançados na grande aventura.

Desde logo — por que não dizê-lo? — a representação sportinguista ficou sentenciada ao fracasso, embora se esperasse uma ou outra proeza individual de projecção. Na véspera de uma das etapas iniciais, Américo Raposo e Manuel Graça acusavam 40º de febre.

Vinte e quatro horas depois, uma onda de alegria invadiu as hostes «leoninas», que sempre proclamaram que o seu momento não havia ainda chegado. «Estão a reservar energias», diziam. Agora, surgem José Pedro de Carvalho em 2.º lugar, a 9 segundos do «camisola amarela», e Arlindo Carvalho em 7.º, com 4 m. e 36 s. de diferença.

Em contrapartida, Pedro Junior e Graça baixaram consideravelmente e António Capitão abandonou a prova, devido a desastre.

As perspectivas com vista a uma classificação digna das tradições do clube não são optimistas, desde que falte na equipa homens em número suficiente para auxiliar os mais aptos na tremenda luta que se avizinha.

Os experientes Pedro Junior e Graça não depararam ainda com o ritmo indispensável, e Pedro de Carvalho e Arlindo são como dois focos de luz na escuridão.

Afigura-se-nos, portanto, que o Sporting não trouxe à «Volta» uma representação digna de aspirar a excepcionais cometimentos — o que é para lamentar.

Todavia, cremos que os «leões» se encontram na disposição de demonstrar que não são uns «cordeiros»... Nota-se neles um «motivo qualquer» que lhes espicaça o brio e a vontade.

F. S.

Flagrantes

● O Sangalhos, na tirada de ontem, sofreu decepções. Isso não impediu, contudo, que Ivo Neves, no final, não fosse abraçar o orientador técnico do Tavira, lhe desse os parabéns e, entre sorrisos, lhe dissesse: — «Temos que comemorar a coisa!»

● O dr. Raul Neves, presidente do Águias, não se deslumbrou com o êxito dos seus rapazes. Entre amigos, comentava: — «Deixem-nos ir de vagar. Só quero ter uma boa equipa em 1961! Por ora, andam em «rodagem»

● A caravana artística que acompanha a Volta tem um friso de gentis raparigas. A sua radiante simpatia faz com que os D. Juans das diferentes terras e da própria Volta tenham particulares preocupações...

● Toda a gente que acompanha os ciclistas pergunta pela equipa do F. C. Porto. Onofre Tavares, seu orientador, quando inquirido, sorri, sorri muito e... nada mais.

Aguardemos...

● Joaquim Carvalho, veterano do Académico, não tem preferências clubistas. Poderia ter sido do F. C. Porto, mas a pessoa que deveria tratar com ele do caso atrasou-se cerca de uma hora. E ele... assinou a ficha pelo Académico.

● O Sangalhos continua em foco. Ontem foi motivo de todas as conversações em Estremoz, através das quais era notória a

estranheza de haver baixado do 1.º para o 6.º lugar. Sobre o desaire, interpelámos Ivo Neves, que sobre ele dissertou largamente. Para abreviar, reproduzimos a frase que se relacionava com a actuação dos seus pupilos: «Foi bem feito! Oxalá a lição se tenha gravado na memória deles!»

● Onofre Tavares, enquanto aguardava a chegada do pelotão em Estremoz mostrava semblante preocupado. No final, quis certificar-se na subida do Tavira ao 1.º lugar. Filosoficamente, observou: «Pois é! Pensávamos que o perigo vinha de um lado, mas agora verifico que o perigo vem de todos os lados»

● Ainda há coisas de estarecer no nosso ciclismo. Ontem, por exemplo, dois corredores de um determinado clube, que perderam contacto com o grupo da vanguarda, quando tentaram a recolagem, tiveram atrás de si, a uns 3 metros, se tanto, o respectivo carro de apoio, a buzinar freneticamente. Lá fora, o processo é considerado anti-regulamentar.

● E já agora, a propósito de certas considerações vindas a lume, em estilo de provocação, diremos que, consoante as conveniências, evocam-se os exemplos dos estrangeiros. Mas quando esses mesmos exemplos não são imitados aqui noutros aspectos proclama-se a pobreza franciscana do ciclismo nacional.



Distribuidores gerais:

ARTUR PAIVA, LD.ª

Rua D. Domingos Jardo, 17-A

Tel. 842474 — Lisboa

Rosa dos Ventos

Um incidente pouco vulgar. Sunda Singh Sagar, antigo estudante da Universidade de Punjab, de religião hindu, concorreu, em Manchester, a um emprego de condutor de autocarros. Foi admitido, mas recusou-se a trocar o seu turbante pelo boné regulamentar.

—Sou um Sikh — explicou, justificando-se — e a minha religião proíbe-me tirar o turbante e cortar os meus cabelos.

Prontificou-se, sim, a arranjar um turbante azul, condizente com o uniforme e no qual colocaria a insígnia prateada dos Transportes de Manchester.

O conselho municipal decidiu, porém, por 41 vozes contra 31, manter a sua posição: ou o novo motorista aceitava o boné ou ficava sem o emprego.

E a pendência continua em aberto. Sunda Singh Sagar apelou, em última instância, para a decisão da rainha.

*

O cineasta Jean Renoir está a filmar «Déjeuner sur l'herbe» (O Piquenique), inspirado no célebre quadro de seu pai, Auguste Renoir, e as filmagens têm por cenário a própria vivenda que o grande pintor impressionista comprou em 1907 («Les Colettes»). Tal como já fez com «Une partie de Campagne», extraído da novela de Maupassant, e com «La Marseillaise», Jean Renoir, o grande plástico do «écran», vai ser mais uma vez o surpreendente perseguidor da luz, nas suas gamas mais delicadas e fugidias.

*

Há tempos, um homem de aspecto dandinesco entrou numa galeria de pintura do «boulevard Hausman», em Paris, e pediu 800 mil francos por um quadro do século XIII, que levava consigo.

O dono da galeria, após ter falado com um perito, chegou à conclusão de que se tratava de um quadro roubado ao museu de Zurich. A Polícia interveio e o estranho indivíduo foi preso.

Uns dias mais tarde, ao ser julgado, o homem declarou, a fim de conquistar os juizes:

—Se forem compreensivos, meus senhores, dir-lhes-ei onde se encontra o desenho de Pesellino roubado do Louvre.

No museu, realmente, verificou-se a falta do citado desenho. O cúmulo é o seguinte: até ali, ninguém dera pela sua falta!

*

Cinco mil contos por cada quilo que emagrecer. Que tal? Um produtor cinematográfico americano propôs à atriz Judy Garland, desaparecida há anos do «écran», um papel de 60.000 contos, mas estabeleceu uma condição rigorosa. A ruiva cantora, que os anos tornaram levemente planturosa, terá de emagrecer, para desempenhar esse papel, nada menos de doze quilos, o que representa, efectivamente, cinco mil contos por cada quilo.

*

O patrão para a secretária: «Que maçada! Foram contar à minha mulher que nós tínhamos ido dançar juntos ontem à noite...».

A secretária: «E então?...».

O patrão: «Então... você já não é a minha secretária...».

Em diversos bairros da capital foi apreendido contrabando no valor de 350 contos

Intensifica-se a acção da Guarda Fiscal contra os contrabandistas que aparecem nos mais diversos sectores, tanto no campo dos vendedores ambulantes de artigos estrangeiros, como entre indivíduos calejados em tais negócios ilícitos, alguns deles de grande poder financeiro. Ao mesmo tempo, deparam-se aos investigadores pormenores que poderão até atingir elevado grau de sensacionalismo. Um desses factos foi já relatado há tempos nas colunas do «Diário de Lisboa», estando agora a correr os seus trâmites legais.

Prosseguindo na ofensiva contra os «fora da lei», as brigadas da Guarda Fiscal percorreram durante o dia de ontem os mais variados bairros da cidade e em muitos prédios foram feitas buscas, que forneceram resultados positivos. Assim, os agentes estiveram nomeadamente no Bairro das Colónias, na Penha de França e numa movimentada artéria das imediações do Liceu Camões, onde conseguiram apreender grandes quantidades de mercadorias, como habitualmente, nestes casos, da maior variedade e oriundas da zona de Tânger.

A Guarda Fiscal apreendeu mu-

tos relógios marca «Cauny»; cerca de 300 canetas, no numero das quais se incluem muitas da marca «Parker», assim como esferográficas.

Foram ainda apreendidos grandes volumes de tabaco, num total aproximado de 3.500 maços de cigarros, especialmente «Chesterfield», bem como de perfumarias, «nylons», cintas para senhora, etc.

Enquanto que nas zonas da cidade a batida era largamente proveitosa—os contrabandistas, ao contrário do que certamente pensavam, não estavam em «porto» seguro—assinalou-se uma intervenção na zona ribeirinha.

Dois indivíduos foram surpreendidos ao abandonarem o cargueiro alemão «Lisboa», com quatro cortes de fato, que igualmente foram apreendidos. Dado que não se verificaram acções em flagrante delito, não houve prisões. Mas os transgressores tiveram de prestar declarações para a elaboração do processo que será enviado ao tribunal competente. O valor aproximado das mercadorias apreendidas eleva-se a 350 contos.

A sua conferência efectuou-se hoje, num dos armazéns do Jardim do Tabaco.



O subsecretário da Educação, ao receber o Coro Universitário de Lisboa

O Coro Universitário de Lisboa que hoje parte para Espanha apresentou cumprimentos ao subsecretário da Educação

O subsecretário de Estado da Educação Nacional, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, recebeu hoje, no seu gabinete, uma representação do Coro Universitário de Lisboa, dirigido pelo maestro Mário de Sampaio Ribeiro, que lhe foi apresentar cumprimentos de despedida, antes da sua partida para terras de Espanha, onde vai realizar uma digressão artística.

O maestro Mário de Sampaio Ribeiro agradeceu áquele membro do Governo o apadrinhamento dado á causa do coro, sem o qual a visita a Espanha difficilmente seria possível. O maestro referiu-se depois ao prestigio conquistado pelo grupo nos seus dez anos de actividade e ao facto de ele reunir hoje 60 elementos, entre os quais representantes de todo o Portugal, á excepção de Timor e S. Tomé e Príncipe, que têm trabalhado com o melhor rendimento.

Em seguida traçou o itinerário da «tournée» indicando que o coro actuará em Salamanca, Segóvia, Valladolid, Madrid, Toledo, Val des Caídos, Escorial e San Rafael, no breve espaço de dez dias.

O dr. Baltasar Rebelo de Sousa saudou depois os coristas presentes e o seu maestro, congratulando-se pela digressão que vão realizar e que considera como o justo premio do seu trabalho. Disse, depois, que

considerava de uma grande utilidade, como veículo de aproximação entre a Metrópole e o Ultramar, uma possível digressão do coro pelas nossas terras de Africa, afirmando que desde já se deveria começar a pensar nesta viagem.

Acompanhavam a delegação do Coro Universitário, os srs. eng.º Ferrugento Gonçalves e o dr. Gonçalves Pereira, em representação do director do Centro Universitário de Lisboa.

O Coro Universitário de Lisboa partirá ainda hoje para Espanha, no «Iberia».

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Oeste e o céu estava muito nublado na região costeira ocidental e pouco nublado nas regiões do interior e Sul, por acção duma massa de ar marítimo transportada na circulação conjunta dum anticiclone centrado a Oeste dos Açores e duma depressão centrada sobre a Espanha.

Temperaturas ás 9 horas — Portalegre, 16°; Porto, 18°; Coimbra, 19°; Lisboa, 20°; Funchal, 21°; Faro, 22°.

Temperaturas verificadas, ás 10 horas, na Costa do Sol — Na atmosfera, 19°; na água do mar, 16°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 24°; mínima, 16°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, por vezes pouco nublado, nas regiões do interior e Sul. Vento fraco de Oeste. Formação de nevoeiros matinais na região costeira ocidental a norte do Cabo Espichel.



Rogério Pérez

sugeriu corridas
de touros de morte
sem picadores

Na Tertulia Festa Brava, durante o almoço semanal de hoje, a que presidiu o nosso prezado camarada na Imprensa, Carlos de Ornellas, presidente da direcção, proferiu uma palestra o nosso querido camarada de redacção Rogério Pérez, que foi ouvido com muito interesse pela numerosa assistência, constituída por «aficionados» e jornalistas.

Rogério Pérez começou por dizer que pedir a morte do touro em Portugal, sem ter em conta as realidades locais, é perder o tempo. Para se conseguir que, em vez de simular com a bandarilha, deixando o touro com feridas, á espera do Matadouro, seja consentida a morte imediata, com a espada, há que prescindir dos picadores, indesejáveis em Portugal. Para tal, há que aceitar o touro de três anos ou quatro ervas, que é, aliás, o que muitas vezes se lida em Espanha com picadores. A ausência destes pode oferecer maior problema para o matador, mas pde melhor á prova as faculdades do lidador.

Rogério Pérez leu copiosas e prestigiosas opiniões em defesa do seu ponto de vista.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA!
NÃO CONFUNDA!

A GRANDE OURIVESARIA
DA MODA é na RUA DA PRAIA, 257, com mais de meio século de existência

Escola Académica

Com mais de um século de existência (Fundada em 1847)

Condecorada com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Publica

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS:

Liceal e Comercial (completos), Ciclo Preparatório, Admissão aos Institutos, Instrução Primária e Infantil

INTERNATO E EXTERNATO (Sexo masculino)

Largo do Conde Barão, 47 (Palácio Condes de Pinhel)

Lisboa — Telef. 662430

(ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS)

Amanhã—

O concurso sem

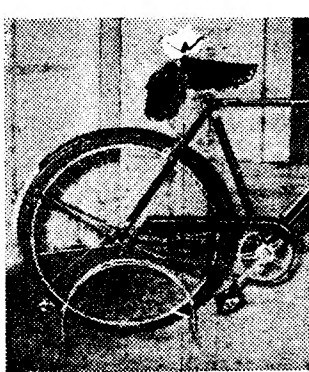
Desejamos que amanhã seja mais um «domingo feliz» para os leitores do «Diário de Lisboa», nesta sétima jornada do concurso semanal que lançamos, especialmente dedicado aos que vão passar no campo ou nas praias o seu dia de descanso.

Com a instituição de muitos e uteis prémios, cujo valor, nos primeiros seis domingos desta iniciativa, é de muitas dezenas de contos, este concurso oferece aos nossos leitores a vantajosa surpresa de habilitar, sem que para isso tenham de malabarismo.

Já sabe para se do concurso Lisboa? qualquer capital — os nossos colher im pessoas, e naladas, serão atri E dever

Costa do Sol — Uma bicicleta

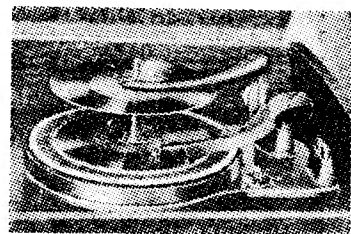
Uma util, elegante e magnífica bicicleta VILAR para homens, rapazes, meninos ou crianças (a escolha do prémio) é o primeiro Prémio Costa do Sol, do nosso «Concurso Domingo Feliz».



Fornece-a através dos seus agentes em Lisboa, a Fábrica Nacional de Bicycletas e Motocicletas de Vilarinho & Moura, Lda. Fundada nas de anos, com estabelecimentos fabris em Aquela empresa produz, actualmente, todos os cletas simples ou a pedal. Produz, também, motocicletas de 95 a 250 cc. de cilindrada, bem c peças e acessórios, sendo a única fábrica portuguesa. Para se fazer uma ideia completa da imcional de Bicycletas e Motocicletas, diga-se, ainda, modernas instalações, repartidas por doze secções especializadas e em que encontram tra

A fábrica está representada em Lisboa pelo stand na Avenida do Aeroporto, 3 A, junto ao telefone 367051. Trata-se de uma casa especializada em tudo que diz respeito a bicicletas e motocicletas, desde a simples ou com motor e que, também, motorizadas da marca «Perfecta-Dem». Os leitores podem ali admirar os excelentes modelos que será brindado amanhã áquele a quem a útil ou de recreio, para si ou para seus filhos, que lhe tornará ainda mais agradável o dia de muito sinceramente, seja com DOMINGO FELIZ.

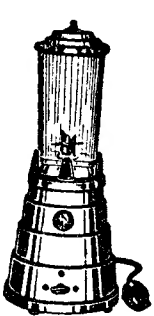
Sintra — Um gira-discos



Quer se gostar de música, prefira a música que não se pode de um gmento dos prêmios, um gira-discos de se escolher a ouvir no mável, na tum baile ou na a gabinete de t dos prêmios.

Domingo Feliz», promovido pelo nosso jornal algumas das mais importantes casas comerciais do primeiro dos quatro valiosos prêmios a sorte escolheram a bela região servida pela linha do seu domingo. O interesse deste prémio é ainda lidade. São de facto inultrapassáveis a perfei moderna e a sobriedade de um gira-discos PL marca representada pelos Estabelecimentos V Rua Nova do Almada, 95 (telefone 367051), um os amadores de musica e no nosso meio comerc

Costa da Caparica — Um batedor



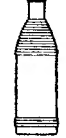
O «Concurso Domingo Feliz» E' verdadeiramente um concurso simples, sem possibilidades de e cada dos boletins de inscrição p graçado. As donas de casa apre os seus prémios uteis, a qualid recemos aos nossos leitores, a s nhos que alguns já tinham por dos nossos doze prêmios será t uma dona de casa que o primei rica. E' um batedor «TURMIX» afamada marca de que é distri Correa, Lda., da Rua de Serpa lefone 26076). Um batedor será agradável sumos de frutas, que a família, novos e velhos, e dan sumadas oferecidas ás visitas

de Verão. Minha senhora, um batedor está ao se amanhã, quando tomar ou descer do comboio ou banda, quando estiver estendida ao Sol ou tomável que o dia de amanhã se torne num domi pre, com agrado e alegria, aos seus filhos e ne

Sonadol

LIQUIDO

oferece



CAIXAS PARA GENE

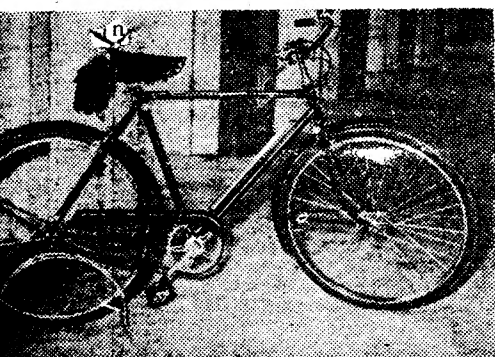
hã—Domingo Feliz!

curso semanal do «Diário de Lisboa»

seja mais tenham de preencher qualquer formalidade ou de ter o menor trabalho.

Já sabem os nossos leitores que para se habilitarem aos prémios do concurso semanal do «Diário de Lisboa» basta estar presente em qualquer ponto dos arrabaldes da capital — campo ou praia — onde os nossos serviços fotográficos irão colher imagens de aglomeração de pessoas, dentre as quais serão assinaladas, a sorte, aquelas a quem serão atribuídos os prémios. E devemos chamar a atenção pa-

Uma bicicleta VILAR



Moura, Lda. Fundada há mais de quatro dezesenovecentos e sessenta e sete anos, a actualemente, todos os tipos e modelos de bicicleta. Praduz, também, bicicletas motorizadas e c. de cilindrada, bem como toda a variedade de a unica fábrica portuguesa que os constrói em a ideia completa da importância da Fábrica Nacional de bicicletas, diga-se, ainda, que possui magníficas repartidas por doze secções, equipadas com máquinas que encontram trabalho mais de trezentas

presentada em Lisboa pela firma «Ciclo Areiros», o Aeroporto, 3 A, junto à Praça do Areiro, (tende de uma casa especializada em artigos de ciclismo e que, também, representa as bicicletas Perfecta-Duma). Os leitores do «Diário de Lisboa» excelentes modelos e tipos de bicicletas com objecto há aquele a quem a sorte o bafejar. Objecto i ou para seus filhos, uma bicicleta é um prémio mais agradável o dia de amanhã, que desejamos, a com DOMINGO FELIZ!

Um gira-discos PLESSEY

Quer se goste de musica séria ou se prefira a musica de dança, não haverá leitor que não tenha sonhado com a posse de um gira-discos. Independentemente dos programas das estações de rádio, um gira-discos dá a possibilidade de se escolher a musica preferida e de a ouvir no momento que nos é agradável, na tumultuosa alegria de um baile ou na agradável solidão de um gabinete de trabalho. Pois é esse um dos prémios que oferece o «Concurso Semanal» pelo nosso jornal com a colaboração de importantes casas comerciais de Lisboa. Trata-se valiosos prémios a sortear entre os leitores que o servida pela linha de Sintra para passar o e deste prémio é ainda reforçado pela sua qualidade ultrapassáveis a perfeição técnica, a elegancia de um gira-discos PLESSEY D 12, a famosa Estabelecimentos Valentim de Carvalho, da 5 (telefone 367051), um nome consagrado entre e no nosso meio comercial.

rica — Um batedor TURMIX

curso Domingo Feliz» não esqueceu ninguém. leiramente um concurso para toda a familia. sem possibilidades de erros, substituindo a ma-boletins de inscrição pelo prazer de ser foto-As donas de casa apreciam mais que ninguém prémios uteis, a qualidade dos objectos que ofe-nossos leitores, a subita satisfação dos so-alguns já tinham por irrealizáveis. E nenhum dos doze prémios será talvez mais desejado por de casa que o primeiro prémio Costa da Capa-um batedor «TURMIX», modelo Turbilhão, a marca de que é distribuidora a firma Marçal da, da Rua de Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq. (te-076). Um batedor será a possibilidade de fazer s sumos de frutas, que serão a delicia de toda novos e velhos. e dará um novo encanto ás oferecidas ás visitas nestas tardes calmosas , um batedor está ao seu alcance. Esteja atenta u descer do comboio ou do barco para a Outra tendida ao Sol ou tomando banho. E' bem pro-há se torne num domingo que recordará sem-ia, aos seus filhos e netos ou ás suas amigas.



ra a lista dos prémios de amanhã, que inclui algumas novidades, ob-jectos de valor e destinados, sem dúvida, a causar grande satisfação daqueles a quem a sorte bafejar. Publicamos hoje a lista completa dos prémios que serão atribuídos amanhã, mas permitimo-nos salienta as primeiras categorias dos três prémios da Costa do Sol, de Sintra e da Costa da Caparica, que são, respectivamente, uma bicicleta VILAR, um gira-discos PLESSEY D 12 e um batedor TURMIX. Atenção, pois, ao último DO-MINGO FELIZ!

Prémios DO «DOMINGO FELIZ!»

Prémios COSTA DO SOL

- 1.º — Uma bicicleta «VILAR»
- 2.º — 6 garrafas de Vinho Velho Madeira (Malvasia 1870)
- 3.º — Um aquecedor para pratos «MAXIM», dos Estabelecimentos SIDA.
- 4.º — Um bilhete inteiro para a Lotaria, da CASA CAMPÃO

Prémios SINTRA

- 1.º — Um gira-discos da afamada marca PLESSEY D 12, representada pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho
- 2.º — Uma ventoinha GENERAL ELECTRIC
- 3.º — Produtos «SCHWEPES»
- 4.º — Flores plásticas da Papelaria Vasconcelos, Lda.

Prémios COSTA DA CAPARICA

- 1.º — Batedor «TURMIX» (modelo «Turbilhão»), da firma Marçal Correa, Lda.
- 2.º — Um vibrador «VIBRETTE» da Sociedade de Representações Lisboa, Lda. e uma permanente nos Cabelos de Armando e Candido
- 3.º — Duas caixas de Sabão Activado CUF
- 4.º — Um fogareiro níquelado, a petróleo, para campismo, marca Hipólito, da Casa Barros Queirós.



A delegação oficial de Portugal ao IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, que se inicia depois de amanhã, na Baía, pouco antes de embarcar, esta madrugada, no Aeroporto da Portela. A missão é presidida pelo sr. prof. dr. Marcelo Caetano, reitor da Universidade Clássica de Lisboa, e constituída pelos srs. profs. drs. Reynaldo dos Santos, Lopes de Almeida, Costa Pimpão, Fraga de Azevedo, Luís de Pina, Pacheco de Figueiredo e drs. Franco Nogueira, Luís Silveira, Tavares Chicó, António Cruz e Alberto Iria

Presidência da República

O Chefe do Estado recebe, na segunda-feira, ás 17 e 30, os corpos directivos da União dos Sindicatos dos Officiais, Mestrança e Marinhagem da Navegação Marítima, aos quais oferecerá um «Porto de Honra».

Aposta fatal

LILLE, 8 — Na fronteira belga, perto de Maubeuge, um habitante de Mons, Fernand Roger, morreu vítima de uma aposta estúpida.

Enquanto tomava um café, apostou com um dos seus amigos, ser capaz de engulir um arenque estufado, de uma vez só.

Ganhou a aposta, é certo, mas morreu asfixiado. — (F. P.)

Fulminou-os uma foice quando abrigados sob um castanheiro

ARMAMAR, 8. — A forte trovoadas que caiu sobre esta região tem causado prejuizos sem conta. Nas colheitas, em animais e em vidas humanas é um nunca acabar de desastres. Essa trovoadas violenta, surpreendeu, em Lumiares, abrigados sob a frondosa ramagem dum castanheiro, Manuel dos Santos Alminhas, sua mãe Maria Belmira e um irmão António dos Santos Alminhas. Andavam a cortar lenha e aos primeiros trovões, acolheram-se á protecção do castanheiro. Uma foice, porém, caiu sobre a árvore, esgalhou-a e fulminou instantaneamente o Manuel Alminhas, deixando paralisada sua mãe e sem fala o irmão, que recolheu ao hospital.

O Manuel Alminhas deixa mulher e cinco filhos, todos menores.

O ministro da Saude inaugurou em Galveias um patronato feminino

GALVEIAS, 8 (Pelo telefone) — Para inaugurar um patronato da Fundação Maria Clementina Godinho de Campos, que já se encontrava em funcionamento e constitui a mais recente unidade dependente da importante obra de assistência daquela instituição particular, mantida pelos grandes beneméritos e irmãos sr.ª D. Ana Godinho de Campos e sr. José Godinho Marques, veio hoje a esta localidade o ministro da Saude.

O Patronato Feminino Ana Godinho, que inclui uma creche, uma escola e um refeitório, beneficia

Modificação revolucionária

O pensamento estratégico americano anquilosou-se na contemplação da aviação estratégica. As tentativas de renovação, os esforços de inovação esbarraram na resistência dos seus intransigentes arautos. A essa resistência foram sacrificadas algumas inteligências lucidas que, de Oppenheimer ao general Gavin, se distinguiram nos campos da ciência e da estratégia. Ultrapassado pelas realizações soviéticas o binómio bomba-bombardeiro, os chefes do Pentágono conservaram-se, por carência de imaginação e falta de iniciativa, fiéis á sua ortodoxia.

«A grande maioria dos nossos chefes militares», escreve Joseph Alsop, «não é capaz de desviar os olhos do S. A. C. (aviação estratégica americana). Para além dele e da sua imponente força de ataque, nada querem ver, fiando tudo dos bombardeiros e das bombas que, segundo pensam, podem destruir o Mundo inteiro». Segundo aquele autorizado cronista, esta concepção da balança de forças mundial não corresponde aos factos conhecidos por não ter em conta factores que, nos últimos dois ou três anos, a alteraram radicalmente. Desses factores dois avultam dominantemente.

A capacidade de represália americana, que assenta na aviação estratégica, depende, em grande parte, da utilização das bases no estrangeiro — na Europa Ocidental, Norte de Africa e Médio Oriente. Essas bases estão neutralizadas pelos projecteis soviéticos de alcance médio em cujo raio de acção se situam. «Um dos factos capitais que os nossos chefes militares se recusam a reconhecer», escreve Joseph Alsop, «é a neutralização das bases americanas no estrangeiro pelos projecteis soviéticos de alcance médio. Com ele metade do poder ofensivo do S. A. C. foi anulada. Outro facto, de idêntica, sendo de superior importância, é a eficiência da defesa anti-aérea soviética, a qual, segundo aquele jornalista, absorve um quinto do orçamento da defesa da União Soviética. A sua organização data da época em que Estaline confiou aos seus directos colaboradores a tarefa de anular os efeitos do monopólio atómico americano, sendo Beria encarregado das armas atómicas e nucleares, Malenkov da renovação da arma aérea e Khrushchev da defesa anti-aérea. Esta ultima inclui um elevado numero de caças dos ultimos modelos — segundo Alsop, mais de oito mil — poderosas concentrações de artilharia A A nos centros urbanos, e uma rede de detecção e aviso e projecteis teleguidados e balísticos anti-aéreos.

O alarme suscitado nos Estados Unidos pelo conhecimento destes factos exige frequentes declarações tranquilizadoras dos dirigentes responsáveis pela segurança nacional. Na ultima semana de Julho dois deles, Allen Dulles, chefe dos serviços secretos (C. I. A.) e o secretário da Defesa, Mac Elroy, fizeram-no, de maneira a confirmar em vez de dissipar, aquelas inquietações. Disse Mac Elroy: «Os Russos, é agora certo, bateram-nos na fabricação de projecteis intercontinentais em que baseiam a sua estratégia. Mas o numero dos que terão em curto prazo é pequeno».

A declaração de Allen Dulles merece também ser registada: «Os Sovietes — disse ele — baseiam a sua estratégia nos projecteis mas esperamos que, tratando-se de armas novas, de exigente fabricação, encontrarão no caminho que percorrem sérias dificuldades». Para ambos — tese que justifica suas duvidas dentro e fora dos Estados Unidos «a capacidade de represália americana, em conjunto, contrabalança as vantagens alcançadas pela U.R.S.S. no dominio dos porjecteis». Entretanto a ideia inicial de entrar numa cerrada competição com a U.R.S.S. para a fabricação desses engenhos parece abandonada e é cada vez mais forte a corrente — como se prova com a publicação do folheto da comissão consultiva do partido democrático favorável ao regresso ás armas e efectivos convencionais. Se este for, finalmente, decidido, serão avultados os sacrificios que implicará, sobretudo pelo que diz respeito ao restabelecimento do serviço obrigatório com as suas repercussões na vida da nação.



PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A R E N D E R A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

DENTES COMO ESTES Só COM PASTA MEDICINAL COUTO CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

PRATAS EM 2.ª MÃO GRANDE VARIEDADE BONS PREÇOS OURIVESARIA PIMENTA Rua Augusta, 253 — Telet. 24564

A volta a Portugal em bicicleta

IMPRESSÕES DA 10.ª TIRADA

O salto do Alentejo para a Beira provocou notáveis alterações na classificação

CASTELO BRANCO, 8. — (Pelo telefone). — Esta Volta de 1959 continua a ser um grande mistério no que respeita à perspectiva da classificação final e continua também a ser um grande êxito do ciclismo através da guerra sem quartel que os corredores declararam mutuamente — e que se dispõem a manter custe o que custar.

Perdido o respeito aos primeiros planos, os segundos, observando o princípio de «Morra o homem mas fique a fama» assumiram o papel principal de uma peça de grande efeito e dia após dia contribuem poderosamente para avivar o interesse cujo limite se antevê como uma incógnita e que simultaneamente coloca, de maneira inexorável, num escalão secundário, aliás naturalíssimo, em face dos acontecimentos, homens como Alves Barbosa e Sousa Cardoso, que, note-se, ainda não devem ser considerados como arrumados, apesar dos 18 minutos de atraso que levam, presentemente, do novo «camisola amarela» — o sportinguista José Pedro de Carvalho, um corredor dos pés à cabeça.

E' que esta Volta-59 muito se assemelha ao ilusionista que surpreendentemente tira uma carta da algibeira do espectador mais recatado. Quando menos se espera o golpe sensacional rutila.

E' esplendoroso e impressionante.

Todavia, a tarefa de Barbosa e Car-

Pedro Carvalho, do Sporting, e Henrique Castro, do Benfica, agora nos dois primeiros lugares separados por 5 segundos, foram os beneficiários do espírito combativo dos homens do Futebol Clube do Porto

doso equivale à saída de um abismo. Mergulharam em voragem tumultuosa e agora enfrentam terríveis dilemas: se tentam uma perseguição têm na roda uma «alcateia»; se aparentemente resignação, perdem terreno a olhos vistos. Um tratado de complexos...

A história da tirada Estremoz-Castelo Branco — um salto do Alentejo para a Beira Baixa — com mais 10 quilómetros do que anuncia o livro oficial, é avara em palavras, tão fácil ela foi do princípio até ao fim.

Três homens — Artur Coelho, António Baptista e Sérgio Páscoa — iniciaram uma fuga categórica, precisamente com 2 minutos de corrida e mantiveram-na, até que Sousa Santos, Pedro Carvalho, António Pisco, Henriques da Silva e Carlos Carvalho — os portistas tentaram o princípio da reabilitação,

após o fracasso da véspera e espelharam esse propósito colocando três corredores nos primeiros lugares — os quais agarraram quando faltavam cerca de 17 quilómetros. Quer dizer: durante 135 quilómetros, Artur Coelho e António Baptista (Sérgio Páscoa limitou-se a seguir na roda de ambos, tática que convinha aos interesses do Távira), realizaram um contra-relógio esgotante, que culminou com um troço de estrada de péssimo macadame, uma infelicíssima invenção dos autores do tratado e que poderia ter sido evitada — a bem do ciclismo.

O pelotão oscilou na atitude a adoptar. E durante cerca de uma hora vimos tentarem a recuperação, alternadamente, Sousa Cardoso, Carlos Carvalho, Sousa Santos, Alves Barbosa e António Pisco, sempre com resposta pronta do «camisola amarela», Alcides Neto, que neste aspecto foi obrigado a uma acção de indolente homérica para defender, com unhas e dentes, o símbolo do melhor, por sinal o melhor de efemera duração.

Citem-se duas médias significativas do valor da corrida: 43.075 na meta volante (dentro da primeira hora) e 38.946 no conjunto geral — o que é muito bom.

O F. C. Porto, que recebeu ecos do descontentamento que assaltou os espiritos dos seus prosélitos, lançou-se ao ataque, tentando dizimar o Sangalhos, o Távira e o Aguias e ao mesmo tempo embaralhar as posições dos dois primeiros da classificação geral, por falta a evitar estímulos perigosos aos seus ocupantes. Não foi de todo feliz a iniciativa, mas pelo menos deixou um rastro luminoso. A virtude dos portistas não deixou outros alheios, nomeadamente o Távira, que contou com um homem na fuga do trio, o Sporting (Pedro de Carvalho) e o Benfica (Henrique Castro). Pena foi que os efemeros esforços de Sousa Cardoso, que se isolou do pelotão na subida do Rodão, e ganhou cerca de 500 metros de avanço, não haja obtido a eficácia que ele e os colegas ambicionavam. O jovem nortenho na ladeira, derrotou como quis todos os adversários, incluindo Alves Barbosa, que no entanto doseou animo inquebrantável.

José Pedro de Carvalho e Henrique de Castro ocupam os dois primeiros lugares da classificação geral separados por 5 segundos de diferença. Desde já, vaticinamos um duelo cerrado entre os dois melhores representantes do Sporting e do Benfica, mas também admitimos que a «camisola amarela» volte a conhecer novo dorso, embora a solidão do «leão» venha a provocar extraordinários esbanjamentos de energias. Tenha ele companheiros dispostos a ajudá-lo...

Saliente-se ainda o facto de nos dez primeiros lugares da classificação geral figurarem os três homens do Távira — a equipa-revelação — dois do Sporting e do Benfica, um do Belenenses, um do F. C. Porto e um do Salgueiros. Autêntica lufada de estuante juventude — afinal a grande vitória desta Volta de 59. Todavia, podemos assegurar que ninguém deve considerar-se satisfeito com a sua sorte.

Amanhã, na ligação para as Penhas da Saude, muitas lágrimas se transformarão em sorrisos e muitos sorrisos se transformarão em lágrimas.

Talvez a Volta se depare indicativo definido.

FERNANDO SOROMENHO

Jantar de homenagem ao dr. Viana Barreto

Um grupo de colegas e amigos do dr. João Viana Barreto, que há dias temou posse do lugar de cirurgião dos hospitais civis, promoveu um jantar de homenagem na segunda-feira, pelas 21 horas na Casa do Leão, do Castelo de S. Jorge. Inscrições pelo telefone 25171.

(Continuação da 7.ª página)

7.º	Arlindo Carvalho...	26 30 41
8.º	António Francisco...	26 31 55
9.º	Artur Castro...	26 32 33
10.º	Manuel Guedes...	26 32 36
11.º	Manuel Castro...	26 32 49
12.º	Lima Fernandes...	26 33 12
13.º	Agostinho Correia...	26 34 15
14.º	António Pisco...	26 36 16
15.º	Carlos Carvalho...	26 37 32
16.º	Artur Coelho...	26 37 49
17.º	Fernando Silva...	26 38 12
18.º	Antonino Baptista...	26 39 51
19.º	Ilídio Rosário...	26 40 44
20.º	Aquiles Santos...	26 41 58
21.º	Mário Sá...	26 42 58
22.º	Ant. Pedro Junior...	26 43 14
23.º	Sousa Santos...	26 43 29
24.º	Sousa Cardoso...	26 44 45
25.º	Alves Barbosa...	26 44 52
26.º	Agostinho Brás...	26 46 15
27.º	Fernando Maltês...	26 47 15
28.º	Manuel Graça...	26 48 37
29.º	Joaquim Carvalho...	26 48 50
30.º	Agostinho Ferreira...	26 48 55
31.º	Virg. Nunes...	26 50 04
32.º	Mart. Almeida...	26 50 04
33.º	Azevedo Maia...	26 50 47
34.º	J. Calquinhos...	26 50 56
35.º	António Santos...	26 51 47
36.º	Alberto Silva...	26 52 42
37.º	Armando Ramos...	26 53 02
38.º	Inácio Ramos...	26 53 57
39.º	Manuel Perna...	26 54 57
40.º	José Anastácio...	26 55 14
41.º	Alb. Carvalho...	26 55 21
42.º	J. Barbara...	26 57 41
43.º	Aníbal Costa...	26 57 58
44.º	José Firmino...	27 00 58
45.º	Valério Clara...	27 02 14
46.º	Manuel Costa...	27 04 02
47.º	Joaq. Ribeiro...	27 10 43
48.º	Vitor Ferreira...	27 11 14
49.º	Manuel Melo...	27 11 33
50.º	Man. Lourenço...	27 12 04
51.º	Armando Melo...	27 12 06
52.º	Franc. Marinho...	27 14 50
53.º	Américo Raposo...	27 19 50
54.º	Manuel Amaro...	27 21 09
55.º	Santos Jr.	27 29 07
56.º	Delfim Baptista...	27 29 38
57.º	Mário Jordão...	27 35 34
58.º	Carlos Justino...	27 46 43
59.º	Armando Gonçalves...	27 48 26
60.º	J. Raimundo...	26 52 52
61.º	José Santos...	27 59 25
62.º	António Lourenço...	28 26 25

Por equipas

1.º	Távira	79 26 24
2.º	Benfica	79 38 58
3.º	Sporting	79 40 09
4.º	Aguias	79 43 43
5.º	F. C. Porto	79 44 17
6.º	Sangalhos	80 00 01
7.º	Académico	80 10 34
8.º	Salgueiros	80 36 01
9.º	Louletano	81 26 49
10.º	Belenenses	81 54 32

OS DESPORTISTAS preferem os relógios INVICTA, que todos os anos oferecem duas viagens gratuitas à Suíça

As baixas da prova

Os que não partiram
6 — António Catela (Sangalhos); 57 — João Patrício (Sporting); 59 — Carlos André (Sporting); 95 — Manuel Simões (Benfica).

Os que não alinharam
Para a 5.ª etapa — 33 — Lucien Arnaud (L. Francês)
Para a 10.ª etapa — 37 — F. Mingot (L. F.); 39 — G. Gondin (L.F.).

Os que desistiram
Na 4.ª etapa — 79 — João Mendes (Louletano).
Na 5.ª etapa — 2 — L. Caduna (Sangalhos) e 82 — Viegas Gonçalves (Távira).
Na 8.ª etapa — 92 — António Candido (Bf.).

Na 9.ª etapa — 30, S. Chaumont (L. F.); 36, A. Guy (L. F.); 52, António Capita (Spt.); 94, João de Brito (Bf.).
Na 10.ª etapa — 12 — Ventura Correia (Ag.); 97 — João Marcelino (Bf.).

Os que foram eliminados
Na 3.ª etapa — 77 — Martins Viegas (Louletano); 109 — José da Costa (Belenenses).
Na 4.ª etapa — 40, João Gonçalves (Salg.); 43, Américo Dias (Salg.); 48, Ant. Machado (Salg.); 87, Herminio Custódio (Távira).

Na 5.ª etapa — 49, Celso Pedrosa (Salgueiros).
Na 8.ª etapa — 15, José M. Marques (Aguias); 31, Demangulhem (L. Francês); 32, Ch. Castera (L. F.); 34, Claude Coutant (L. F.); 41, Fernando Mota (Salgueiros); 60, Pedro Polainas (indiv.); 78, António da Silva (Louletano); 80, António Romeira (Távira); 107, Silvano Epifanio (Belenenses).

QUADRO DE HONRA

Vencedores das etapas

- 1.º — Américo Raposo (Sporting)
- 2.º — Sousa Cardoso (F. C. P.)
- 3.º — José Calquinhos (Sang.)
- 4.º — Aquiles dos Santos (Sang.)
- 5.º — Azevedo Maia (F. C. P.)
- 6.º — Alves Barbosa (Sang.)
- 7.º — Alves Barbosa (Sang.)
- 8.º — Antonino Baptista (Sang.)
- 9.º — Sérgio Páscoa (Távira)
- 10.º — Artur Coelho (F. C. P.)

Portadores da camisola amarela

- Na 2.ª — Américo Raposo (Sp.), sem vantagem de tempo.
Na 3.ª — Sousa Cardoso (F. C. P.), com 8 s.
Na 4.ª — Agostinho Brás (F. C. P.), com 43 s.
Na 5.ª — Aquiles dos Santos (Sang.), com 3 m. 53 s.
Na 6.ª — Aquiles dos Santos (Sang.), com 3 m. 13 s.
Na 7.ª — Aquiles dos Santos (Sang.), com 4 m. 14 s.
Na 8.ª — Aquiles dos Santos (Sang.), com 4 m. 14 s.
Na 9.ª — António Pisco (Aguias), com 36 s.
Na 10.ª — Alcides Neto (Távira), com 9 s.

Os melhores de cada equipa

(No fim da 10.ª etapa)

Sporting — J. P. Carvalho	1.º
Benfica — Henrique de Castro	2.º
Távira — Sérgio Páscoa	3.º
F. C. Porto — Emídio Pinto	5.º
Belenenses — A. Carreira	9.º
Salgueiros — M. Guedes	10.º
Académico — M. Castro	11.º
Aguias — Lima Fernandes	12.º
Sangalhos — Fernando Silva	17.º
Louletano — Manuel Perna	39.º

Os efectivos das equipas

Sangalhos	6	(8)
(Os Aguias)	6	(8)
Académico	9	(9)
Liceu Francês	—	(8)
Salgueiros	4	(9)
Sporting C. P.	5	(8)
F. C. Porto	9	(8)
Louletano	4	(7)
G. Távira	6	(9)
Benfica	6	(10)
Belenenses	4	(6)
Individuais	3	(4)

62 35

Entre parentesis indicam-se os números de inscritos por cada clube.

O balanço da prova

O que está percorrido...

1.º	Circuito de Alvalade	9 Km.
2.º	Circuito do Estoril	10
3.º	Cacilhas-Sant. de Cacém	147
4.º	Santiago de Cacém-Portimão	147
5.º	Portimão-Távira	113
6.º	Távira-Loulé	36
7.º	Circuito de Loulé	9
8.º	Loulé-Moura	199
9.º	Moura-Estremoz	180
10.º	Estremoz-C. Branco	143
Total		993

...e o que falta percorrer

11.º	C. Branco-P. da Saude	77 Km.
12.º	Covilhã-Guarda	44
13.º	Guarda-Mirandela	186
14.º	Mirandela-P. Salgadas	101
15.º	Descanso em P. Salgadas	141
16.º	Braga-Vila do Conde	176
17.º	Circuito de Vila do Conde	58
18.º	Vila do Conde-Porto	105
19.º	Circuito do Lima	9
20.º	Circuito de Espinho	12
21.º	Espinho-Viseu	130
22.º	Viseu-Anadia	153
23.º	Anadia-Sangalhos	90
24.º	Sangalhos-Tomar	150
25.º	Tomar-Alpiarça	51
26.º	Alpiarça-Lisboa	171
Total		1.645

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Os professores estrangeiros visitam o Norte do País

FIGUEIRA DA FOZ, 8. — (Pelo telefone). — Os professores estrangeiros do ensino liceal pertencentes ao Clube Internacional de Brest que se deslocaram a Portugal estiveram hoje nesta cidade e foram recebidos na Câmara Municipal. Seguiu-se um passeio à praia e à Serra da Boa Viagem. Após o almoço, visitaram Aveiro e a Costa Nova, atravessando a ria de barco até Bestida.

Os visitantes pernitoam no Porto e, amanhã, seguem para o Minho.

Em ALGES o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na Tab. do CAFÉ CARAVELA D'OURO.



No Concurso Kodak «Velox», referente a Julho, classificou-se em 1.º lugar, ganhando 600 escudos, o sr. Francisco A. Correia, do Porto. Mereceu também a distinção de uma menção honrosa o sr. Eduardo A. Gageiro, com um instante de uma espera de toiros

A recolha de cães

em circunstâncias impróprias

A propósito da nota que antecede publicamos sobre a recolha de cães a horas de grande movimento, o que dá lugar a protestos do público que assiste ao espectáculo triste da perseguição aos animais, vários leitores nos têm comunicado que se verificaram idênticas cenas também a horas inconvenientes, isto é, de manhã, quando a circulação nas ruas é já intensa em diversas zonas da cidade, particularmente na Travessa da Palmeira, o que origina a mesma reacção sentimental por parte dos transeuntes.

Para as autoridades competentes da Camara Municipal de Lisboa chamamos a atenção deste facto, certos de que não deixarão de tomar providências para evitar tão desagradável espectáculo.

NECROLOGIA

João Mendonça Coxo

Na sua residência, na Rua J, n.º 11-2.º - Esq., no Bairro Santos, faleceu o sr. João Mendonça Coxo, de 36 anos, comerciante e sócio-gerente do Restaurante Solar da Ponte, natural de Montes da Senhora, Proença-a-Nova, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Coxo, pai do menino Carlos José Cardoso Mendonça Coxo, irmão da sr.ª D. Maria Ribeiro Coxo Gonçalves e dos srs. José Mendonça Coxo e Manuel Mendonça Coxo. O funeral, a cargo da agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 15 horas, da igreja do Campo Grande para o Cemitério do Lumiar.

O concurso de teatro do S. N. I.

O concurso de arte dramática que o S. N. I. promoveu entre os grupos cénicos das colectividades de cultura e recreio prossegue esta noite com a apreciação das provas do grupo «Os Íntimos», de Lisboa, e do clube «Fraternidade Recreativa», de Portimão, que apresentam, respectivamente, as peças «Prémio Nobel», de Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros, e «Fogo de vista», do dr. Ramada Curto.

As provas realizam-se nas sedes das respectivas colectividades.



Um monumento a Manuel da Nóbrega foi hoje inaugurado em Sanfins do Douro

ALIJO, 8 (Pelo telefone) — Com diversas cerimónias, foi, esta tarde, prestada homenagem à memória do padre Manuel da Nóbrega, fundador da imensa e majestosa metrópole, que é hoje a cidade de S. Paulo, e nascido numa pitoresca povoação de Trás-os-Montes.

A iniciativa pertenceu ao Centro do Douro, da cidade bandeirante, que ofereceu a Sanfins do Douro um busto do eminente jesuíta, o qual foi esculpido pelo jornalista, escultor e historiador paulista Meilo Pimenta, e transportado para Portugal por uma delegação cons-

tituida pelos sanfinsenses srs. Artur Costa, Augusto Herculano, Ferreira Leite e António Ventura, respectivamente, presidente, vice-presidente e, também, director da Casa de Portugal em S. Paulo e membro daquela benemérita instituição.

As 13 horas, na Pousada Barão de Forrester, em Alijó, o governador civil de Vila Real, sr. coronel Rocha Peixoto, ofereceu um almoço àquela delegação, no qual participaram, também, os comandantes da G. N. R. e da P. S. P. de Vila Real; monsenhor Libanio Borges, em representação do bispo da diocese; sr. Torcato Portugal de Magalhães, presidente da Camara de Sanfins do Douro, e a respectiva vereação; dr. Luís César Ferreira, presidente da comissão da U. N.; sr. Gastão de Bettencourt, representante do S. N. I.; e padre Henrique dos Santos, que tem sido o elemento de ligação entre o Centro do Douro e representante de Sanfins do Douro. No final do almoço trocaram-se brindes.

As 16 e 30 começou, na praça principal de Sanfins do Douro, a cerimónia da inauguração do monumento, que é uma miniatura da que foi inaugurado em 1954, quando das celebrações do 4.º centenário da fundação da capital bandeirante pelo glorioso jesuíta português. Discursaram os srs. padre Henrique dos Santos, Artur Costa e, por fim, o coronel Rocha Peixoto.

A vetusta povoação vive horas de grande festa, não só por motivo da homenagem a Manuel da Nóbrega como pelos festejos em honra da Senhora da Piedade, que estão a decorrer com a participação de bandas de musica e ranchos folclóricos de diversas regiões.

Depois da cerimónia da inauguração haverá um «porto de honra» na ermida da Senhora da Piedade.

Cruzeiro da Mocidade Portuguesa a bordo da «Sagres»

Com a valiosa colaboração do Ministério da Marinha, a Mocidade Portuguesa vai realizar, a bordo do navio-escola «Sagres», mais um cruzeiro marítimo, durante o qual se procederá, como habitualmente, a um curso de Instrução Especializada de Marinharia.

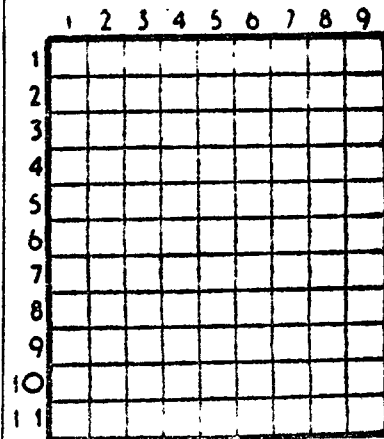
Tomam parte no Cruzeiro, que terá a duração aproximada de duas semanas, trinta rapazes, dos quais cinco alunos do Colégio Militar.

As inscrições são feitas através das Delegações Distritais ou dos Centros Universitários, entidades essas que se encontram habilitadas a prestar todos os esclarecimentos sobre o assunto e que deverão proceder ao envio das inscrições para o Comissariado Nacional com a maior brevidade possível. Lembra-se que só podem inscrever-se filiados com mais de quinze anos e que saibam nadar.

A partida da «Sagres», para o cruzeiro da M. P. está prevista para o dia 17 do corrente.

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 3728



HORIZONTAIS: 1 — Inscrições em pedra. 2 — Anúncio de mal próximo. Símbolo químico do cromo. 3 — Batráquio. Devastara. 4 — Arteria. Espécie de borboleta diurna. 5 — Prefixo de negação. Filtro. 6 — Utensílio de lavoura. Porém. Reis. 7 — Entrega. Preposição. 8 — Sincero. Agora. 9 — Murtas. Símbolo químico do rubídio. 10 — Carta de jogar. Filósofo holandês autor de «Elogio da loucura». 11 — Gastasse.

VERTICAIS: 1 — Parceiro. Ramos de palmeira. 2 — Estimativa. Aqui está. 3 — Preposição. Certo. Oferecer. 4 — Ratazana. Trabalhador sem domicílio certo. 5 — Vazia. Pende. Reza. 6 — Do vento (pl.). Sufixo que designa abundância (pl.). 7 — Anel. Doutor. Abreviatura de santíssimo. 8 — Julguei. Reequipe. 9 — Oração ou parte de uma proposição. Util.

Solução do problema n.º 3727

HORIZONTAIS: 1 — Diagrama. 2 — Aros. Além. 3 — Adir. Ago. 4 — Amélia. Ar. 5 — Catária. 6 — Sor. Sol. 7 — Sal. Sem. 8 — Rá. Mar. Pá. 9 — Ega. Remi. 10 — Meda. Moda. 11 — Amarrara.

VERTICAIS: 1 — A. C. Trema. 2 — Dramas. Agem. 3 — Iodetos. Ada. 4 — Asilaram. Ar. 5 — Rir. Lar. 6 — Rã. Ais. Rema. 7 — Ala. Aos. Mor. 8 — Meca. Lépidia. 9 — Amora. Má.

PREÇOS FIM DE ESTAÇÃO

FATOS DE BANHO

SÉCIA

BOUTIQUE

31, Rua da Conceição
Telef. 30546—LISBOA

PIQUENIQUE MUSICAL

no Lumiar

Na Quinta do Caracol, ao Lumiar, efectua-se amanhã, um piquenique promovido pela Comissão de Melhoramentos de Esporão-Góis. Haverá várias surpresas e um baile campestre animado pelo conjunto musical «Familiar Lisboa», além da colaboração dos melhores guitarristas e acordeonistas daquele concelho.

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

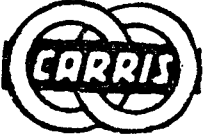
Esta venda começa-se a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário

FIXE a sua RESIDÊNCIA ou faça férias num dos 20 APARTAMENTOS com: — Banho, Aquecimento, Música e Telefone, da

No Verão
No Outono
No Inverno
Na Primavera
VÁ, com a família ou amigos, Almoçar, Tomar chá, Jantar e Ceiar, na

Estalagem do Senhor da Serra

Telex 1960175 — BELAS — a 6 km. de Lisboa
Vários e amplos locais para CASAMENTOS, BAPTISADOS e BANQUETES
Ambiente delicioso — Preços acessíveis



SERVIÇO DE AUTOCARROS

NOVA CARREIRA (N.º 37)

ROSSIO (Norte) - CASTELO de S. JORGE

As 13 horas de segunda-feira, 10 do corrente, é inaugurada a nova carreira de autocarros n.º 37, entre ROSSIO (NORTE) e o CASTELO DE S. JORGE, cujo percurso é o seguinte:

ROSSIO, Rua do Ouro, Rua da Conceição, Largo da Madalena, Rua de Santo António da Sé, Rua do Limoeiro, Largo do Contador-Mor, Travessa do Funil, Rua do Chão da Feira (CASTELO DE S. JORGE).

No sentido inverso, os autocarros regressam pela Rua Bartolomeu de Gusmão, Largo dos Loios, Largo do Contador-Mor, Rua do Limoeiro, Rua da Conceição e Rua Augusta.

HORÁRIO

DIAS ÚTEIS, DOMINGOS e FERIADOS

ROSSIO — CASTELO		CASTELO — ROSSIO	
Horas	Intervalos	Horas	Intervalos
Das 10.00 às 18.30 h.	30 m.	Das 10.15 às 18.45 h.	30 m.

Lisboa, 8 de Agosto de 1959
A ADMINISTRAÇÃO



PAILLARD

SEMPRE NA VANGUARDA

NOS

CONCURSOS DE CINEMA DE AMADOR! EVIDENCIANDO COMO SEMPRE ESMAGADORA SUPERIORIDADE

Mais uma vez se constata factos indiscutíveis: no ano passado 4/5 dos laureados em concursos de cinema de amator filmaram com câmaras Paillard; nos 7 principais concursos internacionais os cineastas equipados com aquelas câmaras conquistaram os primeiros lugares.

Em 1959, o primeiro e os 3 prémios seguintes do concurso nacional suíço foram ganhos por cineastas Paillard.

No concurso nacional alemão 1959, em 20 filmes, 18 foram feitos com câmaras Paillard. A única medalha de ouro foi dada ao possuidor duma câmara B 8 L. Em 8 medalhas de prata, 6 foram ganhas por Paillard e também o foram 11 de bronze num total de 12.

No Festival internacional de Murano 13 dos 14 filmes de 16 mm e 6 dos 11 filmes de 8 mm premiados, foram feitos com câmaras Paillard.

No concurso nacional belga 1959, em 29 filmes de 16 mm premiados, 28 foram feitos com Paillard H-16.

A proporção em filmes de 8 mm foi de 13 em 20.

Também, nos 10 melhores filmes indianos apresentados em 22 de Junho em Bombaim, 9 foram feitos com câmaras Paillard.

PAILLARD

FOI, E'

E CONTINUARÁ A SER

A PRIMEIRA M A R C A

DE CINEMA DO MUNDO



A VENDA SÓMENTE NAS CASAS ESPECIALIZADAS

RESTAURANTE PORTO DE ABRIGO

RUA DOS REMOLARES, 16-18

Comunica aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos que encerra aos domingos, durante os meses de Agosto e Setembro.

CAPITAL

Coloca s/ automóveis ou prédios em 1.^{as} hipotecas nas melhores condições:

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito

S. A. R. L.

Sede em Lisboa na Av. da Liberdade, 3-2.

Coimbra: R. Ferreira Borges, 15-2.

Porto: Praça da Liberdade, 12-2.

PULVERIZADOR

Procuo entrar em contacto com representante da marca

D. B. Smith & Company Air Vente Indian Patent. Utica N.S.U.

Resposta a João A. Trindade Esperança — Arronches.

BEATRIZ PLÁCIDO DOS SANTOS

FALECEU

Celestino dos Santos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida e chorada esposa e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja dos Anjos, onde se encontra depositada, para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA ALMEIDA

ENGENHEIRO

JACINTO DOS REIS BETHENCOURT

AGRADECIMENTO

Ivette Motta de Bethencourt, filhos, genros, netos e mais família, vêm por este meio agradecer a todos os que de qualquer forma se interessaram durante a doença, e bem assim que lhe manifestaram o seu pesar pela perda do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e a quem o não fizeram directamente por falta ou desconhecimento de moradas.



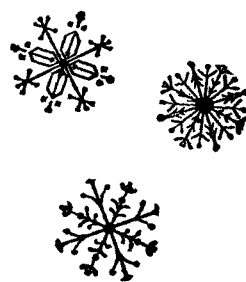
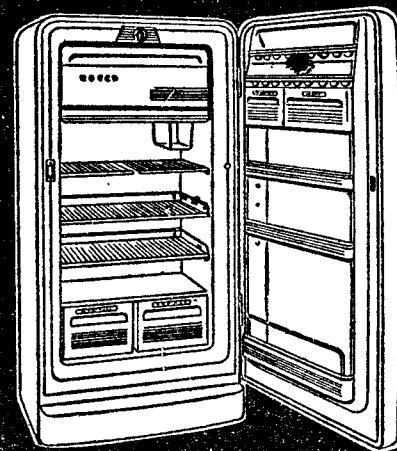
João Mendonça Coxo

(Sócio gerente do Restaurante Solar da Ponte)

FALECEU

Maria do Carmo Coxo e seu filho, Manuel Mendonça Coxo e sua mulher, José Mendonça Coxo, Maria Ribeiro Coxo Gonçalves, seu marido e filhos e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã, dia 9, pelas 15 horas, da Igreja do Campo Grande para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA SALGADO



NA
VANGUARDA
DA TÉCNICA
ALEMÃ

7 MODELOS
DESDE 5.990\$00

APROVEITAMENTO
MÁXIMO

CONSUMO
REDUZIDO

BOSCH



Feiras Internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

AUSTRIA

Klagenfurt

(de 6 a 16 de Agosto de 1959)

ALEMANHA

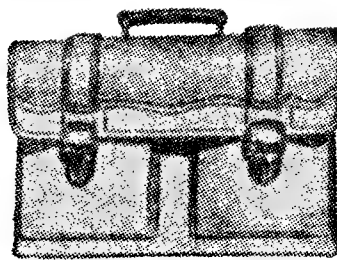
Frankfurt (Meno)

(de 30 de Agosto a 3 de Setembro de 1959)

Pedir esclarecimentos:

na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).
nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

PASTAS



30 anos de fabrico todos
modelos fornece ao comércio
A. Comprido—R. Madalena, 97

FRITADORAS



BATATAS
PEIXES
CARNES
DIVERSOS

TIPO INDUSTRIAL

TIPO BIJOU
PEQUENAS COZINHAS

TIPO MÉDIO
INDUSTRIAL

Distribuidores Gerais:

MARÇAL CORRÊA, L.^{da}
RUA SERPA PINTO, 15, 5.^o ESQ.^o (Ao Chado—Tem elevador)
TELEFONE 26076 LISBOA — PORTUGAL

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

ta do Proto-Medicato na criação do dito Tribunal, graduado pela Universidade de Coimbra, e médico da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima, refere que a «Água de Inglaterra», que faz André Lopes de Castro (sobrinho de Castro Sarmiento) por Privilégio que lhe foi concedido em virtude da minha observação, e dos mais companheiros meus da Câmara, sendo a principal, a que se fez a Sua Majestade, e como teve o Privilégio a continuou publicamente a usar» e afirma que os enfermos tiram «bons efeitos como tenho observado».

Manuel da Silva Moreira Paisinho, graduado pela Universidade de Coimbra, Médico da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima, físico-mor da Armada Real, clínico de cabeceira que a custo alcançava tempo para repouso, tantos eram os seus afazeres e chamadas, certifica que a «Água de Inglaterra» é boa eficaz, digna de se continuar o seu uso, que tem sido sempre útil aos enfermos, e «já a tomou Sua Majestade com bom sucesso». O longo atestado de Paisinho foi datado a 28 de Junho de 1779, isto é, quinze anos depois da água inglesa ser fabricada em Londres.

José dos Santos Gato, lente de cirurgia da Universidade de Coimbra, e os demais lentes da mesma, António Amado de Brito, António José da Silva de Carvalho e António de Carvalho e Brito, o mesmo escrevem nas suas «Atestações», autorizando a publicação dos atestados em livro ou na «Gazeta de Lisboa».

Manuel Jorge de Santa Rita Ribeiro, Mestre em Artes, Familiar de Número do Santo Ofício, médico partidista pela Universidade de Coimbra, e dos partidos da Cidade de Leiria, usa a «Água de Inglaterra» «nas queixas para que se tem aplicado» e jura pelos Santos Evangelhos, em Lisboa, a 10 de Outubro de 1780, que a referida Água constitui excelente medicamento. De facto, esta «Água de Inglaterra» (d'Esaguy, «Águas de Inglaterra (Nótulas)», Ática, Lisboa, 1936), água febrífuga, infuso ou macerado de cascas de Quina-Quina, cujas altas qualidades terapêuticas tinham sido anunciadas pelo Cardeal de Lugo, em 1650, que «as observou nos indígenas do Peru», foi largamente prescrita em todo o País, segundo a lista de encomendas que constam dos livros de José Joaquim de Castro.

O Dr. Romualdo de Brito e Freitas aconselhou-a sempre no Hospital da Vila de Setúbal (2 de Janeiro de 1781); Francisco José da Silva Mirandela, Médico do Partido do Hospital Real dos Militares, e da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima, que Deus Guarde (4 de Janeiro de 1781) e os médicos desta Corte da Cidade de Lisboa, Feliciano António de Almeida e Araújo, Manuel de Moraes Soares, Simão Vitorino de Castro, «Médico da Família da mesma Senhora», Joaquim Xavier da Silva, Estêvão Manuel Raposo Pereira, assim como José Henriques Ferreira, Inácio Tamagini, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Francisco José Pereira, Francisco Damiano Cosme Vilela, Francisco José Pereira, Francisco José Mendes de Carvalho, Maurício José Álvares de Sá, António Soares de Macedo Lobo, José Inácio da Costa Freire, Manuel José da Câmara e Miguel Filipe Neri de Bulhões (15 de Janeiro de 1783) certificam e atestam que a «Água de Inglaterra», que na mesma Corte fabrica André Lopes de Castro, pela receita do Doutor Jacob de Castro Sarmiento, produz admiráveis, e prontos efeitos nos casos, em que é positivamente indicada, como nos tem mostrado a experiência, e observação, e no pronto, e segundo modo de obrar excede a todas as águas febrífugas, e porque do referido nos é pedida a presente, a passamos, e (sendo necessário) juramos com o juramento dos nossos graus».

Cornélio João Quin chama-lhe

tintura peruviana antifebril e anti-séptica de André Lopes de Castro, à imitação da «Água de Inglaterra» de Jacob de Castro Sarmiento, afirmando que «é muito eficaz na cura das febres intermitentes, e em todas as mais queixas, em que se indica a casca Peruviana; não sómente por ser bem saturada em menstuo idóneo, e grato ao estômago nos casos ordinários, mas também nos extraordinários, admitindo e cobrindo ao paladar, e ao estômago maior dose do extracto ou quinta-essência da mesma Quina, à medida da ferocidade dos sintomas».

Muito curioso é, sem dúvida, o atestado passado pelo Doutor José Corrêa Picanço, Cavaleiro Professor na Ordem de Cristo, Médico da Câmara de Sua Majestade, seu primeiro Cirurgião, lente jubilado na Universidade de Coimbra, Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, e fundador dos estudos médicos no Brasil. Picanço afirma «que a Água chamada de Inglaterra, que prepara André Lopes de Castro nesta Corte, é de suma eficácia não só na cura das febres intermitentes, ma em todos os casos médicos, e cirúrgicos, em que se necessita aumentar as forças dos sólidos vivos, e corrigir a podridão dos humores. É pelo ter muitas vezes experimentado, o afirmo pelo Hábito que professo (Lisboa, 10 de Julho de 1797)».

José Pinto de Azeredo, Doutor em Medicina e Físico-Mor do Reino, que foi professor de medicina na Escola Médica de S. Paulo de Luanda (Registro de «bandos» dos Governadores. Bandos Diversos. Bando de 10.9.1791 do Governador Manuel de Almeida Vasconcelos, sobre a «Abertura da Aula de Medicina e Anatomia» in «Arquivos de Angola»), diz que a «Água de Inglaterra», não porque se suponha específica, e única para as suas enfermidades, mas porque ela é sempre composta de Quina ótima, ou ao menos melhor da que ordinariamente possuímos, é um remédio que não engana e a receita em todas as moléstias «onde esta convém».

A mesma água conquistou larga fama em todo o Brasil, em especial no Rio de Janeiro, na Cidade de Olinda, e Vila de Santo António do Recife de Pernambuco, de norte a sul, e para o interior».

Foi largamente prescrita e utilizada em Olivença, Lagos, Beja, Vila do Crato, Abrantes, Ribeira de Pernes, Braga, Coruche, Lourical, Santarém, Almeirim, Vila de Almodovar e Garvão, Grândola, Aveiro, Almada, Moura, Coito de Lavos, Serpa, Elvas, Évora, Montemor-o-Novo, Albufeira, Azambuja, Chamusca, Tavira, Benavente, Amoreira, Viana, Coimbra e Porto, Viana do Minho, Barreiro, Aldegaleta do Ribatejo, Estremoz, Sesimbra, Vila Viçosa, Cartaxo, Punhete, Ourém, Lourinhã, Bucelas, São Filipe de Benguela e S. Paulo de Luanda, nas Américas e nas Índias.

Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Bispo de Beja, a 22 de Maio de 1799, atesta que «sofrendo tercans dobres de grave cuidado», em Janeiro daquele ano, se curou.

Clero, Nobreza e Povo, moradores na cidade do Rio de Janeiro, certificaram, a 2 de Outubro de 1800, e atestam que são frequentes os pedidos, dirigidos aos Comissários da Cidade de Lisboa, e que a água antifebrífuga «desengana contra todos os que com argumentos querem assim disputar contra a experiência». Também os «Negociantes de Lisboa» e «Comissários de

As «bodas de praia»

do Museu José Malhoa

CALDAS DA RAINHA, 8 — Incluída no programa das «bodas de prata» do Museu José Malhoa, que começam no dia 15 com a inauguração de várias exposições artísticas, o sr. dr. Fernando da Silva Correia, director do Instituto Ricardo Jorge, faz, esta noite, naquele museu, uma conferência sobre «o primeiro provedor do Hospital das Caldas».

toda a América, Índia e Angola», a 6 de Janeiro de 1799, confirmam em «como há muitos anos que remetem, e continuamente estão remetendo, várias partidas de garrafas de «Água de Inglaterra», as quais são pedidas pelos correspondentes, declarando os mesmos que as não as querem senão da própria casa do Capitão André Lopes de Castro, por ser a que em todos aqueles domínios têm a melhor aceitação».

A «Gazeta de Lisboa» inseriu avisos sobre a Água em 5 de Maio de 1810, 8 e 11 de Maio de 1811.

Nos «Livros da Junta do Comércio» encontram-se repetidas referências, nalgumas delas os constantes pedidos de José Joaquim de Castro para usar o título de Real Fábrica, conferido por Decretos de Sua Alteza Real o Príncipe Regente, segundo consta das «Atestações», publicadas em Lisboa, na Imprensa Régia, em 1813.

Os «Documentos Régios» foram insertos num folheto que apareceu em 1809. Quinze anos passados (1814) apareceu novo folheto, intitulado «Collecção de Decretos, Avisos, e outras Ordens Régias a favor da Verdadeira, e Única Água de Inglaterra da composição do Doutor Jacob de Castro Sarmiento, preparada por José Joaquim de Castro na sua Real Fábrica em Lisboa».

Durou umas boas décadas a aura desta água milagrosa, mas depois, com a descoberta do princípio activo, a quinina, caiu para sempre no esquecimento.

A. d'E.

Uma nova indústria nacional

Apesar de nova, a indústria do plástico reforçado com fibra de vidro trouxe a construção civil o meio de resolver o enigma de muitos problemas, cuja solução, até agora, era difícil, precária e onerosa.

Por essa razão já lhe chamam o «material milagre», e a designação é apropriada.

A América do Norte, a Itália, a França, a Bélgica, etc., fizeram a prova infalível da afirmação, com o emprego larguíssimo deste produto. A Feira de Bruxelas, que tantos portugueses visitaram, foi a última e vibrante demonstração.

Pela facilidade de colocação, pela sua durabilidade praticamente ilimitada (durabilidade que escusa despesas de conservação), pela sua leveza excepcional e transparência á luz, o plástico reforçado com fibra de vidro é o material indicado para coberturas fabris, divisórias, decorações interiores, piscinas, estações de serviço, garagens, instalações agrícolas, esplanadas, estufas, etc.

Temos hoje o prazer de anunciar aos leitores que este produto já se fabrica em Portugal, por modernos processos, com capitais exclusivamente portugueses. A sua qualidade e preço rivalizam com o do similar estrangeiro. Preferi-lo é, portanto, dever de todo o bom português. E não temos duvida de que isso vai acontecer até por brio nacional.

A Empresa que explora este produto, que inegavelmente é o material do futuro, — VIFIBRAS-PLÁSTICOS REFORÇADOS, LDA. — tem a sua sede e fábrica em Santa Iria da Azoia — Telefone 059 178.

Festival Folclórico Internacional em Santa Marta de Portuzelo

VIANA DO CASTELO, 8. — (Pelo telefone) — Estão a decorrer com desusado brilho e excepcional interesse, atraindo bastantes estrangeiros, os números do programa do grande Festival Folclórico Internacional em Santa Marta de Portuzelo, cujo «rancho» artístico, de elevada categoria, conquistou larga fama no estrangeiro.

Hoje, as festas começaram com alvorada e recepção ás bandas de musica da Sociedade 1.ª de Dezembro, do Montijo; da Associação Musical Saavedra Guedes, de Pardilhó e Marcial dos Escuteiros, de Barroelas. De manhã, abriu a Grande Feira Anual, que inclui importante concurso pecuário, celebrando-se a cerimónia da entrega das taças «Festas de Santa Maria» e «Lavouras», aos lavradores premiados pela apresentação de maior quantidade de cabeças de gado.

De tarde, haverá concerto pela banda do Montijo e, á noite, recepção á dos Bombeiros Voluntários de Esposende, seguindo-se outro admirável festival nocturno com imponentes iluminações, concertos fogo de artifício e categorizados atractivos.

Amanhã é o grande dia do V Festival Folclórico Internacional, em que tomam parte categorizados agrupamentos artísticos de Espanha, França, Inglaterra e Suíça, incluindo o programa vários festejos, arraial, tradicional procissão e uma apoteose pirotécnica.

QUEDA DESASTROSA

COVILHÃ, 8 — Na sua residência deu uma queda e ficou muito ferida, com um profundo golpe no braço esquerdo, resultante de uma garrafa que transportava, a sr.ª Eufrásia da Conceição, de 57 anos, servicial, de Tortozendo. Recolheu ao Hospital da Misericórdia.

MOSCAS, TRAÇAS E MOSQUITOS

uma leve pressão... e pronto!



... Todos são mortos em poucos segundos com SHELLTOX AEROSOL, um insecticida de acção imediata e eficaz.

SHELLTOX AEROSOL não é inflamável, nem provoca nódoas.

SHELLTOX é económico, pois a concentração de produtos activos é tal que se obtém um rendimento máximo com um mínimo de despesa.

Compre hoje mesmo

SHELLTOX AEROSOL

O PORTO PELO TELEFONE

Há falta de mercados

para as necessidades da população que aumenta com o desenvolvimento do burgo

PORTO, 8 — Para o constante desenvolvimento da cidade não chegam já os dois mercados existentes (o do Bolhão e o do Bom Sucesso), os quais não podem satisfazer as necessidades da população, que aumenta, também, a olhos vistos, e só tem para se abastecer um mercado em cada bairro, segundo a divisão administrativa do burgo (oriental e ocidental). Assim, há zonas, afastadas de um e outro mercado, cujos habitantes lutam diariamente com dificuldades para o abastecimento de gêneros, nomeadamente produtos frescos, tais como peixe e legumes.

Guerra de extermínio

às moscas e mosquitos na China Popular

PEQUIM, 8 — Uma vasta campanha de extermínio das moscas e dos mosquitos, começará nesta cidade, amanhã, a fim de permitir a celebração condigna do 10.º aniversário da fundação da República Popular.

Centenas de milhares de operários, estudantes, funcionários públicos, crianças das escolas e donas de casa foram mobilizados com esse fim mediante convites publicados nos jornais, de que se fazem eco as «comissões de extermínio» das ruas e das empresas: em cada bairro, as brigadas «especializadas» desencadearão a guerra contra as moscas e os mosquitos, e nublarão as paredes onde os «inimigos» põem os seus ovos.

Nas fábricas, nas escolas, nos armazéns, todos rivalizam de engenhos, querendo apresentar a «armadilha para moscas» mais eficaz...

O Partido Comunista tomou directamente a direcção das operações em diferentes sectores de Pequim.

Contudo, esta campanha insecticida ficará muito aquém da famosa «campanha contra os pardais» de Abril de 1958. Para se livrarem dos milhares de milhões de pardais que muito danificavam as searas, os camponeses imaginaram uma maneira radical de os exterminar: durante três dias e três noites, em toda a China, recorrendo a panelas, cafeteiras, caldeiras e outros instrumentos, organizaram a maior chiffrineira do Mundo, a fim de impedir que os pássaros pousassem em qualquer sítio e levados a morrer de cansaço. A China passou três noites em claro, mas, na manhã do quarto dia, todos os pardais haviam morrido ou tinham desaparecido...

Os exercícios navais

no mar dos Açores

Prosseguem no mar dos Açores, os exercícios navais de luta antiaérea e antisubmarina, iniciados no passado dia 27 de Julho e que se prolongarão até 29 do corrente. Estarão em acção até lá cinco unidades entre as quais a fragata «Corre Real» em que viajam cadetes da Escola Naval que completarão a sua instrução em 31 de Agosto. Colaboram também nos exercícios, dirigidos superiormente pelo comodoro Celestino da Silva, aviões da Base Aérea n.º 6 do Montijo.

O ministro da Marinha

visita, amanhã, Peniche

O ministro da Marinha visita, amanhã, a vila de Peniche. O sr. almirante Quintanilha e Mendonça Dias, irá, igualmente, à Berlenga, onde almoçará, regressando da parte da tarde a Lisboa.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em AGUEDA na AGENCIA CONDE e CAFE SANTOS.

Em tempos que já lá vão o numero e a divisão proporcional dos mercados era bem melhor do que hoje, sendo a área da cidade bastante menos e menos dispersa. Funcionavam, então, na Baixa o Mercado de Ferreira Borges, a Praça da Ribeira, que lhe fica paredes meias, o Mercado do Bolhão, para o centro, e o do Anjo e a Praça do Peixe, a Cordoaria, também muito próximos.

O Mercado do Anjo desapareceu para dar lugar à «lindíssima» Praça de Lisboa, numa manifestação de afecto camarário, por parte da edilidade portuense, ao que a de Lisboa não correspondeu, como se impunha. Mercado por mercado, a Praça da Figueira, que também se transformou em parque de estacionamento de automóveis, deveria, logicamente, ser «Praça do Porto». Por muito menos, a Camara de Gaia vai dar a uma das suas futuras artérias o nome do «F. C. do Porto»...

No lugar da Praça do Peixe, está a erguer-se o Palácio da Justiça. Mas, em boa verdade, nós estamos mal servidos de mercados. O do Bolhão, ainda com a mesma área que ocupava no começo deste século, estaria hoje bem como subsidiário de um grande «Mercado Central», tal como acontece nas grandes capitais, onde se criaram pequenos mercados de bairros, não contando com os mercados volantes, que se armam em várias ruas.

O «Mercado da Montera» em Madrid é um quadrilátero com uns 50 metros de frente, dividido em estabelecimentos, que deitam para o exterior e para o interior, onde os clientes são servidos aos respectivos balcões — sistema diferente dos nossos mercados, que habitualmente os não têm, nomeadamente nos estabelecimentos de venda de frutas, hortaliças, aves, etc.

Quem, conhecendo bem Paris, nunca fez compras na Rua Cadet ou Faubourg Saint Denis e outras, que são autênticos mercados, no sistema da «Feira da Ladrão» em Lisboa? Isto sem contar com as numerosas «Feiras das Pulgas» e «Carreaux», onde tudo se negocia desde os lindíssimos Limoges, às cadeiras sem pernas, bonecos sem cabeça, ao excelente «Gruyère», aos quadros de admiradores de Picasso, ou velhas máquinas fotográficas dos primitivos modelos «estereoscópicos» (modelo, afinal, que é o «papá» do moderno cine-mascópio) ou ainda lindos e últimos modelos de vestidos e casacos de senhora, possivelmente «desviados» dos «ateliers» de uma «Maggy Rouff», de um «Max Roby» ou de uma «Jacqueline Godard», e ali são vendidos por um terço do que os criadores estabeleceram. Em Paris há mercados para tudo e mais alguma coisa. Os de ferro-velho, por exemplo, são curiosíssimos.

No Porto é que há muito poucos mercados. Até falta um mercado exclusivo de flores. No Rio de Janeiro há um, lindíssimo, entre as Ruas de Gonçalves Dias e de Buenos Aires. E um mercado de flores ficaria bem no Porto, abrindo em perfumados sorrisos, que, como os das mulheres, nos alegam a alma.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Quando nasce o amor».

RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O assassino da voz meiga».

COLISEU — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A floresta interdita».

BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Gata em telhado de zinco quente».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O conde Max».

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Desfolhando a margarida».

JOAO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Beija-me, comandante».

VALE DO LUSO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O monstro do planeta Vénus».

JULIO DINIS — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Os Vikings».

OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A serpente».



Foi demolido o tradicional Mercado do Anjo, para dar lugar a uma praça moderna, em homenagem à cidade de Lisboa — que se resume ao aspecto da gravura

A PREPARAÇÃO

do Concílio Ecuménico

CIDADE DO VATICANO, 8. — Na qualidade de presidente da comissão preparatória do Concílio Ecuménico, o cardeal Tardini, secretário de Estado, enviou a 2.700 prelados e religiosos de todo o Mundo uma circular em que lhes pede que deem as suas opiniões acerca dos problemas que entendem devem ser tratados nas reuniões do concílio. Outra circular do cardeal Tardini pede a todas as Universidades Eclesiásticas e Católicas que mandem elaborar estudos de Teologia, Moral, Liturgia e outras matérias capazes de interessar o concílio. — (F. P.).

A VIAGEM

EM PIROGA

dos universitários espanhóis

ZAMORA, 8. — Os universitários que tentam efectuar a travessia Valladolid-Porto, em piroga, e que tiveram de pernoitar em San Roman, devido ao mau tempo, recomeçarão a sua viagem para Castro de Alcanices, final desta etapa.

Amanhã, as cinco pirogas partirão para a localidade portuguesa de Miranda do Douro. — (F. P.).

Em 3 linhas

Foi hoje publicado um decreto-lei concedendo os meios financeiros para o funcionamento das escolas técnicas profissionais a instalar nos concelhos de Sintra, Montemor-o-Novo e Fafe, e técnica elementar D. António da Costa, em Almada.

Foi criada na província de Mogambique, uma escola prática de Agricultura, junto do Posto de Culturas Regadas, na obra de irrigação do vale do Limpopo.

Foi publicado um despacho que estabelece as remunerações com que a Federação de Caixas de Previdência-Serviços Médico-Sociais e as instituições de previdência deverão retribuir o trabalho das assistentes e auxiliares sociais ao seu serviço.

Foi hoje publicada a lista de antiguidades dos funcionários da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Nos primeiros cinco meses deste ano, a circunscrição aduaneira de Lisboa cobrou 817.662 contos, mais 79.972 que em igual período de 1958.

Um decreto-lei, hoje publicado, aprova, para ratificação, a Convenção aduaneira sobre os livros E. C. S. para amostras comerciais, feita em Bruxelas em 1 de Março de 1956.

A Direcção do Serviço de Infra-Estruturas da Força Aérea vai celebrar contratos, no valor total de 1.537 contos, para ampliação da

Dizem os leitores...

Segunda época de exames em curso excepcional

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

Sr. director: — Em tempo oportuno, o jornal que V. tão superiormente dirige, referiu-se largamente às anomalias do ponto de matemática do 7.º ano (1.ª chamada). E fê-lo com objectividade e elevação que são timbre do vosso jornal, sempre pronto a acompanhar e defender todas as causas justas. Esses reparos encontraram eco no Ministério da Educação Nacional, que, com a publicação de uma nota oficial, veio acalmar um pouco a inquietação que se verificava entre os examinandos. Essa nota anunciava mais completa explicação depois de recolhidos elementos indispensáveis.

Ora, salvo o devido respeito, por muito convincentes que sejam as explicações baseadas em números e percentagens, não cremos, sr. director, que elas consigam justificar também, da parte dos examinados, o desanimo, a descrença, a desconfiança nos próprios recursos ou na lealdade de quem organizou o ponto, e, além do mais, o tempo perdido em busca da solução de problemas sem solução adequada, tempo que poderia ter sido consagrado à execução de outras afeições.

Por este motivo, e atendendo a estas condições verdadeiramente excepcionais, os pais e os alunos interessados ficariam altamente reconhecidos ao ministro da Educação Nacional se Sua Excelência se dignasse permitir que fizessem exame na 2.ª época, os estudantes reprovados em matemática e numa outra cadeira.

Não se pede para fazer a repetição de quaisquer duas Cadeiras e não se trata, portanto, de alterar o espírito da lei, mas tão somente de fazer a repetição de um ponto infeliz e altamente nocivo. Seria uma reparação de elementar justiça e até uma prova de isenção e lealdade, conceder aos candidatos prejudicados uma nova oportunidade de comprovarem as suas habilitações.

Também não se trata de deixar passar quem não sabe, mas de aproveitar quem sabe o suficiente para passar e tem jus á aprovação. Haveria nisto porventura algum inconveniente? Quem aproveitará com os anos perdidos por gerações de rapazes que mais cedo deveriam estar em condições de trabalhar e produzir?

Satisfazer esta petição seria ainda de largo alcance social, porque consentir que alunos em condições de passar, tenham de repetir o ano com disciplinas que poderiam ter

vencido, é oferecer-lhes, de mão beijada, uma ociosidade altamente perniciosa para rapazes de 18 anos.

O argumento de que o aluno que não se preparou durante o ano não pode preparar-se em dois meses é inconsistente. Estamos nos referindo a alunos já suficientemente habilitados e ninguém que passou pelos bancos do liceu ignora que o programa de matemática se revê perfeitamente num mês, pouco prejudicando a preparação de outra disciplina.

Sua Excelência o ministro da Educação Nacional possui no mais alto grau todas as qualidades do homem justo e do governante esclarecido. Confiemos em que não deixará de ter em devida conta este justíssimo pedido, cuja satisfação beneficiaria umas dezenas de rapazes que assim ficariam em condições de prosseguir os seus estudos ou de encetar a sua vida de trabalho.

Agradeço, sr. director, a publicidade que der a esta petição e, com os protestos da mais elevada admiração, faço votos pelas prosperidades de V. e do seu conceituado jornal. De V., etc., a) Alfredo Ribeiro.

Exemplo edificante

Sr. Director: — O «Caso do dia» publicado no vosso jornal de 1 do corrente impressionou muitos leitores do «Diário de Lisboa», entristecendo-os e, por certo, levando-os a recordar a magnífica síntese de um clarividente pensador que assim verbalizava a maldade humana: «quanto melhor conheço os homens, mais amigo sou do meu cão»...

Este «Caso do dia», para além do que nos revela por parte de quem tinha o dever de conciliar a humanidade e a correcção de trato á função e a disposições superiores, trouxe até nós o conhecimento de um facto que, não obstante vulgar e simples, nos apraz comunicar-lhe por constituir magnífica lição.

O caso passou-se na vila de Oeiras, onde também vagueiam cães abandonados, onde igualmente há funcionários camarários encarregados de os apanhar e por certo também há chefes de posto. Em certo dia do mês de Março apareceu na Escola Oficial Conde Ferreira, daquela vila, um cão abandonado. O pobre animal sem raça especial que lhe desse uma categoria á parte na espécie canina, impressionou a pequenada dessa escola. O cão, esquelético, fixava os miudos com um olhar meigo, abandonando-lhes a cauda curta em sinal de gratidão, por receber deles as carícias e o alimento que de casa lhe traziam. Ao abrir-se a porta da aula, o «Piloto», nome que os pequenos lhe puseram, era sempre o primeiro a avançar... E na aula se conservava todos os tempos lectivos, estendido, muito sossegado, debaixo de uma carteira escolar.

Mas em certo dia o «Piloto» não apareceu como de costume. Os garotos ficaram tristes. E interrogaram-se acerca dos percalços que poderiam ter acontecido ao animal. Que se tinha passado? O «Piloto» fora simplesmente apanhado na rua pela fiscalização, como cão vadio, e a essa hora estava enjaulado, no canil municipal, sujeito a um triste fim, se não lhe acudissem a tempo, satisfazendo as disposições regulamentares.

Descoberta a situação do «Piloto», em toda a pequenada se manifestou vivamente o desejo de o salvar. Era necessário dinheiro para a vacina, para a licença, para a multa e para a «diária» no canil. Ao todo algumas dezenas de escudos que os miudos não tinham. Quotizaram-se entre si e de porta em porta fizeram um pedidório, reunindo deste modo mais do que a importância necessária. E assim conseguiram salvar, graças ao entusiasmo dos pequenos e á compreensão das autoridades, o seu bom amigo e companheiro de aula...

Hoje, o «Piloto» já não é um cão vadio. Além de um nome que a pequenada lhe deu, tem uma linda coleira com um numero de registo, tem uma trela e vê-se rodeado da ternura dos seus dedicados amigos.

A escola fechou por motivo das férias, mas o «Piloto» tem muitas casas onde se recolher e onde encontrar alimento e meiguices que os alunos da 4.ª classe, os mais aptos a decisões, lhe não regateiam.

Que atente nesta edificante lição, em especial, o chefe do posto policial de Almada. — De V., etc. — Um amigo dos animais.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

«A ditadura deve constituir uma ponte de passagem da anarquia para a hierarquia» — dizia no dia 8 de Agosto de 1929 o ministro dos Negócios Estrangeiros sr. dr. Trindade Coelho nos cumprimentos à oficialidade da guarnição no quartel-general do Governo Militar de Lisboa.

«Não há política externa sem política interna. Não há política interna sem defesa nacional. Por isso aqui me encontro em frente de soldados, na posição de sentido, o que significa estar em frente da acção rápida, directa, fulgurante. Uma ordem que se dá, uma ordem que se cumpre. Comando, decisão, obediência. Palavras claras, rápidas, precisas» — dizia o ministro.

EFEMÉRIDES

No dia 8 de Agosto de 1945 foi pela Rússia declarada a guerra ao Japão.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 19: O pianista Georges Liberace; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Ray Anthony e coro; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Rhythmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para soldados; no intervalo: «Terras de Angola»; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — As 19: Palestra por Maria de Carvalho; 19 e 10: «Cecilia Volgi un Aguado», cantata (Haendel), por Dora van Doorn, Leo Larsen, e a Orquestra da Sociedade Holandesa Haendel, sob a direcção do maestro Loory; 19 e 45: «Lenda, op. 12, n.º 6», de Prokofiev, em piano, por Hans Graf; 19 e 50: Noticiário regional; 20: 7.º programa do Festival de Estocolmo deste ano; 20 e 35: «Sonata n.º 6» de Mendelssohn, para órgão; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Desdobramento; 21 e 30: Concerto pelo Centro Universitário de Lisboa; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Continuação da transmissão da série dedicada às sonatas de Mozart: «Sonata em mi menor», de Mozart, para violino e piano, por Schneiderhan e Seeman; 22 e 12: «Concerto em lá menor», para flauta e orquestra, de Boismortier, solista Jean Pierre Rampal; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido, pelo prof. Simões Dias; 22 e 45: Que quer ouvir? «Concerto grosso, n.º 11», de Haendel, pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, dirigida por Fritz Lehmann; «Primavera», da oratória «As Estações», de Haydn, por Eifride Trotschei, Walter Ludwig, Josef Greindl, coros da Rias de Berlim e de St. Edwiges, e a Orquestra Sinfónica de Rias de Berlim, sob a direcção de Ferenc Fricsay; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Setubal em festa; 19 e 15: Conjuntos; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 22 e 45: Trechos recreativos; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Canções; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Sumário; 3: Fecho.

Estação de Miramar — As 18: Rhythmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Andrade Santos; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermediário musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França: horizonte do Mundo; 19 e 45: Valsas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Melodias de Paris; 21 e 50: Vida rural; 22 e 30: Orquestras ligeiras; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS —

Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISAO

Hoje, às 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, o festival da Meadela; 21 e 20, «A rival», de Carlos Amado, interpretação de Fernanda Borsatti, Fernando Gusmão e Raquel Valdez; 21 e 40, Line Renaud no Estoril; 22 e 10, «Tele-Desporto»; 22 e 30, «Rhythmos do Brasil», pelo conjunto «Copacabana»; 22 e 50, «Jornal R. T. P.»; 23 e 15, a 22.ª «Volta a Portugal» em bicicleta, comentários de Amadeu José de Freitas; e 23 e 30, encerramento.

FARMACIAS DE SERVIÇO

FURNO — Benfca — Estrada de Benfca, 678-B, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfca, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfca, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15, 4 Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ar. Rego) 91. Telefone 773728; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124 Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande 220-222. Tel. 772397; Zili — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipe de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 38, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J. lote 48, Bairro da Encarnação Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso 11-13 Tel. 381135; Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 38, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-A, Tel. 845513; Higiénica — Rua Helder Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 653694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514, T. 687949; Lináida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Conflança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, 4 Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botânico-Química, Lda. — R. da Junqueira 38-40, Tel. 638132 Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta 15-A-B, Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova 10 Almada, 71, Tel. 30521-A; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

Hoje, às 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, o festival da Meadela; 21 e 20, «A rival», de Carlos Amado, interpretação de Fernanda Borsatti, Fernando Gusmão e Raquel Valdez; 21 e 40, Line Renaud no Estoril; 22 e 10, «Tele-Desporto»; 22 e 30, «Rhythmos do Brasil», pelo conjunto «Copacabana»; 22 e 50, «Jornal R. T. P.»; 23 e 15, a 22.ª «Volta a Portugal» em bicicleta, comentários de Amadeu José de Freitas; e 23 e 30, encerramento.

FURNO — Benfca — Estrada de Benfca, 678-B, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfca, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfca, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15, 4 Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ar. Rego) 91. Telefone 773728; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124 Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande 220-222. Tel. 772397; Zili — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipe de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 38, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J. lote 48, Bairro da Encarnação Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso 11-13 Tel. 381135; Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 38, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-A, Tel. 845513; Higiénica — Rua Helder Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 653694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514, T. 687949; Lináida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Conflança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, 4 Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botânico-Química, Lda. — R. da Junqueira 38-40, Tel. 638132 Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta 15-A-B, Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova 10 Almada, 71, Tel. 30521-A; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

RADIO CLUBE — As 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Setubal em festa; 19 e 15: Conjuntos; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 22 e 45: Trechos recreativos; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Canções; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Sumário; 3: Fecho.

Estação de Miramar — As 18: Rhythmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Andrade Santos; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermediário musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França: horizonte do Mundo; 19 e 45: Valsas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Melodias de Paris; 21 e 50: Vida rural; 22 e 30: Orquestras ligeiras; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS —

Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

Hoje, às 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, o festival da Meadela; 21 e 20, «A rival», de Carlos Amado, interpretação de Fernanda Borsatti, Fernando Gusmão e Raquel Valdez; 21 e 40, Line Renaud no Estoril; 22 e 10, «Tele-Desporto»; 22 e 30, «Rhythmos do Brasil», pelo conjunto «Copacabana»; 22 e 50, «Jornal R. T. P.»; 23 e 15, a 22.ª «Volta a Portugal» em bicicleta, comentários de Amadeu José de Freitas; e 23 e 30, encerramento.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O baile».
ABC — A's 20 e 30 e às 22 e 45 — «Mulheres à vista!».
COLISEU — A's 21 e às 23 — «Há feira no Coliseu!».

CINEMAS

TIVOLI — «Sem alibi».
S. LUIS — «Aliança de aço».
S. JORGE — «Tentação».
IMPERIO — «A mulher que comprou o amor».
MONUMENTAL — «O rebelde or gulhoso».
EDEN — «O 3.º homem».
POLITEAMA — «O filho que não voltou».
ODEON — «Carmela é uma boneca».
CONDES — «Os 10 da legião».
ALVALADE — «Aliança de aço».
AVIS — «Nunca digas adeus».
CAPITULO — «No terraço» — «Império dos malvados».
RESTELO — «Tarzan e a tribo Nagasu».
OLIMPIA — «Sete dias de perseguição».
PAVILHAO — «Escandalos em Tóquios».
JARDIM — «Sayonara».
IDEAL — «Vencer ou morrer».
ESPLANADA PORTUGALIA — «Escravidão de Cartago».
CAMPOLIDE — «Horas de sonho».
S. JOSE' (Sacavém) — «Irresistível forasteiro».

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento, durante o corrente mês, com juros da mora os seguintes:

Contribuição Industrial — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; na hipótese de ter sido paga a segunda.

Contribuição Predial — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro, na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados — A

VIDA ARTISTICA

Está patente ao público no Museu de Arte Antiga a colecção de Eliezer Kamenezky

No Museu Nacional de Arte Antiga abriu, hoje, ao publico, e estará patente até ao próximo ano, uma exposição de peças oferecidas ao museu pela sr.ª D. Arnilda da Cruz Roque Penin Kamenezky, viúva do coleccionador Eliezer Kamenezky, de origem russa, há longos anos estabelecido em Portugal. Dando satisfação aos desejos de seu marido, a sr.ª D. Arnilda Kamenezky entregou ao nosso museu um grupo de valiosas obras de arte que pertenciam a aquele experiente coleccionador. São 47 peças, compreendendo obras de cerâmica, mobiliário, obras de escultura e de pintura, trabalhos com miniaturas e vidros.

Esta doação, dado o critério que precedeu a elaboração da preciosa colecção, vem enriquecer consideravelmente o património artístico do museu.

A Exposição Canina no Estoril

A Junta de Turismo da Costa do Sol, com a colaboração da Secção de Canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses, prepara cuidadosamente a 10.ª Exposição Canina Internacional, que se realizará em 15 e 16 deste mês, no parque do Estoril, que reúne as condições ideais para certa de tão grande projecção desportiva, social e turística.

São muitos e excelentes os exemplares inscritos, destacando-se mais de duas dezenas de campeões nacionais de beleza. Os prémios são valiosos: taças, medalhas e um jantar no Casino do Estoril, oferecido aos expositores cujos exemplares sejam classificados com prémio de raça, ao qual poderão assistir os outros canicultores.

A caça às codornizes

na área da Regional do Centro

A Comissão Venatória Regional do Centro, com sede em Coimbra, proibiu a caça às codornizes e outras espécies não indígenas, antes da abertura geral, em todos os concelhos da sua área, com excepção dos que adiante são indicados e nos locais demarcados no competente edital, a partir de 15 de Setembro, inclusive, desde que ali não sejam sedentários o coelho e a perdiz.

São os seguintes os concelhos onde é autorizada a caça em todos os juncaes, paus, restolhos e milharais em adiantado estado da maturação: Agueda, Aguiar da Beira, Aveiro, Belmonte, Coimbra, Covilhã, Figueira da Foz, Fundão, Góis, Gouveia, Idanha-a-Nova, Ilhavo, Mira, Moimenta da Beira, Montemor-o-Velho, Mortágua, Murtosa, Peralva do Castelo e Vila Nova de Paiva. Nos concelhos de Abrantes, Albergaria-a-Velha, Castelo Branco, Estarreja, Ovar, Sátão, Soure, Vagos e Viseu somente nos locais mencionados no edital da referida Comissão Regional é autorizada a caça às codornizes que começa, igualmente, em 15 de Setembro.

Caça às rolas

No concelho da Anadia abriu hoje a caça às rolas, com grande movimento de caçadores.

Madrinha de guerra

Do furriel miliciano C. 300, aquartelado em Santa Margarida, Jorge Vieira de Almeida, recebeu uma carta pedindo que tornássemos publico o seu desejo de se corresponder com uma madrinha de guerra, que aqui deixamos expresso.

As festas do Barrete Verde e das Salinas

ALCOCHETE, 8. — (Pelo telefone). — Começaram hoje, nesta vila, com grande concorrência de forasteiros, as Festas do Barrete Verde e das Salinas, que são as maiores do concelho e são sempre apreciadas por milhares de pessoas.

A's 7 horas, houve alvorada, com 21 morteiros.

O padre Francisco António Ferreira celebrou missa solene, na igreja matriz, após o que, nos paços do concelho, houve uma recepção aos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão, seguida dum almoço regional, em sua honra.

A's 19 horas, sairá uma procissão, procedendo-se à bênção de barcos.

A's 21 e 30, haverá a abertura do arraial e da feira franca.

A's 22 horas, começará um concerto, pela Banda Imparcial 15 de Janeiro de 1898, desta vila, regida pelo maestro José Lopes Bastos; e às 24 horas exhibir-se-á o Rancho Folclórico de S. Francisco, da Casa do Povo de Alcochete.

Amanhã, às 9 e 30, haverá largada de toiros e, às 18, corrida, com os cavaleiros Pedro Loureiro e José Mestre Baptista, e os «espadas» Javier Gomez e Manuel Durão, e forçados de Alcochete capitaneados por João Carraça. A' noite, continuarão o arraial e feira franca!

As Festas do Barrete Verde e das Salinas, são organizadas pelo «Aposento do Barrete Verde» e sob o patrocínio do presidente do Município, sr. Ruy de Sousa Vinagre.

Outras festas

Estão hoje decorrendo, entre outras, as seguintes festas tradicionais: da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo; de La-Salette, em Oliveira de Azemeis; do Castelo, em Vouzela; do Concelho, em Santa Comba Dão, em Cinfães, em Paredes de Coura, em Condeixa e em Redondo; de Santa Eulália, em S. Romão de Coronado; a Nossa Senhora da Livração, em Gondomar; de São Caetano, em Gagos (Celorico de Basto); de São Salvador, em Fanzeres; de Nossa Senhora da Saude, em Sabrosa (S. Lourenço); de Nossa Senhora da Guia, em Abaças (Vila Real); de Nossa Senhora dos Recém-nascidos, em Vila Nova de Poiares; do Senhor dos Afritos e de Nossa Senhora da Aguda, em Cuyas (Vila Nova de Cerveira); de Nossa Senhora do Campo e de Santo António, em Rossas (Arouca); de S. Lourenço, em Carvide (Leiria); e de Nossa Senhora do Rosário, em Nariz (Aveiro).

VIDA MUSICAL

Um jovem compositor português será revelado no Festival de Sintra

No próximo dia 28, no Teatro Carlos Manuel, o maestro Joly Braga Santos dirigirá a Orquestra Sinfónica Nacional num concerto totalmente preenchido com obras de autores nacionais e integrado no III Festival de Sintra, a primeira obra apresentada em publico pelo jovem compositor Alvaro Leon Canuto. Trata-se de uma «Sinfonia brevis», composta dentro das linhas do dodecafonismo, sendo, assim, a primeira obra dodecafónica para orquestra de autor português. Alvaro Leon Canuto, realizou os seus estudos de composição com Fernando Lopes Graça.

Do programa, fazem também parte peças de Joly Braga Santos, Armando José Fernandes, Frederico de Freitas e Luís de Freitas Branco.

Será solista, na «Fantasia sobre um tema alentejano», de Armando José Fernandes, a pianista Nella Maissa.

Festas em Fanhões

O Sport Lisboa e Fanhões promove, naquela localidade, a partir de hoje, as festas comemorativas do 17.º aniversário da referida colectividade, que se prolongam até segunda-feira.

O programa de hoje consta de uma sessão de fados e guitarradas na Associação dos Bombeiros Voluntários locais, com início às 22 horas, e na qual colaboram, entre outros artistas, Alzira Madruga, Manuel Hilário, Rodrigues Silva, Adolfo Silva e os «Marialvas da Andorinha».

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO DE VIDE, no SALAO ROYAL.

Quinze missões diferentes tem o satélite "Roda de Moinho" que os Americanos lançaram ontem

CAPE CANAVERAL, 8 — O satélite artificial ontem lançado desta base, apesar de ter apenas sessenta quilos de peso, contém alguns dos instrumentos mais completos e precisos que os Estados Unidos tentaram até hoje colocar em órbita.

O satélite contém aparelhos destinados a quinze experiências diferentes, algumas das quais, como a de recolha de energia solar por intermédio de quatro antenas em forma de pá, podem abrir as portas do espaço interplanetário e das viagens até Marte ou Venus.

O «Explorador VI» — seu nome oficial — tem a configuração de uma esfera achatada nos polos, com 73 centímetros no maior diâmetro e 65 centímetros no eixo dos polos. É recoberto por uma folha de alumínio com pouco mais de um milímetro de espessura.

Na ponta de quatro hastes que se projectam perpendicularmente foram colocadas outras tantas placas de fibra de vidro, cada uma com 2.000 células sensíveis à energia solar. As células, à base de sílica, convertem a energia solar em electricidade de baixa voltagem, mas, devido ao facto de estarem ligadas em série, a voltagem final é suficientemente elevada para carregar as pilhas químicas do satélite durante toda a sua permanência no espaço.

As células têm uma duração quase ilimitada. O primeiro satélite «Vanguard», lançado há 18 meses, estava equipado com um sistema semelhante que ainda agora funciona.

Os outros aparelhos existentes no «Explorador VI» incluem:

— três medidores de radiações que transmitirão para a Terra informações sobre as zonas radioactivas que circundam o nosso planeta e poderão constituir um perigo para futuras viagens de navios tripulados;

— um aparelho óptico ligado a uma válvula de Rádio permitirá aos cientistas captarem imagens da distribuição das nuvens sobre o globo;

— duas placas metálicas convexas colocadas sobre microfones registarão todos os choques com minúsculos meteoritos, transmitindo informações sobre a sua densidade e numero sob a forma de uma corrente eléctrica;

— dois aparelhos destinados a medir a intensidade do campo magnético terrestre, com os quais os cientistas esperam recolher mais informações sobre a causa das tempestades magnéticas. — (A. N. I.)

O satélite já forneceu informações preciosas

WASHINGTON, 8 — Os cientistas mostram-se satisfeitos com o funcionamento do satélite «Explorador VI». Acrescentam que o lançamento constituiu um grande passo em frente nas realizações norte-americanas no campo espacial e que o satélite enviou já informações de grande importância para os futuros lançamentos, nomeadamente:

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

Preparação para correspondentes esteno-dactilógrafas em português, francês e inglês

Habilitações mínimas para a admissão: Instrução Primária.

A duração do curso é variável com as habilitações das alunas.

Enviam-se brochuras com a organização do curso.

ESCOLA LUSITÂNIA
FEMININA

EXTERNATO

Rua D. Estefânia, 126—Telefone 44730

mente, para o do foguetão «Missão Lua», a efectuar em Outubro, e o de uma outra sonda destinada a penetrar milhões de milhas no espaço exterior, marcada para Novembro. Reforçam ainda a esperança no êxito de um foguetão a enviar para Marte, quando o planeta se encontrar em posição favorável, por volta de 1 de Outubro de 1960, e para Venus, em 1961.

A órbita do «Explorador VI» é a mais alongada conseguida até agora por um satélite da Terra.

Os cientistas da N. A. S. A. declararam, numa conferência de imprensa reunida quatro horas e meia depois do lançamento que todos os aparelhos estão a funcionar perfeitamente. O dr. Ruben Mettler informou que as células solares estão a trabalhar em boas condições e que estão a ser recebidos sinais de TV e de outros instrumentos, conforme fora planeado. — (A. N. I.)

A duração do satélite irá além de um ano

CAPE CANAVERAL, 8 — A N. A. S. A. anuncia que o «Explorador VI» continua a girar no espaço dentro da órbita mais ou menos prevista. Com efeito, é reduzida a diferença entre a sua trajectória real—40 mil kms. da Terra no seu ponto mais afastado e 240 quilómetros no mais próximo — e a que havia sido previamente estabelecida, ou seja: com o apogeu a 36.800 quilómetros e o perigeu a 256 quilómetros da superfície terrestre. Além disso, os cientistas desejavam obter períodos de translação de 12 horas. O «Explorador VI» gasta 12 horas e meia a descrever a órbita completa.

Na sua primeira volta à Terra, o satélite atingiu o apogeu sobre a África do Sul e o perigeu sobre Singapura. Contudo, não é provável que seja visível à vista desarmada. Os cientistas, cheios de júbilo pelo êxito da experiência, calculam que a duração do «Roda de Moinho» irá além de um ano. — (A. N. I.)

O júbilo na Grã-Bretanha em virtude de a rainha esperar o terceiro filho

(Continuação da 1.ª página)

encantada — comenta o Daily Express — ao passo que o «Daily Telegraph» observa: «A notícia de que sua majestade aguarda um terceiro filho encherá de regozijo todos os seus súbditos, não só nas Ilhas Britânicas, como em todo o Commonwealth». O «Daily Sketch» salienta a perseverança com que a rainha levou até ao fim a estenuante visita ao Canadá e aos Estados Unidos e acrescenta: «A Inglaterra nunca esquecerá o sacrifício que sua majestade fez no Canadá». O «News Chronicle» precede a notícia com um comentário sobre o lugar ocupado pela Monarquia na Grã-Bretanha e conclui: «Sem hipocrisia, nem sentimentalismo, pode acrescentar-se que a boa vontade da nação se confunde com verdadeiro afecto pela família real». Por seu turno, o «Times» consagra ao acontecimento um longo editorial que principia: «Um frémito de prazer percorreu ontem o Commonwealth...».

Prepara-se já o quarto do bebé

Julga-se que não haverá recepções régias durante a próxima visita do presidente Eisenhower a Londres. Por não se tratar de viagem oficial e em virtude do seu estado, a rainha receberá Eisenhower no seu castelo de Balmoral, na Escócia.

Entretanto, no palácio de Buckingham já começaram os preparativos para o quarto do novo bebé. Tanto o príncipe Carlos como a princesa Ana usaram o mesmo carrinho e o mesmo berço que a mãe e a tia, a princesa Margarida, usaram em criança. É natural que, nesse capítulo, ainda desta vez não se falte à tradição. A ala do palácio conhecida por «nursery» ou aposentos das crianças é mais espaçosa do que muitas habitações.

E a carta

foi entregue em 14 dias!

BEERSHEBA (Israel), 8 — A intuição dos funcionários dos correios canadianos e israelitas permitiu que uma carta, em cujo endereço não figurava nem a cidade nem o país de destino, fosse entregue ao seu destinatário no espaço de 14 dias.

A carta fora confiada aos correios do Canadá, destinada a uma pessoa residente em «Hechalutz Street, 65». Houve quem reconhecesse «Hechalutz» como palavra hebraica, e endereçasse a carta para Israel.

Nas diversas cidades israelitas existem dezoito ruas com aquele nome. Assim, a carta deu várias voltas. A décima sexta tentativa, o destinatário foi encontrado. Reside em Beersheba. — (A. N. I.)

Inundações - relâmpago flageiam o centro da Formosa onde morreram e desapareceram centenas de habitantes

TAIPEH, 8 — Morreram cerca de cem pessoas e desapareceram centenas de habitantes da área central da Formosa, em consequência das enxurradas e das inundações-relâmpago provocadas pelo mais grave temporal registado na ilha nos últimos sessenta anos.

Chuvas torrenciais cobriram setenta povoações com uma camada de água com mais de 43 centímetros. Alguns pontos encontram-se isolados pelas cheias.

Milhares de hectares de terras de lavoura estão submersos, e as inundações perturbam as comunicações ferroviárias e rodoviárias. Os rios Techia e Choxui inundam as margens, até Tainan, no Sul.

A guerra na Argélia será o tema principal das conversações em Paris entre Eisenhower e de Gaulle

PARIS, 8 — A guerra da Argélia ocupará o lugar principal na conferência entre o presidente Eisenhower e o presidente de Gaulle, a realizar no dia 2 de Setembro, nesta cidade — dizem os círculos políticos franceses. Acrescentam dever a questão ser encarada sob o aspecto de apoio à política da França na Argélia, a prestar pelos países aliados, incluindo os da N. A. T. O.

O presidente Eisenhower chega pouco depois do regresso do presidente francês, da sua viagem à Argélia, planeada para 27 de Agosto.

De Gaulle, que se encontra em férias, em Colombey-les-Deux-Églises, vem a Paris, a 12, para presidir à reunião do Gabinete, que tratará em primeiro lugar da questão argelina. — (A. N. I.)

Eisenhower conferenciará com funcionários da N.A.T.O.

WASHINGTON, 8. — O presidente Eisenhower tenciona reunir-se em Paris, no princípio de Setembro, com altos funcionários da N. A. T. O. — anunciou hoje a Casa Branca. — (A. N. I.)

Dois milhões de Ucrânios manifestar-se-ão contra «K»

WASHINGTON, 8 — Segundo anunciou ontem o dr. Dobriansky, presidente do Comité do Congresso Ucrânio, que agrupa cerca de 2 milhões de Americanos de origem russa, residentes nos Estados Unidos, organizará manifestações pacíficas contra Khrushchev.

Num apelo que foi comunicado à Imprensa, o dr. Dobriansky declara: «Logo que chegue o carrasco da Ucrânia, os nossos grupos juntar-se-ão aos outros Americanos, aos grupos religiosos e antigos combatentes, para se manifestarem pacificamente em sinal de protesto e de justa condenação. Pediremos a todas as igrejas que dobrem a finados e que cada um traga um fumo negro no braço, em memória dos milhões de pessoas que o carrasco enviou para a morte. Não faremos violências, mas não poderemos aprovar esta visita». — (F. P.)

Passeou de tanga na capital italiana até ser visto

pela patrulha de carabinieri

ROMA, 8 — Um turista alemão, Paul Braun Schmidt, de 34 anos, considerando que a temperatura justificava um traje muito sucinto, saiu em tanga do seu automóvel, na Via Nazionale, uma das principais artérias da capital italiana. Deambulou em frente do Palácio das Exposições, sob os olhares atônitos dos transeuntes dos dois sexos e de um agente do trânsito bastante complacente, mas acabou por chamar a atenção dos carabinieri em patrulha, que o levaram a uma porta de escada e lhe deram ordem de se vestir o mais depressa possível.

O turista ficou em apuros, pois não levava com ele uma só peça de roupa. Teve de recorrer a um péão, que aceitou emprestar-lhe o seu casaco. E, foi assim, com um casaco muito curto, para o seu tamanho, e uma tanga não menos breve, que Paul Schmidt, sempre acompanhado pela patrulha de carabinieri, regressou ao automóvel, que não tardou a desaparecer... É claro que a patrulha tomou conta do casaco do benévolo transeunte... — (F. P.)

JANIO QUADROS

vem a Portugal

RIO DE JANEIRO, 8 — Anunciou-se que Janio Quadros, candidato à presidência da República do Brasil, visitará, em breve, Portugal e Espanha, depois do seu regresso da Rússia. — (L.)

A Piscina do Tamariz

REABRIU COM ESCOLA DE NATAÇÃO PARA CRIANÇAS

procedendo-se agora ao tratamento da água sob a direcção técnica do engenheiro-químico B. de Mesquita

INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — TELEFONE 060730

TERMAS DE CALDELAS

tratamento do aparelho
digestivo, especialmente
intestinos

Abertas de 1 de Junho
a 10 de Outubro

QUAIS FORAM OS

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 57

Diário de Lisboa

4

**ACONTECIMENTOS
MAIS IMPORTANTES
DESDE A ÚLTIMA
GUERRA MUNDIAL**



os quatro acontecimentos de maior relevância mundial, do fim da guerra até aos nossos dias. A diversidade dos interrogados reflectirá a multiplicidade dos prismas de visão e a variedade dos interesses. Decerto que a um longo Alemão repugnaria, talvez este apertado numero e, obrigado a ele, responderia vastamente ás quatro questões — com quatro volumes!

Mas ao espírito latino, vivo, ágil e preciso, agrada a síntese, que é o seu privilégio, a sua fraqueza e a sua glória, desde o tempo severo de Cicero, até aos nossos prolixos dias de Sartre e Camus.

Focando diversos sectores, foi nossa intenção alargar o mais possível o âmbito deste inquérito. Começaremos por:

CONTINUA
NA III PÁGINA

Mylène Demongeot em vários andamentos

1.º O PIANO FOI A SUA SALVAÇÃO.

2.º MILAGRE NO HOSPITAL DE NEUILLY.

3.º LÉONIDE MOCUY DESCOBRE UM OLHAR.

4.º UMA FEITICEIRA POR MEDIDA.

1.º O piano foi a sua salvação

NÃO descreia completamente do futuro. Esperava melhores dias; e enquanto esperava evadía-se em céleres cavalgadas no teclado de um piano — fácil proeza para quem tem os dedos ágeis e a alma inflamada pelos desgostos. Assim poupava lágrimas porque cada nota de piano equivalia a uma lágrima; se o sofrimento não houvesse ganho ares de sentido figurado Mylène estalaria de dor.

Nas crises do piano até se esquecia das lunetas. Quando os pais se fixaram em Paris e a mocinha os acompanhou — o refugio do piano já se transformara em paixão. Bem colocado, o pai entregou-a nos braços de mestres famosos como Yver Nates e Marguerite Long.

(Continua na página central)



RESPONDEM:

- RAMADA CURTO
- DAVID MOURÃO FERREIRA
- UMA UNIVERSITARIA
- URBANO TAVARES RODRIGUES
- EUNICE MUÑOZ
- FIALHO GOUVEIA

E' verdade que neste agitado Globo, que agitadamente vai correndo pelo espaço, muitas e graves coisas têm sucedido. Mas foi nosso propósito sintetizar, e inquirir assim, de diversas personalidades,

Um caso curioso

Nos rios da Luisiana deu-se um caso bizarro: exterminou-se daí os crocodilos, para que os indígenas pudessem mais facilmente pescar e obtivessem melhores pescarias. Ora, constatou-se que com o desaparecimento dos crocodilos desapareceram também os peixes. E porquê?

Porque os crocodilos «protegiam» os peixes destruindo-lhes os inimigos, especialmente a solha.



UM JARDIM DA PAZ na América do Sul

Ao sul do continente americano, na cidade uruguaia de Artigas, foi criado por iniciativa dos seus habitantes um parque publico a que deram o nome de Jardim da Paz.

Os seus organizadores fizeram um apelo aos homens de boa vontade para que lhes enviassem árvores de fruto e flores de todos os países a fim de o Jardim da Paz não ser apenas um simbolo da independência nacional uruguaia, mas sobretudo uma manifestação viva da amizade que liga todos os povos.

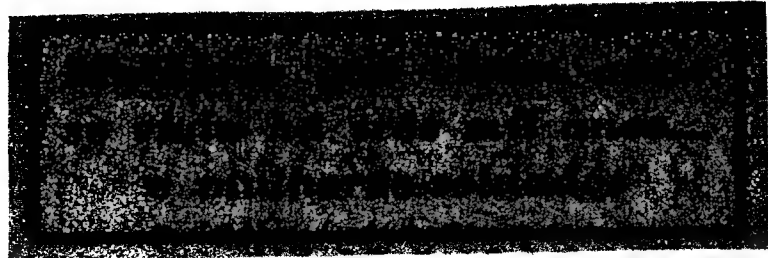
Sabe-se que logo a seguir a esse apelo, milhares de árvores de fruto foram enviados por oferta á cidade de Artigas destinadas ao seu Jardim da Paz, e com elas o desejo manifestado de milhões de pessoas das mais variadas e longínquas regiões da Terra, todas desejosas que as fruteiras de Artigas possam vir a produzir os frutos da Paz e da Fraternidade entre os homens.

I. C.

ISRAEL



o país onde o velho de milénios e o jovem de hoje se acotovelam...



PARA quem vai num voo de Paris a Tel-Aviv, a primeira impressão é surpreendente. Depois de se ter gozado, de passagem, os céus de Itália e do Sul da Grécia e de Creta e enchido os olhos com um festival de maceiros de purpura — não há ninguém que não pense com os seus botões: se é assim a porta do Oriente, o que não será no Oriente? Os gulosos de pitoresco põem na sua ideia uma cidade de Tel-Aviv cheia de minaretes, arcos de ferro, torres e torções — enfim, todas as lambanças de turismo oriental. E que vê — mesmo de avião? Uma cidade ultramoderna de 300 mil habitantes — ultramoderna quer dizer cosmopolita, sem características próprias, igual a Nova York ou São Paulo. As avenidas são extensas aconchegadas em árvores, nas ruas principais prosperam armazéns tão luxuosos como os das capitais europeias; e os terraços dos cafés transbordam de clientes, sobretudo de mulheres vestidas pela ultima moda de Paris, de Roma ou de Viena.

A população que segue pelas ruas de Tel-Aviv não possuiem tipo particular e, por mais que se procure, também não se lhe encontra

uma característica comum: os homens e as mulheres com que cruzamos, já por toda a parte os encontramos, pois são na realidade de «toda a parte», de todos os continentes e vieram ancorar finalmente aqui.

O contraste torna-se, porém, desagradável quando comparamos Jafa

(Continua na página central)

Por conduzir bem

Foram há pouco atribuídos pela direcção da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, aos guardas-freios dos carros eléctricos e aos motoristas dos autocarros que conduziram esses veículos em 1957 sem acidentes, diplomas e distintivos de homenagem.

Nada menos de 805 funcionários da Carris mereceram essa consagração. Cumpriria aos peões e automobilistas de Lisboa associar-se a essas justas recompensas, que grande parte dos condutores particulares não teria direito a receber se lhes fosse aplicado um inquérito do mesmo género.



DUROU POUCO TEMPO MAS A SUA OBRA FOI IMENSA

Os seus inimigos, para o liquidarem, escreviam-lhe cartas anónimas em que lhe caluniavam a mulher. Foi essa a razão do duelo que o apagou aos trinta e oito anos...

A primeira impressão que dele se colhia era de estranheza. Uma cara esquisita. Cabelos crespos, acarapinhados, lábios grossos em estranha coabitação com uns olhos azuis e um nariz comprido e direito. Depois é que se compreendia a mistura de feições europeias e africanas: pelo lado paterno entroncava numa velha família russa; da herança materna vinha um bisavô abissínio a quem Pedro, o Grande, fizera general. Claro que as cartas com que torturam Alexandre Sergueievitch Puchkine nada tem que ver com esta mistura de sangues e de raças. O grande génio não se ofendia com o caso, justamente porque era um grande génio. Para o ofenderem teriam de ir mais fundo. E foram. Não lhe podiam perdoar que não se satisfizesse na sua torre de artista como inocente criador de versos. Que pena que Puchkine não seja homem para fazer daqueles versos bons para soar em reuniões de gente séria, versos que não causem sobressaltos nem dispendios mentais! Mas como é possível ler a toda a gente que se pressa — amiga da ordem e dos bons costumes antigos — aqueles versos inflamados de «A Aldeia» e de «A Liberdade»? Um escândalo. Alexandre é um homem perigoso, um revolucionário ligado aos conspiradores deembristas; a sua arte é uma inovação, pois funde genialmente, num só corpo, a cultura clássica e o romantismo, as influências estrangeiras dos enciclopedistas e a tradição nacional.

A tradição nacional bebe-a nos anos da infância quando, tal como sucede com o nosso Garrett (nascera no mesmo ano), ouve da velha ama encantadoras lendas populares. O apelo do povo entra assim, na sua mente e nunca mais Puchkine dele se esquecerá: ele pertence à geração dos grandes escritores progressistas das três primeiras décadas do século XIX, que defendem que a arte ou é do povo e para o povo ou não existe.

Aquelas duas poesias valem-lhe o exílio no Sul, primeiro em Kichinev, depois em Odessa, como... (o leitor não adivinha) como funcionário público. Os anos que passa no Sul abrem-lhe novas perspectivas, enriquecem-no com nova experiência. Pode-se adivinhar a importância do facto: Puchkine conhece, de facto, no Sul, as grandes estepes, as montanhas majestosas (no Cáucaso) e o mar (na Crimeia); relaciona-se com populações variadíssimas, com um filão folclórico cheio de exotismo.

A independência de carácter e de ideias, a sua vida extravagante, é agressivamente contrária a uma sociedade de senhores feudais, conservadores e hipócritas. O governador de Odessa, Doron Tzov, consegue obter o seu afastamento em 1824 e Puchkine parte para uma propriedade da família, na aldeia de Mikailovskoé, nas cercanias de Pskov, onde fica debaixo da vigilância da Polícia.

Aí vive dois anos em quase completa solidão. Chegou aos vinte e cinco: seus olhos estão cheios da rica variedade de costumes da terra russa; leu os grandes românticos do Ocidente, Byron, sobretudo; assimilou perfeitamente a grande herança dos enciclopedistas franceses: e no silêncio e no isolamento em que vive toda a sua experiência amadurece, dando origem a uma série ininterrupta de obras-primas — Boris Godunov, o Eugénio Oneguine, etc.

Nesta solidão descobre a alma nacional, mas vive afastado dos graves acontecimentos políticos (a revolta deembrista de 1825) em que, presente em Moscovo, teria participado.

A subida ao trono do czar Nicolau marca o seu regresso a Moscovo. Foi o próprio monarca que o mandou buscar, prometendo ser o único censor das suas obras. Enganadora promessa, claro está, pois Alexandre será perseguido nos últimos anos da sua vida pelo conde Benckendorf que suspeitará de tudo quanto traga a assinatura do genial escritor.

Em 1831 deixou-se enlevar pela estonteante Natália Gontcharova que lhe impõe uma vida mundana, absolutamente contrária aos seus gostos. Todos os Outonos, se refugia na solidão da sua aldeia de Mikailovskoé, onde continua a produzir a série inesgotável das suas obras-primas — Poltava, O Cavaleiro de Bronze a História da Revolta de Pugatchev e A Filha do Capitão.

Cada nova obra é uma nova vida que a sociedade contrai para com ele; e a sociedade não lhe perdoa ser génio em toda a acepção do termo: artista e homem, ambos revolucionários. Como vão vingando os mesquinhos «senhores de almas» que Nicolau Gogol satirizara para todo o sempre?

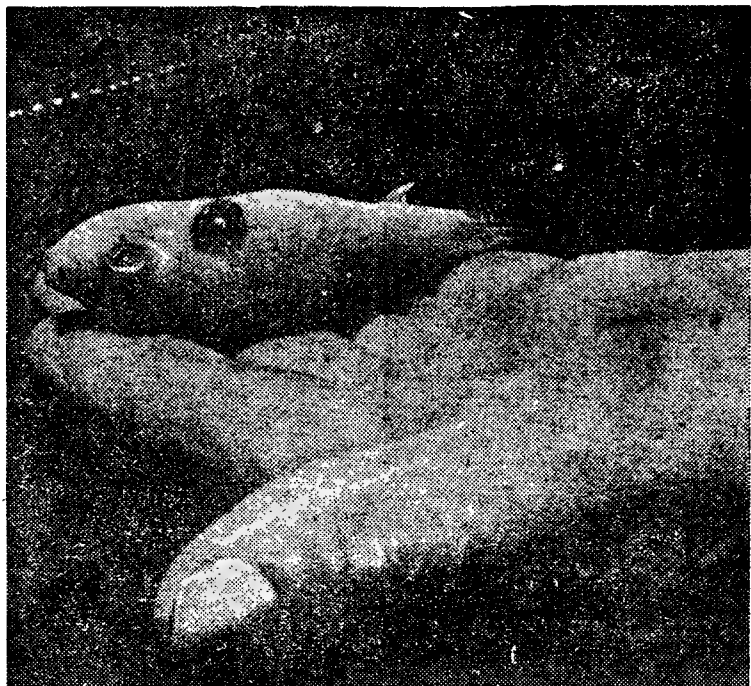
Já não basta a prisão e o exílio — processos que só tornavam mais rico de experiência, mais maduro, mais profundo o grande escritor. Voltam-se então para Natália Gontcharova. A esposa do poeta é um lindo envólucro de mulher que, acima de tudo, ama os belos trajos, os belos penteados, os bailes, as festas mundanas, onde a sua frivolidade pode satisfazer-se totalmente. Que melhor vingança poderiam architectar do que insinuar no animo do poeta que sua mulher o engana?

Alexandre Puchkine passa a receber carradas de cartas anónimas cheias de alusões pífidas a Natália. O escritor desafia para um duelo o barão de Anthès, francês de nação, que se torna imortal por ter ferido mortalmente um dos maiores génios literários que a Humanidade conheceu.

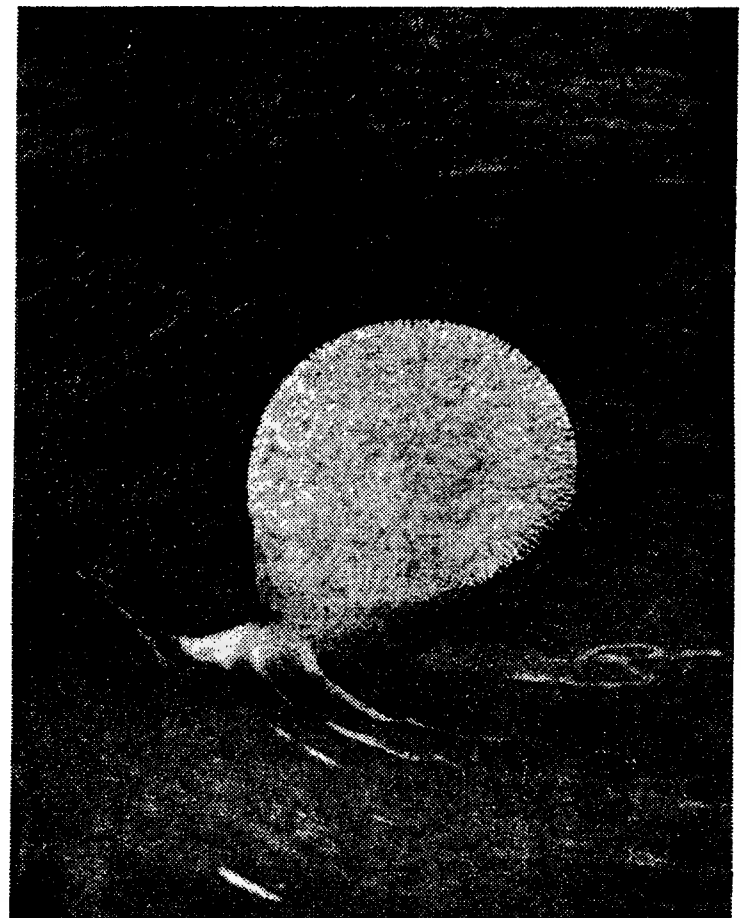
Deu-se o triste acontecimento em 27 de Janeiro de 1837, quando o poeta ainda não chegara aos 38 anos. Expirou dois dias depois, dois dias de atrozes sofrimentos que o poeta suportou como um herói.

Morto, porém, continuava a ser suspeito: foi de noite, às escondidas, que o levaram para o mosteiro da Santa Montanha, perto de Mikailovskoé, onde repousa ainda.

Não morreu num duelo de amor, por ciúmes, como se costuma afirmar; era grande demais para caber no seu tempo.



Este peixe tem uma característica curiosíssima. Não porque venha à mão, como os cães, mas porque se defende de uma forma original. O leitor verá isso mesmo na foto de baixo: quando está na eminência de ser atacado, incha, de forma majestosa, uma bola que tem a superfície da pele. Veja-se o efeito...

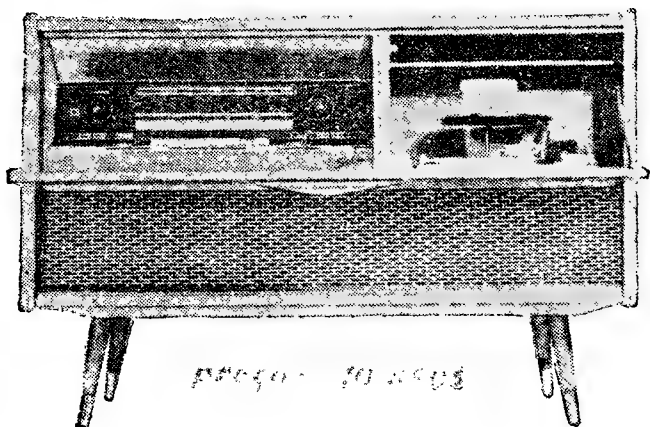


RADIO-GRAMOFONE

ESTEREOFONICO



modelo MAINAU 100



PREÇO: 10.000

À VENDA NOS AGENTES DA



GENIPA: ELECTRIC TOPHUSIA



SABA

Chegou a 1.
Remessa deste
conjunto!

- * Amplificador de 2 canais
- * Gira-discos Dual automático

A INTERPRETAÇÃO
e o RACISMO DO (E) AMÉRICA

Por ALFREDO BRÁS

É naturalíssimo que ao escavar um terreno se encontre um objecto de bronze, uma velha estátua, uma pedra com inscrições muito antigas ou até um tesouro. É mesmo desses habituais achados que vive uma ciência chamada Arqueologia. Ora, foi justamente uma pedra coberta de inscrições o que Olaf Ohman encontrou quando, em 1898, estava derrubando um choupo na sua fazenda e o facto, á primeira vista, nada parece ter de extraordinário. Sucedeu, porém, que a fazenda do senhor Ohman, emigrante sueco chegado aos Estados Unidos em 1881, estava situada numa terra chamada Salém, próximo de Kensington, em Minnesota, a 1.500 quilómetros do Oceano Atlântico. E deu-se ainda o estranho caso de as inscrições da tal pedra estarem feitas em «rúnicas», isto é, naqueles caracteres chamados «runas» que os antigos escandinavos gravavam nas pedras e nos vasos de madeira.

A pedra de Kensington é de formato rectangular, com cerca de 80 centímetros de comprimento, 40 de largura e 15 de espessura, e o texto da inscrição rúnica, posterior-

mente decifrado por Hjalmar Holand, diz o seguinte:

«(Nós estamos) 8 godos (suecos) e 22 noruegueses em viagem de descobrimento da Vinlandia para o oeste. Nós acampamos junto a dois escolhos, a algumas jornadas ao norte desta pedra.

Estivemos (distante) e pescamos durante um dia. Após retornar, achamos dez (dos nossos) companheiros vermelhos de sangue e mortos. A(ve) V(irgo) M(aria), Resguarda (-nos) dos males».

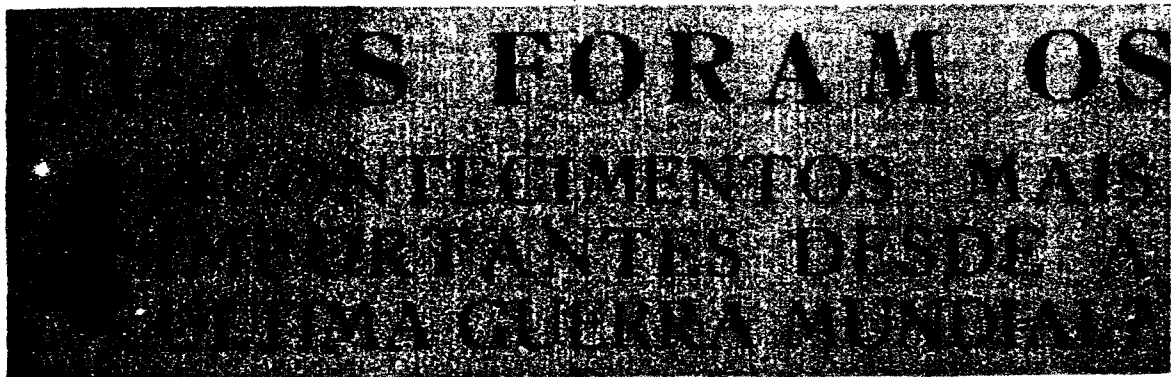
Numa das faces laterais da pedra encontra-se ainda a seguinte inscrição rúnica de três linhas:

«(Nós) temos 10 dos nossos companheiros no mar, para cuidar de nossas naves, a 14 jornadas dessa ilha. Ano 1362».

A tratar-se realmente de uma autêntica inscrição rúnica, não há

(Continua na página seguinte)

Inquérito por
JORGE MOTA



Urbano Tavares Rodrigues

Na impossibilidade absoluta de me determinar, adentro da minha perspectiva, por quatro eventos essenciais do pós-guerra (devo padecer cronicamente de alergia à disposição hierárquica) e faltando-me o génio da síntese, só do modo que se segue sou capaz de alinhar uma resposta, e ainda assim com o remorso do que deixo por dizer:

- 1—O desenvolvimento da descoberta dos antibióticos, das cortisonas e o aproveitamento da energia nuclear para fins pacíficos.
- 2—A instauração de novo regime na China continental e o aparecimento de novos Estados independentes na Ásia e na África.
- 3—A publicação, após «L'Être et le néant», da maioria dos romances e teatro de Jean-Paul Sartre.
- 4—A guerra da Argélia, a nacionalização do canal de Suez e suas consequências no mundo árabe, o lançamento de satélites artificiais e o início da navegação inter-astral e as revoluções de Budapeste e de Cuba.

Maria Helena da Palma Carlos

Aluna da Faculdade de Direito

- 1—Referir-me-ei, em primeiro lugar, ao desenvolvimento da doutrina existencialista, em virtude da sua inegável repercussão no pensamento do post-guerra.
- 2—Impressionam-me os movimentos nacionalistas afro-asiáticos, pelas suas consequências na política mundial.
- 3—Considero acontecimento de vulto o lançamento dos satélites artificiais, pelo que esse facto representa como progresso técnico-científico, e como esperança de breve realização da aspiração humana de há muito — as comunicações inter-planetárias.
- 4—Finalmente, referir-me-ei à Exposição Internacional de Bruxelas, pelo que contribuiu para o intercâmbio entre os povos e para um melhor conhecimento do Mundo de hoje, em todos os seus aspectos — cultural, científico, técnico e económico.

David Mourão Ferreira

«—Quatro? Só quatro acontecimentos? Pode ser preferência cabalística, mas mais parece uma armadilha do diabo... Seja como for, lá vão quatro cartas, cada uma de seu naipe (ou talvez não...)»

- 1—A REVOLTA DE BUDAPESTE
- 2—O LANÇAMENTO DO «SPUTNIK»
- 3—A ELEIÇÃO DO PAPA JOÃO XXIII
- 4—A REVOLTA DE CUBA

José Manuel Fialho Gouveia

Locutor da Rádio Televisão Portuguesa

- 1—Os satélites artificiais, a mais espantosa das conquistas humanas, no domínio da técnica.
- 2—A Revolta da Hungria
- 3—O aparecimento de muitos e valiosos dramaturgos, iniciadores de novas correntes válidas de estética teatral.
- 4—O êxito da moda no maior realce das formas e beleza da mulher. O belo sexo ganhou, no pós-guerra, direito ao superlativo!



Eunice Muñoz

Eunice Muñoz, que também consultámos, deu-nos a seguinte resposta que não deixa de ter interesse: Considero que o espaço de tempo que decorreu desde o fim da guerra até hoje (14 anos), não fornece margem suficiente para uma correcta perspectiva histórica...

Muñoz

Ramada Curto

- 1—O lançamento dos «Sputniks».
- 2—A viagem polar submarina do «Nautilus».
- 3—A travessia oceanica efectuada pelos quatro ingleses no balão «Pequeno Mundo».
- 4—...E a derrota do Benfica no Campeonato Nacional...

A misteriosa pedra de Kensington e o descobrimento da América

(Continuação da página anterior)

dúvida que a velha pedra encontrada entre as raízes de um choupo seria um documento histórico de valor incalculável, talvez mesmo o mais importante até agora achado em solo norte-americano, e constituiria a prova irrefutável de que a América havia sido descoberta muito antes da viagem de Colombo. Mas o caso é que a sua autenticidade foi contestada por alguns especialistas e, durante nove anos, a célebre pedra serviu de soleira na porta da casa de Ohman.

O descobridor da pedra de Kensington era, por feliz coincidência, um emigrante sueco, como suecos eram igualmente os vizinhos a quem ele mostrou a pedra; mas se todos eles foram unânimes em afirmar que se tratava evidentemente de uma inscrição rúnica, nenhum possuía os conhecimentos necessários para decifrá-la e foi necessário recorrer à reconhecida competência do Dr. O. J. Brede, ilustre professor de línguas escandinavas da Universidade de Minnesota. De posse da cópia dos sinais gravados, Brede traduziu a inscrição e, numa entrevista concedida pouco depois, afirmou que não acreditava na sua autenticidade. Também o professor George O. Curme, especialista de assuntos escandinavos da «Northwestern University», classificou a pedra rúnica de «chumsy fraud» (fraude grosseira). Assim, com estas duas autorizadas opiniões, havia sido encerrada a discussão do achado de Olaf Ohman, que passou a ser considerado um indivíduo de má fé e disso se vingou dando a pedra aquele destino ignominioso.

E' então que surge Hjalmar R. Holand, jovem de origem sueca, e com alguns lúcidos argumentos muda o aspecto das coisas. Começa ele por dizer que o choupo do fazendeiro sueco, de acordo com os dados do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, teria sem dúvida uma idade de 60 a 70 anos. A pedra de Kensington estivera por isso no solo pelo menos desde o segundo decénio do século dezanove, uma época em que a oeste dos Grandes Lagos não existia estabelecimento branco algum. Foi em 1858 que o primeiro branco chegou à região, e o primeiro escandinavo em 1867. Este argumento de Holand teve o condão de reacender a extinta controvérsia científica sobre a pedra de Kensington.

A discussão arrasta-se, o próprio Governo norte-americano resolve intervir na questão e convida, além de cientistas americanos, os mais notáveis arqueólogos e peritos em runas, a fim de darem o seu parecer sobre a autenticidade da pedra. Os runólogos, com poucas excepções, negam-se a aceitar a inscrição como autêntica, enquanto a grande maioria dos arqueólogos, geógrafos e historiadores se decide contra a hipótese da fraude. Mas o Museu de Washington, depois de analisar devidamente os argumentos de ambos os lados, decide-se pela autenticidade da pedra de Kensington e resolve abrir-lhe as portas do «Smithsonian Institute», onde ela entra triunfalmente como documento histórico da mais sensacional importância. Ohman e Holand tinham, por fim, ganho a partida.

A decisão do Museu de Washington deve-se, em grande parte, ao exame do estado de decomposição da pedra rúnica, que teria de corresponder à idade da inscrição. Os peritos que procederam aos estudos químicos e microscópicos declararam: «A aparência externa da pedra é de molde a justificar uma idade de seiscentos anos». Um notável geólogo, o professor Hotchkiss, afirmou no seu relatório: «Examinei as diversas fases de decomposição por influência atmosférica com o máximo cuidado e, apesar de todo o respeito que me merecem os linguistas, não acredito que a inscrição tenha sido «fabricada» recentemente». Outro geólogo não menos ilustre, o professor Winchell, declarou por sua vez que a inscrição deveria ter uma idade aproximada de quinhentos anos.

Se acrescentarmos às abalizadas opiniões destes sábios o depoimento de quatro respeitáveis cidadãos de Salém, todos vizinhos de Olaf Ohman que confirmaram sob juramento terem visto a pedra logo depois de escavada e verificado o achatamento produzido pela pressão da mesma nas raízes do choupo, não nos surpreenderemos com a decisão do Museu de Washington expressa numa declaração final onde se apre-

sentam, entre outras, as seguintes conclusões:

«(...) Uma por uma foram trazidas, à luz do dia as provas da sua autenticidade (...).

«Desde o início estavam os linguistas escandinavos em dúvida quanto à sua autenticidade. As runas apresentadas não correspondiam, conforme afirmavam, às empregadas pelos peritos noruegueses. E a inscrição falava de um acampamento junto a um lago, tendo a pedra, porém, sido encontrada no cume de uma colina (...) Mas tais críticas tiveram de ser postas de lado. E' verdade que as runas não correspondem às dos escritores profissionais de runas, mas não diferem das escritas pela gente simples da Noruega no século XIV. Os geólogos puderam, além disso, verificar que a colina, na qual a pedra foi encontrada, era em 1362 parte da margem de um lago (...).

As provas da autenticidade da pedra de Kensington são, como o amigo leitor acaba de ver, de uma incontestável evidência. Mas bastaria aceitar como verídico o testemunho de Olaf e dos seus vizinhos para não poder mais pensar-se na existência de fraude. Porque se a célebre pedra esteve de facto 70 anos debaixo das raízes de uma árvore, então a adulteração apenas poderia ter-se verificado no segundo decénio do século passado e deveria ter sido perpetrada por alguém que dominasse não só o idioma inglês, mas também as antigas línguas escandinavas. Ora, a presença por volta de 1820, nas terras virgens a oeste dos Grandes Lagos, de um falsário tão genial, igualmente versado em Runologia, Química, Linguística e História, constituiria um milagre muito maior que a existência daquela pedra rúnica do século XIV numa terra americana chamada Salém.

Parece, pois, suficientemente comprovado que foram os navegadores Vikings os primeiros a atingir o Novo Mundo e isso teria talvez sucedido por alturas de 985, como indica uma velha saga escandinava onde se fala da viagem dum tal Bjarni Herjulfsson... Mas por agora fico-me pela história da misteriosa pedra de Kensington e contento-me modestamente com a data de 1362, isto é, cento e trinta anos antes da viagem de Colombo.

ALFREDO BRAS

LIVROS DE FÉRIAS...

TRUMAN CAPOTE

As canções do dia

*

TRUMAN CAPOTE

Árvore de Natal

*

JOSÉ LINS DO REGO

Água-mãe

*

JEAN-GASTON VANDEL

Atenção aos Robôs

*

FRANK GRUBER

A raposa que ri

...SÃO

LIVROS DO BRASIL

ÀS TERRAS DO SUL

Por MANUEL DO NASCIMENTO

dregosa e todo o espaço convulsio-
nado tem o seu quê de amadureci-
mento embora de uma pujança di-
ferente. O lactólito de Monchique
irrompeu abruptamente, lembra
pela negrura um rescaldo de incên-
dio — é de origem vulcânica. No
resto percebe-se um modelar lento;
foi a erosão o principal escultor
dessa enorme mancha sedimentar
que alastra por quase todo o País
como uma mancha de óleo. Esta-
mos em presença da estrutura de
assentamento de toda a península
Ibérica — a Meseta, com a
predominância dos xistos
primários do Carbo-
nífero.

Na era Primária, os
movimentos interiores
deram origem a dois en-
rugamentos que modifi-
caram fortemente a cros-
ta terrestre.

Só do último, o Her-
cínio, nos ocuparemos
porque só ele nos diz
respeito. Assinalou toda
a Europa — os Países
Balcânicos, a Alemanha,
a Suíça, a parte sul das
Ilhas Britânicas, a Fran-
ça, afundou-se no mar
numa curva quase per-
feita rodeando o Golfo
da Biscaia, para subir às
Astúrias e assestear-se
do nosso País sacu-
dindo o Minho, Trás-os-
Montes, as Beiras Alta
e Baixa, o Alentejo, com
a execução da bacia do
Sado, e o Alto Algarve.

Mas não é a idade em
si, o factor de diferencia-
ção da parte da Meseta
que ocupa o Algarve. De-
vemo-lo á constituição
dos solos. As seguintes
palavras de Choffat são
bem elucidativas: «O contraste en-
tre os xistos e a rocha granitoide
é sobretudo admirável em Monchi-
que, verdadeiro oasis no meio do
deserto. Nascentes brotam de toda
a parte enquanto a região xistosa
só apresenta ravinas dessecadas. A
diferença é tão sensível, que de
qualquer cimo da região xistosa po-
dem reconhecer-se perfeitamente os
limites da rocha eruptiva». Sim,
Monchique é bem um oasis onde
contactamos com uma vegetação
exuberante, variada, tão variada
de número de detritos que as mar-
ginam e pela quantidade de nascen-

tes termas que á sua beira se loca-
lizam. No Algarve vamos encontrar
indícios na linha de separação das
serras de Monchique e do Caldei-
rão e entre os dois pontos mais al-
tos da primeira — a Picota e a Foia.

Olhemos depois em profundidade
a pequena planície próxima do li-
toral. Estamos em presença de uma
nova Era Geológica — a Secundá-
ria, limitada e separada dos solos
mais velhos por uma estreita faixa
grés vermelho, que corre desde o
Cabo de S. Vicente até ao Guadia-

(Continuação da 1.ª página)

Profetizavam-lhe uma grande cur-
reira, sucessos ás grosas, um bri-
lhante futuro de pequena virtuosidade.

Mas isso agradava-lhe?
Nada. Mylène trocaria todas essas
perspectivas por um pequeno
«flirt», bem actual e bem em car-
ne e osso. Porque a realidade mais
funda é que os olhos se lhe torna-
vam cada vez mais tortos.

2.º Milagre no Hospital de
Neuilly

Já só acreditava num milagre.
E o milagre veio. Foi crescendo,
ganhando vulto na cabeça do dr.
Hartman, cirurgião do Hospital
americano de Neuilly. Da cabeça,
o milagre encaminhou-se para as
mãos do professor. Dez dedos para
pôr um milagre em acção. Chega-
riam?

Mylène, que era feia, saiu hor-
rível das mãos do professor. Não
tinha olhos, mas uns tortulhos de
carne.

Quando Mylène conta estas coi-
sas, o marido altera no meio de
nós e diz que ela foi corajosa, que
ela soube esperar e que, pouco a
pouco, onde havia espaço para
olhos, surgiram dois — magníficos,
eskorreitos e azuis que era um go-
sto. Nasceu a Mylène Demongeot.

Foi nessa altura que ela teve a
certeza de medir um metro e se-
tenta, possuir cinquenta centíme-
tros de cinta e uma área de busto
que era um louvar a Deus. Tam-
bém teve a certeza de que os olhos
dos rapazes se penduravam nela,
nas ruas, e que os das moças ga-
guejavam de zelos. A sua agenda
enchia-se de convites; o telefone
trazia-lhe constantes mensagens
amorosas: a vida abria-se-lhe de
par em par.

— Como é que vocês começaram?

— perguntei.

— Pelo telefone! — garantiram

em coro.

— Foste tu! — acusou ela.

— Foste tu! — disse ele, sa-
cudindo a água do capote com ra-
pidez.

Eis um facto que só os eruditos
do futuro conseguirão apurar. Por
ora sabe-se apenas que se telefona-
vam. Henri, fotógrafo, precisava de
um modelo. Mylène queria ser
modelo. Depois de tantos anos
de feldade queria vangloriar-se, ser
manequim, artista de cinema, mo-
delo fotográfico, enfim! qualquer
coisa em que o seu físico fos-
se posto em evidência. Apanhou
uma indigestão de felicidade:

— Comprei — confessava-nos —
montes de vestidos, mudei dez ve-
zes de penteado, posei para Henri
em todos os ângulos.

— E em curvas — pensel eu,
mentalmente. De tal forma em cur-
va que o ângulo se transformou em
anzol e Henri, de fotógrafo, pas-
sou a marido. Já se têm visto mu-
danças mais radicais.

3.º Léonide Maguy descobre
um olhar

Depois da operação redentora,
Mylène resolveu cortar com o pas-
sado. Como é que se corta com o
passado? É possível que haja vi-
rias soluções; se existem, pode as-
segurar-se que Mylène optou pela
mais macabra de todas; juntou to-
das as fotos do passado e nem uma
deixou inteira. Estava a enterrar
a primeira Hélène Demongeot.

Em seguida comprou uma pa-
nólia completa de espelhos, pois
gostava de ter sempre á frente dos
olhos um testemunho da sua nova
beleza.

Ora por essa ocasião andava o
realizador Léonide Maguy á pro-
cura de um certo olhar, especial,
de que absolutamente precisava pa-
ra o filme Les Enfants de l'amour.
Seguia ele pela rua e tropeça no
olhar que andava procurando. Nem
hesitou: mais valia um olhar na
mão que dois a voar. Contratou o
olhar da mocinha bonita e como
ela estava agarrada ao olhar, le-
vou-a também. Eis Mylène artista
de cinema! Sonho ou realidade?
Como ter a certeza? As coisas se



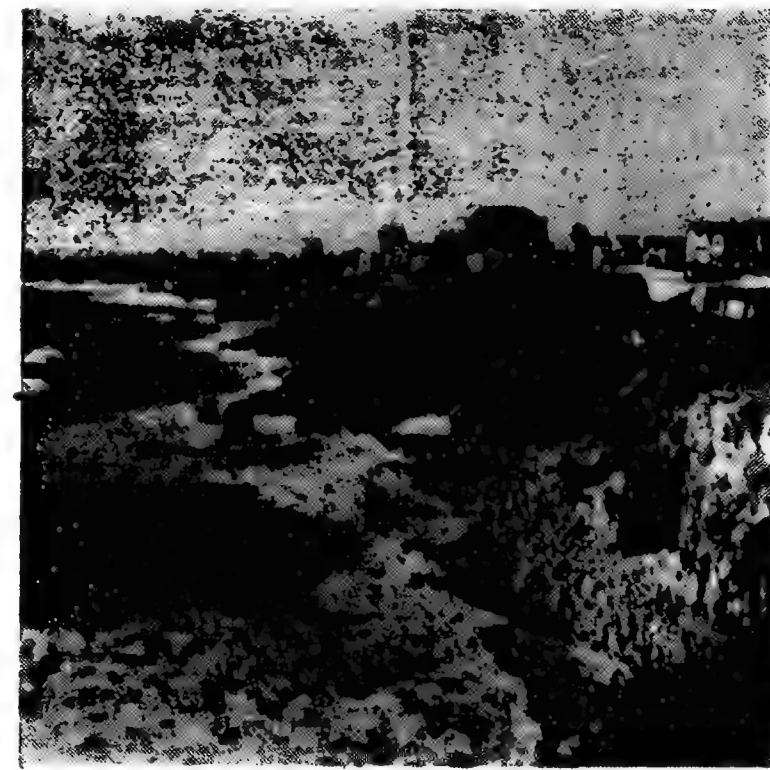
PROMETO-LHE Maria José uma
viagem radiosa: Sonho, cor,
alegria. Mas... Há sempre um
«mas» traçoirelo na relativida-
de de tudo. Nada na vida se nos
entrega de mão beijada. Este sol
de ouro, a cor gritante, a vida, os
quadros paisagísticos que vos irão
deslumbrar, não são coisas gratui-
tas. A terra gerou este recanto co-
mo qualquer mulher ao dar á luz
um filho. Doeuse, convulsionou-se.

Iremos ao princípio. Um pouco
de história, da história da terra.
Não foi sempre assim, com estes
tufos verde-negros de pinhais, estes
sobreiros agónicos e sangrentos,
estes retalhos claros de trigo, estas
miseras figueiras que se contorcem
em esgares, estes montes como dor-
sos de animais pré-históricos, o pla-
neta em que fincamos os pés. Teve
um começo e milhões de anos vão,
de nós á sua formação. Sigamos
Laplace, procuremos o enunciado
das suas teorias. Primitivamente, o
nosso sistema planetário era uma
massa incandescente e esferoide
animada de um unico movimento
de rotação, em volta de um eixo
ideal. A força centrífuga achatou-a
nos polos dando-lhe a forma elípti-
ca e a acção do arrefecimento obri-
gou a zona equatorial dessa nebulo-
sa a separar-se para formar anéis. O
anel de Saturno é um dos pontos
de apoio desta teoria. Continuando
o arrefecimento os diferentes ele-
mentos e substâncias por eles for-
madas ter-se-iam fundido, mudado
de estado heterogeneamente; isto
pela diferença dos seus pontos de
fusão e pelos seus variados pesos
específicos. Foram tais anéis a ori-
gem de todos os planetas.

As leis do movimento, da atrac-
ção universal e a força centrífuga
fizeram o resto. Enrolaram os anéis
que continuaram a girar sobre si e
em volta do Sol, seu nucleo de ori-
gem, e deram aos novos astros a
sua forma actual.

Deixemos os outros planetas e
voltemos á Terra que, no momento
em que se separou da nebulosa, de-
via encontrar-se nos estados líqui-
do e gasoso. E o arrefecimento não
parou e obriga o novo planeta a su-
cessivas mudanças. Três camadas
concentricas e diferenciadas passam
a coexistir dentro do mesmo espa-
ço: a atmosfera, a hidrosfera e a
barosfera; esta ultima, separada da
segunda por involucro sólido, con-
tinua interiormente liquefeita. Ten-
do as substâncias sólidas uma me-
nor velocidade de contracção do
que os líquidos, tal originou a for-
mação de espaços vazios no seio
da litosfera. Nova metamorfose...
e a esfera passou a ter a configura-
ção de um tetraedro. Estava que-
brada a condição de equilibrio an-
terior. A água alastrou pelas faces
da pirâmide, dando origem aos ma-
res, e nos seus vértices formaram-
se os continentes.

Outras convulsões vieram e o
trabalho dos agentes físicos foi, de
então á possibilidade das primeiras
formas de vida, daqui ao apareci-
mento do homem, depois até aos
nossos dias, uma obra gigantesca
impossível de conceber para quem,
como nós, adoptou como medida de
tempo as vinte e quatro horas de
um dia. Um ciclo de transforma-
ção que nunca parará. A paleontol-
ogia demonstra-nos, com o apare-
cimento de fósseis de animais mari-
nhos, moldados nos extractos dos
actuais continentes, quanto pode



ter de provisório o «facies» actual
do globo terrestre. Não nos assuste-
mos contudo. Sem contarmos com
os terrenos do Arcaico, cuja idade
se torna impossível de calcular, me-
deiam entre as Eras Primária e
Quaternária cerca de cem milhões
de anos.

E agora entremos no Algarve e
subamos ao ponto mais alto da
Serra de Monchique. Fixemos estas
penedias cinzentas, depois os mon-
tes redondos que lhes sucedem, a
planície em que se desfazem e por
fim o mar onde a terra ora cai
abruptamente, ora se espreguiça
para beijar a orla de areias quentes
e a espuma das águas. Temos em
frente quase todas as idades da Ter-
ra. Sentimos até onde está velhice
e onde está juventude. A serra pe-

que no seu concelho crescem quase
todas as espécies da flora portu-
guesa e algumas das regiões tropi-
cais.

Demos ás questões o seu valor
preciso. Abra um mapa do Algarve.
Do enrugamento hercínico restam
outros vestígios velhos, se não digo
intactos, pelo menos perceptíveis
nas Serras do Caldeirão e da Mes-
quita.

As forças originárias do fenóme-
no produziram aqui desabamentos,
altas elevações e acólá roturas, per-
das de nível, cavalcando por vezes
os estratos, uns sobre os outros.
Deram a estes desconcertos o nome
de falhas, falhas que se reconhe-
cem no traçado hidrográfico, que
se assinalam pela extensão da cer-
cadura das montanhas com o gran-

na. O calcário tem agora o seu pre-
domínio e passa-se sem transição
aos terrenos mais estereis da orla
marítima.

Penetramos nos solos do Quarte-
nário cujas condições climáticas se
definiram por um grande abaixa-
mento de temperatura... Um acu-
mular de glaciares seguido pela sua
liquefação. Nova marca na morfo-
logia dos terrenos. Cortes profun-
dos nas fracturas do Terciário, mol-
dagem de uma nova fisionomia do
globo e aparecimento de uma nova
espécie animal — o homem. No li-
toral dão-se movimentos de imer-
são e submersão e a costa apresen-
ta, como actualmente, um perfil
instável. São os abalos sísmicos um
eco desta transformação. Citaremos
o caso da velha Carteira tragada pe-
las águas o das Ilhas de Santa Ma-
ria, em frente de Faro e de Olhão,
que se devem ao transporte de ma-
terias trazidos pelas correntes ma-
rítimas das Costas do Barlavento
e o cenário fantástico dos monstros
de pedra que se reflectem na água,
nas praias de Lagos e da Rocha.
O mesmo fenómeno, a erosão do
mar, que engoliu remotas povoa-
ções, deu origem ao gracioso ren-
dilhado das falésias de Sagres, da
Piedade e da Praia da Rocha.

* * *

Estou, Maria José, a vê-la num
torcer de lábios... e a sentir esses
olhos grandes e doces, muito abert-
os para demonstrar que ouviu to-
do este arrazoado sem perder uma
só palavra. «Que maçada insupor-
tável para um dia de Agosto». Tal-
vez menos massador que um des-
ses seus dias em que vai á Parede
ou á Caparica tomar-se ao sol.

Prometo para a outra vez, repe-
tir o passeio, mas iremos ver tudo
de uma outra maneira. Os seus
olhos têm qualquer coisa de con-
templativos.

Voltar-nos-emos então para a pai-
sagem.

VAI PARA FÉRIAS?

Não se esqueça do seu amigo
e fiel companheiro de todas as
férias.

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário
para as praias, termas ou cam-
po, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já,
nos nossos escritórios, Rua da
Rosa, 57, 2.º.

10 dias	10500
20 dias	20500
30 dias	30500

ncaminhavam de forma a estar erta de que era estrela de cinema. Logo aos primeiros ensaios troçou nuns fios eléctricos, abalou os cenários, andou aos saltos os degraus de mármore do estúdio e acabou por naufragar mesmo a pés de Moguy que trovejou como o gigante Adamastor: — Menina! Era melhor não ter eixado o piano!

4.ª Uma feiticeira por medida

Este insucesso não lhe fez, todavia, perder o norte cinematográfico. Henri-marido velava; Henri-otógrafo traduzia a graça de Mylène, a beleza de Mylène em poses instantâneas. Uma das fotos caiu ebaixo da vista de Françoise Luagne, mulher de Raymond Rouau, que se preparava para realisar As Feiticeiras de Salem e estava necessitadíssima de uma feiticeira encadernada em menina inénua. Mylène era mesmo o tipo ideal que Rouleau trazia em sonhos.

E assim entrou Mylène novamente num estúdio. Não sem amargos e orelha. De facto Raymond Rouau, um anjo enquanto paisano, torna-se bravo como um gato quando aspira a polvora dos estúdios. Quando em quando perdia as tribeiras e rosnava aos olhos de Mylène.

os olhos de Mylène: — Que faz afinal aqui? A agricultura tem falta de braços.

Com estas meiguices Mylène acabou por tornar-se uma feiticeira 00 % pura Pensilvânia. O êxito que leitor sabe. Desde aí Mylène era agrada perversa n.º 1 do cinema francês. Tinha futuro. O marido Henri assevera isso mesmo com artes contrastes de claro-escuro: — Mylène? Sempre execrável.

os filmes, claro.

Mal fotografada, mal dirigida, inda não reudeu um décimo do sucesso que tem. Não compreendo porque teimam em fazê-la representar após de «vampes» que nada têm ue ver com o seu verdadeiro temperamento.

Mylène desfecha-lhe um olhar vil por cento fatal. Maluquinhos um elo outro.

O que caracteriza Mylène Derougeot? Vou revelar o segredo: ão gosta dos romances de Sagan. ão se afogou no êxito, faz uma ssoa com o seu Henri de marido, ambos fazem dois com o snobismo, ela tem as ancas demasiado lentadas, nunca chega á hora ao ncontro marcado, mesmo que seja aso de vida ou de morte.

Sabedoria de Confúncio

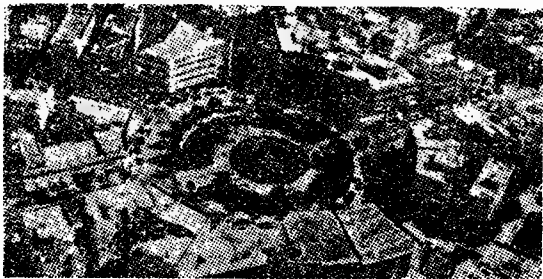
O verdadeiro defeito é ter defeitos e ão procurar corrigi-los.

Como podemos conhecer a morte, se ão conhecemos a vida?

O trabalhador que deseje executar em o seu trabalho deve, primeiro, afiar convenientemente as suas ferramentas.

Conhecer o que conhecemos e o que ão conhecemos, é a verdadeira sabedoria...

ISRAEL -



(Continuação da 1.ª página)

com Tel-Aviv. Jafa salta-nos aos olhos e atravessa-se-nos na garganta com as suas ruínas calcinadas, as ruas de intensa cor e cheiro, onde fervilham bandos de crianças andrajosas que Utrillo gostaria de pintar.

Velhos extáticos de grandes barbas, tão grandes que parecem postições, montam uma guarda sonolenta á soleira das portas. Mulheres deformadas por maternidades sucessivas, de seios mortos sob a estranha mortalha dos vestidos berantes, fitam-me com indefiníveis olhares de tristeza e de resignação temperados por reflexos de rancor e de desprezo, de certo suscitados pela minha curiosidade que julgam viciosa. E nem uma árvore! Só o campanário da igreja ortodoxa perfila uma sombra obliqua neste monticulado causticado por um sol cruel. Poços de dejectos onde nuvens de moscas vorazes e agressivas nos espreitam, rematam a desolação do sítio. É uma verdadeira miséria.

Em Jafa, repito. Em Jafa é a miséria, o desemprego, o trabalho e o pão incertos; em Tel-Aviv, sobram a opulência, as belas «toilettes», os sumptuosos carros americanos, os apartamentos modernos, o conforto e o luxo insolentes.

Voltaremos a encontrar tal contraste e oposição um pouco por todo o lado, desmentindo os que apresentam Israel como uma comunidade onde todos os cidadãos viveriam num igualitarismo idílico, construindo, de mãos dadas, a pátria comum.

* * *

Os que chegam a Israel recomendados com um certo numero de milhões encontram facilmente onde se alojar e onde investir capitais em empresas lucrativas. Mas os outros? O que espera a grande massa dos imigrantes sem recursos que escutaram o apelo do «Movimento Sionista»? Em primeiro lugar, os campos de passagem onde permanecem meses ou anos. Tais campos são muito variados. Há-os que parecem verdadeiras cidades de urgência, cidades provisórias, onde existe conforto; ou-

tros não possuem escolas, nem médicos, nem sequer água ou electricidade.

As mulheres são postas á prova neste ambiente, despendendo tesouros de engenho para vestir, alimentar e instalar toda a família, uma vez que o salário do marido é muito baixo.

E é feliz, a mulher? Onde realiza ela a sua aspiração de alma da família: a felicidade na paz, no meio dos seus?



Não se pode falar — de «Mulher» israelita. Não existe. Existem, sim, mulheres que se adaptam ou sujeitam aos trens de vida e costumes mais diversos. Vênham, por exemplo, comigo até ao estranho bairro Mea Shearim, em plena Jerusalém, onde os milhares de fanáticos religiosos de uma secta aguardam a vinda de um Messias libertador do povo judeu. Os homens consagram-se á «outra vida», lêem os comentários do Velho Testamento; as mulheres, essas, têm o encargo de resolver os problemas «desta vida». No dia do casamento rapam-lhes a cabeça para que não caiam no gosto a ninguém e vestem-nas de modo a que não estadeiem nem um milímetro quadrado de pele.

Nas paredes estendem-se longos distritos que são verdadeiros mandamentos:

Rapariga de Israel, proíbo-te que atraveses as nossas ruas e aldeias vestida como pecadora!

Vestida como pecadora quer dizer com um palmo de cara á mostra, um palmo apenas — nem mais nem menos. Há dois mil e quinhentos anos dizia-se o mesmo...



Disseram-me para visitar os «Kibboutzim». Que encontraria

costumes totalmente opostos. Que me iria espantar. Fui, claro.

Penetrando nesta rica «Kibboutz» depois de percorrer 40 quilómetros desde Tel-Aviv, através de uma estrada na qual dançam vapores azulados, penetro num verdadeiro oásis. Tudo aqui é fresco, calmo, ordenado. Há lanços de relva esca-

lhos! Mas dançamos num vulcão. Vivemos num campo intrincheirado.

As valquírias frequentam universidades

Mesmo as raparigas se preparam para a guerra, a partir dos 18 anos.



nhoada, árvores onde os pássaros cantores esgotaram a lotação, flores, casinhas garridas e assecadas e debaixo dos chorões, em bancos de jardim, sentam-se enternecidos casais de velhos a extinguir-se suavemente como candeias a que vai faltando o azeite.

Levam-me a visitar uma casa com três quartos e uma antecâmara para seis miudos de menos de dois anos. Depois entrei numa outra com sala de aula, refeitório e quatro dormitórios para vinte crianças.

As crianças! Rodeiam-nas de solicitude, de ternura em toda a co-

Vi estas Valquírias do século XX á hora em que saem dos quartéis. De carteira pendurada a tiracolo, a bina posta á banda, resolutamente — só as piuginhas brancas conseguem restituir-lhes um pouco da feminilidade. E, porém, uma feminilidade curta: fica pelos arte-lhos.

Felizmente que também há mo-cinhas estudiosas e pacíficas — as privilegiadas da «Universidade» de Jerusalém. Têm um transbordante e justo orgulho pela sua nova universidade, ainda em construção — uma das mais completas do Mundo. Pena é que em 4.000 estudan-



lónia. Devo acrescentar que os «Kibboutzim» são de facto numa colónia socialista, em moldes que lembram imenso as velhas tentativas do socialismo utópico. Ninguém possui nada de seu. Como a mulher é estritamente igual ao homem, o horário de trabalho é o mesmo para ambos: oito horas no Verão, nove no Inverno. Os solteiros vivem á parte, em dormitórios. Os casais em comum. As crianças são sempre separadas dos pais, que só as podem ver duas horas por dia, depois do trabalho e no dia de descanso semanal.

As mulheres ocupam-se, por equipas, da cozinha, da lavagem de roupa; outras trabalham em profissões iguais ás dos homens.

Qualquer problema sentimental é resolvido pela comunidade. Se um colono manifesta uma opinião política diferente da do agregado — logo é expulso do «Kibboutz» sem nada levar do trouxe á entrada — mesmo livros ou discos. O «Kibboutz» é pois, um mundo em miniatura, dobrado sobre si próprio, egoísta:

«Desde que os meus filhos — dizem — sejam alimentados, alojados, instruídos e cuidados, não me interessa saber que a alguns quilómetros daqui, as crianças sofrem de fome ou de doença».

E é possível fecharem-se os homens ao sofrimento que os rodeia? A resposta deu-a aquela mãe israelita:

«Se ao menos os sacrifícios, os esforços que fazemos asse-gurassem a paz a nossos fi-

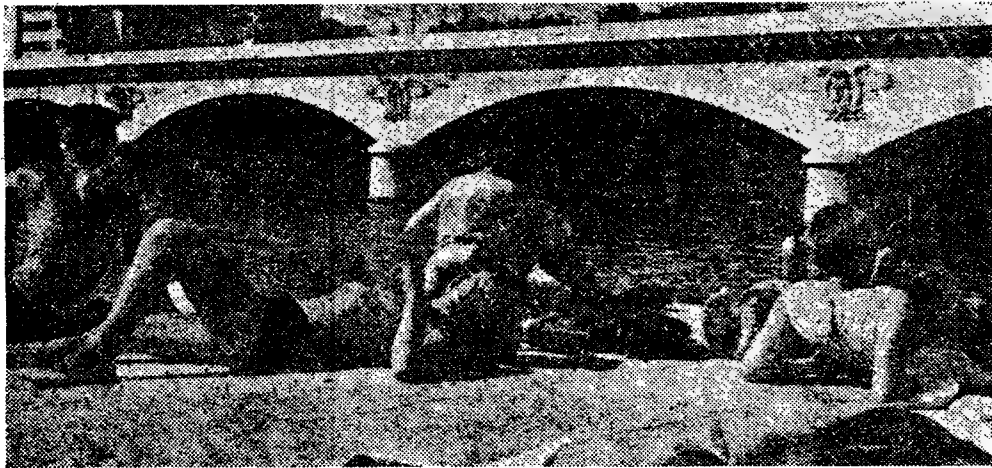
tes apenas se encontrem 50 Arabes e uma unica rapariga desta raça. Embora a população árabe represente um décimo da população total — no ensino secundário existem 2.393 estudantes judeus e nem um árabe! Os eternos perseguidos tornaram-se perseguidores.



No entanto, ainda assisti, em 1957, a uma festa maravilhosa. Foi em Jafa. Meninos judeus e árabes, de mãos dadas, dançando e cantando. E os adultos de ambas as raças irmanados nas mesmas canções folclóricas. Até aí julgara que Israel era uma ficção, mas convenci-me que se tratava de uma forte realidade com 2 milhões de habitantes. E que será uma realidade respeitada num clima de paz.



Há praias em toda a parte...



...Na realidade, o artigo de primeira necessidade quando se trata de banhistas é a água. Onde ela existe — nem que seja numa banheira — os banhistas aparecem. Aqui, trata-se do Sena: e os jovens não perdem a oportunidade para folgar ao Sol e na água. Que diria o senhor. Parece-

Mal se o mesmo se passasse nos cais de Lisboa?

SAIBA COMER

Os regimes dietéticos

Todos nós, mais dia menos dia, sentindo palpar o coração, olhando no espelho as gorduras a mais, ou a custo respirando uma fadiga inútil, temos consciência de que nos alimentamos mal, quer dizer erradamente, segundo a nossa fantasia ou a nossa gula.

Então, cada um de nós promete a si mesmo seguir um «regime» — palavra hoje tanto em moda embora se não saiba, às vezes bem o que quer dizer — um regime que modifique esse estado errado de coisas. Mas «regimes» há muitos! O que quer dizer que sobre esta pequena palavra se amontoou muito erro, muita superstição, muito lugar-comum. Não há regimes milagrosos, começamos por dizer. Há, sim, muitos alimentos simples e são entre os quais podemos escolher e devemos saber escolher, aqueles que podem assegurar o bom equilíbrio da saúde. Este equilíbrio, que não é uma equação matemática deve apenas basear-se no bom senso e não em fórmulas.

Entre o empirismo popular e as exigências científicas, o regime alimentar só deve conhecer um imperativo: o da perfeita harmonia. Um regime equilibrado sabe inspirar-se em todas as fontes de riqueza que a natureza nos oferece.

A história dos povos é, mais do que se pode pensar, a história da alimentação. Uma alimentação excessiva em carnes, como a das tribos vivendo da caça sem conhecer o trabalho agrícola, traz uma hiperatividade de humores que exalta o instinto da agressividade.

Os criadores de religião souberam compreender o interesse dos regimes alimentares nas suas práticas. Os regimes de jejum que a prática religiosa impõe tendem não só a purgar o corpo mas também a elevar e serenar os espíritos...

Em matéria de alimentação, o homem tem exemplos de aberrações tremendas. Uns fundamentam-se em que os ovos — um dos alimentos mais ricos — devem ser banidos. É isto em nome de um hepatismo para o qual, pelo contrário, as bebidas alcoólicas se consideram inofensivas! Modas ridículas, morais superiores, trazem também a sua contribuição para as teorias de nutrição.

O «regime» não é nada disto. É, antes de tudo, o respeito harmonioso das nossas necessidades. Necessidade de base, que assegure as nossas combustões internas; necessidades de dispêndios energéticos que correspondem às actividades musculares. E, por fim, necessidades de constituição de reservas, a que o organismo possa recorrer, se delas houver necessidade.

A satisfação destas diferentes exigências necessita de um mínimo indispensável de proteínas, de gorduras, de açúcares, de sais minerais, de vitaminas, etc. Mas este mínimo não pode ser válido senão por justas quantidades dos alimentos diariamente estabelecidas. O importante de um regime é estabelecer este equilíbrio quotidiano dos alimentos, pois nada representa um consumo excessivo de vitamina C, por exemplo, se se não ingerir ao mesmo tempo, proteínas ou cálcio.

Tem-se estabelecido tabelas, normas, regimes adaptáveis a todas as raças ou a qualquer modo de vida. Mas este homem estandardizado não existe.

Há uma multidão de homens, com necessidades por vezes diferentes.

Um regime deve olhar ao temperamento de cada um, às capacidades digestivas individuais, às faculdades de adaptação, às necessidades de trabalho, exigências económicas e, sobretudo, aos factores emocionais particulares.

O melhor regime é aquele que assegura, a cada um, a melhor saúde, arma importante e activa contra as doenças. Mas mesmo quando o regime é imposto por qualquer doença grave, ele não deve, de modo algum, tornar-se triste ou mesmo trágico. Há sempre um aspecto gastronómico no mais severo regime.

Com excepção dos diabéticos, em que a interdição do açúcar é total, devemos desconfiar das supressões totais e intempestivas. Na doença, mais do que em qualquer outro estado, o risco de carência é o castigo de todos os extremismos.

Além disso, o organismo adapta-se bem a toda a modificação de regime — de restrição ou de aumento — desde que as mudanças sejam progressivas e sempre moderadas.

De novo à frente!

O NOVO PIJAMA PRIMAZ

Concebido no interesse de quem o usa, oferece 2 vantagens principais:

- ① Permite que os braços se movimentem livremente.
- ② Evita os habituais rasgões nas costas.

Portanto:

MAIOR COMODIDADE
MAIOR DURACÃO

CAMISARIA
PRIMAZ
ROSSIO, 115

Também em pijamas, a **PRIMAZ** sabe o que faz!

COMO CONSEGUIR GELADOS, SEM FRIGORIFICO NEM SORVETEIRA

Outra nossa leitora, lamenta-se de não poder comer gelados de que tanto gosta, porque não temo frigorífico nem sorveteira. É gosto tanto!

Pois bem, é possível conseguir satisfazer este desejo tão legítimo.

O que fazer?
Pegar numa caixa de ferro que feche bem (uma marmitta de campismo, por exemplo); enche-la até três quartos da sua altura, de creme à escolha; colocá-la no fundo de um algarido ou outra vazilha grande. Encher, o espaço em volta da caixa, de gelo partido e sal grosso. Pôr um peso na tampa da caixa. Tapar com panos de lã. No fim de um quarto de hora, raspar os bordos da caixa, abrir, mexer o creme que começa a gelar, mas com uma colher de pau. Recomeçar a operação duas vezes pelo menos, durante a congelação (mas cuidado, antes de abrir, não esqueça de limpar bem a caixa em volta, para que o sal não penetre).

Ainda as bebidas

Falámos, no numero anterior, da necessidade de beber, durante as épocas dos grandes calores. E de nós, também, algumas receitas de refrescos.

Vamos dar-lhe, cara leitora, algumas mais:

LI-MONADA DA MARTINICA

1 litro de água gasosa, 200 gramas de açúcar, uma colher de sopa de «Rhum», 2 limões (só o sumo), gelo. Misturar tudo bem e servir bem fresco.

MARQUISETTE

Uma garrafa de vinho branco meio-seco, 1 copo de «Rhum», um limão, 10 quadrados de açúcar, uma garrafa de água gasosa e gelo. Algumas horas antes de servir, ex-

COMO FAZER BONS GELADOS, NO FRIGORIFICO

Uma leitora escreve-nos, queixando-se de que não consegue obter bons gelados no frigorífico: ou «não congelam o suficiente ou se tornam em pedra» — diz-nos, preocupada.

Com efeito, há certas regras a seguir, para se obterem bons gelados no frigorífico.

Assim, muito açúcar retarda a congelação ou pode, mesmo, impedi-la. Mas uma quantidade muito inferior, dá um refresco insípido; é, pois, necessário cumprir, sempre, as receitas, que já estão estudadas para isso. De preferência, usar o açúcar glace.

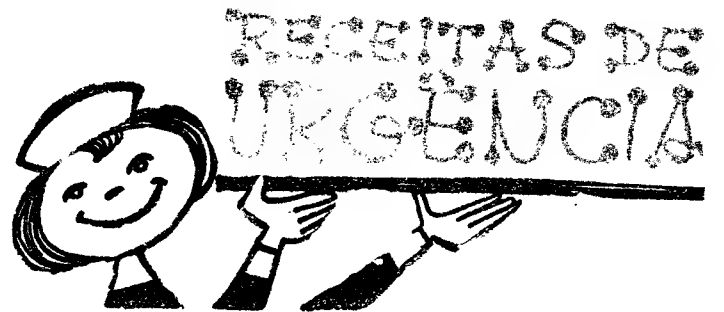
Quando se junta creme, natas batidas, é necessário que seja de uma consistência média, e não tão firme como se usa nas coberturas dos bolos. Antes de bater a nata, deve meter-se no frigorífico, de modo a estar um pouco congelado. Basta pô-lo durante uma hora, no congelador.

Para activar a congelação, molhar a forma exteriormente para que adira, por completo, ao congelador.

Quando a mistura está semi-congelada, deve mexer-se, pelo menos, duas vezes, a fim de lhe misturar o ar e dar-lhe a consistência fofa e cremosa.

Para evitar a formação de pequenos blocos de gelo, na superfície do gelado, cobrir com papel sulfurizado, quando começa a congelar.

Durante toda a operação, manter o termostato na posição máxima. Passar, depois, para a intermédia, enquanto conserva o gelado no frigorífico, se não quer comer pedra, como diz a nossa consulente.



3 Receitas que pode ter em casa

PÃO DE CARNE

750 gramas de carne; 1/2 chávena de cebola picadinha; 3/4 chávena de farinha de aveia; 2 ovos; sal, pimenta, noz moscada e 1 chávena de leite.

Passar a carne duas vezes pela máquina. Misturar tudo, na ordem da receita, até ficar uma pasta bem ligada. Ponha numa forma rectangular, calcando bem e bem untada. Deixe no forno moderado, durante uma hora (pode ter esta receita no frigorífico e usar toda a semana). Varie as saladas de acompanhamento.

PÃO DE PRESUNTO

4 chávenas de presunto moído; 1/2 quilo de carne de porco, crua, moída; 1 chávena de farinha de

aveia; 2 ovos batidos; 1/2 chávena de leite; sal, pimenta e nos moscada.

Depois de passadas as carnes pela máquina, misture tudo bem. Ponha em forma untada e asse durante uma hora. Ficará um bonito pão que lhe facilitará os dias mais ocupados.

PAO DE VITELA

2 quilos e meio de vitela (pode não ser das partes mais caras); sal, pimenta, alho picado, vinagre, noz moscada e sumo de limão.

Tire os ossos à vitela. Ponha numa panela, deite o sal, o alho e o viangre. Cubra com água quente, tape e deixe ferver, suavemente, até a carne estar macia. Escorra e deixe arrefecer, parta miúdo sem a máquina. Junte os temperos. Reduza o líquido da cozedura até uma chávena e misture à carne. Ponha numa forma de pão, bem untada, cubra com papel comprimido tudo bem, para que fique bem unido. Deixe no frigorífico toda a noite antes de servir.

UMA
MÁQUINA
PARA DOIS
TRABALHOS...
NA
VIDA DO LAR!

uma SÓ máquina
para DOIS trabalhos...

LAVAR
E
SECAR

Experimente a ultra-
moderna máquina

EM EXPOSIÇÃO
E VENDA
NOS STANDS DE

PRIMAZ

Rua Maria, 43-C — Tele-
fone 84 91 03

Uma representação



SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

BELO HORIZONTE

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

SOLAR BOÊMIO

Av. dos Correios, 125-129—T. 25277

A CAIVOTA

Av. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21555

FLOR DE LEO PAULO

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 25017

TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

CURIOSA ANTECIPAÇÃO CIENTÍFICA

MUITO ANTES DO HOMEM

Já a vespa praticava a cirurgia nervosa

Muito tempo levou o professor Leon Dufour a espreitar, pacientemente, as actividades da chamada «vespa da areia». Observou que a vespa, dotada de uma rapidez do relâmpago e da precisão do tiro, ela caía sobre a vítima escolhida, matava-a num abrir e fechar de olhos e arrastava-a para o ninho, algures.

Mas uma coisa o admirava: como é que, durante semanas, essas vítimas mortas se mantinham com aparência de frescura? O entomologista concluiu, pois, que o veneno da vespa possuía um poder de salmoura.

Entusiasmado com tais conclusões, um professor de Física do liceu de Avignon, Fabre, resolveu aplicar as suas fêrias, em busca da famosa vespa e, quem sabe, descobrir aquele mistério que também o intrigava.

Obstinado, acabou por descobrir um ninho de vespa e no seu interior algumas vítimas que acabavam de trazer como preciosos tesouros. Fabre não acreditava na virtude conservadora do veneno da vespa. Mas tinha que prová-lo. Observou com atenção as vítimas inertes em posição cadavérica; mas, coisa extraordinária, a carapaça conservava o seu brilho, os membros estavam naturais, sem parecerem pesados ou hirtos, a carne não se mostrava, nem de leve, em estado de decomposição. Não, aqueles insectos não estavam mortos; dir-se-iam adormecidos pelo efeito do clo-ro-fórmio. Vivos, mas paralisados.

De lupa na mão prescreveu os insectos que retirou do ninho das vespas. E com alegria viu que as antenas de um deles se animava, depois as patas; ao contacto corrosivo da benzina, o animal voltava à vida! E isto passou-se dez dias depois de haver sido «morto»! Ora um coleóptero realmente morto deixa de reagir à benzina duas horas depois do último suspiro. Portanto, estava confirmada a sua hipótese: estava apenas paralisado pela picada da vespa.

Mas como podia isso ser possível? Fabre, cuja curiosidade se transformara já em paixão, tenta a experiência: lança a vespa um gorghulho de trigo, bem vivo. Rápida, a vespa voa picado direito a ele, volta-o e, por três vezes, lhe enterrou o agulhão no corpo. O coleóptero, atravessado por um alfinete, leva semanas a morrer; mas desta vez cai instantaneamente paralisado.

Fabre, graças ao impulso da sua notável intuição, descobre que a vespa é dotada, graças ao veneno judiciosamente instilado pelo agulhão, de um poder paralisador único no Mundo.

Daquí, a má reputação da vespa.

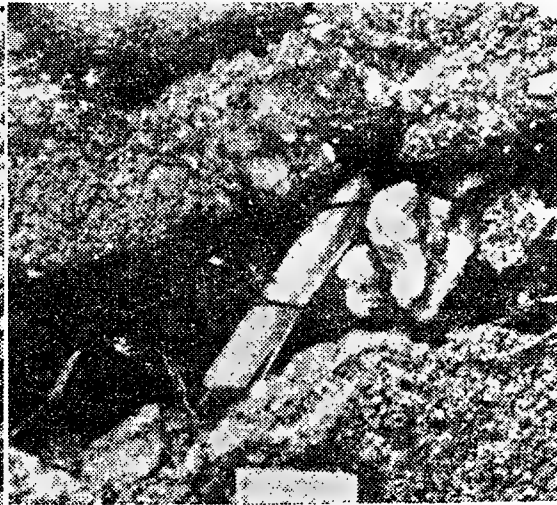
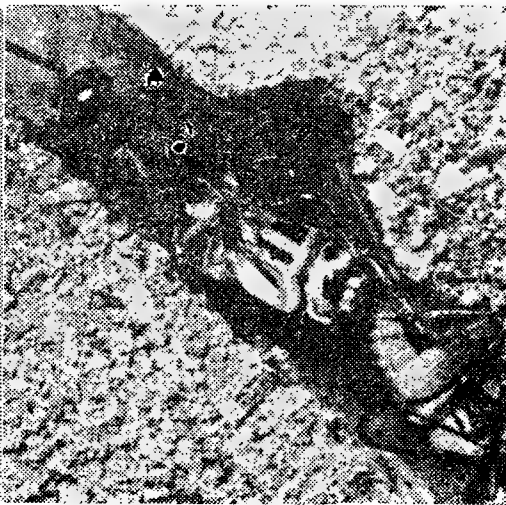
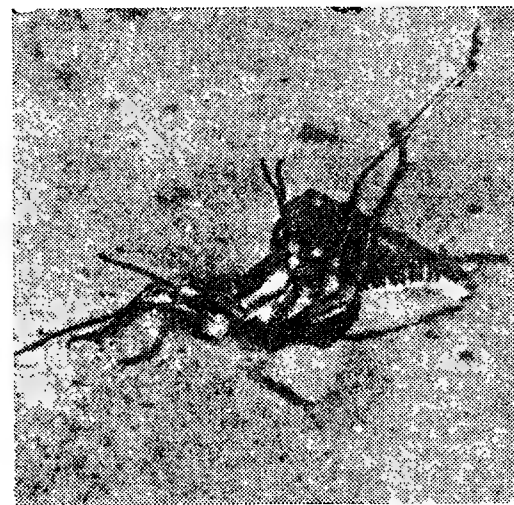
Pequena história da Rota

A Rota extrai-se de uma palmeira e uma planta trepadeira que vive nos países tropicais; sobretudo em Manila e Malaca. Os longos caules são transformados em laminas, em canas, em pasta, em placas, empregadas na armação e guarnição de todos os trabalhos em verga.

Os Indus e os Chineses empregam a verga desde tempos imemoriais.

Em França apareceu em 1855 e logo conheceu o mais extraordinário sucesso. Entre nós o seu uso tem surgido a medo, embora a indústria da verga tenha já conseguido uma perfeição extrema.

Este material exótico está hoje, podemos dizer, na moda e os decoradores têm-lhe fornecido um carácter moderno, de curvas ousadas, de proporções absolutamente novas e bonitas. Desde o mobiliário, até o mais pequeno acessório do lar, a verga tem acção: leitos, cadeiras e cadeirões, estantes, naperons, serviços para refrescos, carpetas e passadeiras (das fibras mais finas), candelieiros, biombo e muitas mais aplicações curiosas e modernas.



As vespas solitárias, que se alimentam de mel, tornam-se impiedosas quando em três actos, este episódio da sua curta existência. Levantando a pata do seu adversário — um grande gafanhoto — a vespa pica os ganglios nervosos da sua vítima com a precisão dum cirurgião. Paralisadas, as vítimas, são arrastadas vivas para uma galeria previamente aberta. Então põe o ovo directamente no abdomen da vítima a fim de que a larva que dele nascer possa começar o seu horrível festim desde a nascença. Em seguida é preciso fechar o berço-prisão, barrando a entrada com pedras e materiais diversos. Por precaução, uma barreira de madeira reterá as pedras, de forma a que não rolem lá para dentro

Mas, na realidade, elas só se dedicam a esta selvagem tarefa, para assegurar a propagação da espécie; as pacíficas mães contentam-se com nectar. Mas é uma segurança da espécie verdadeiramente diabólica: a vítima irá ser devorada viva, durante o tempo que o verme nascido crescerá, cada vez com um apetite mais aumentado, como um vampiro.

E enquanto os sábios ainda tateiam a anatomia minúscula dos insectos, a vespa conhece o organismo do adversário como as pontas das suas patas. Espeta o agulhão com diabólica precisão, no lugar exacto dos centros nervosos que é necessário tocar.

Como procede?

Por exemplo, persegue um grilo cantor que passeia tranquilo, no campo, de repente atrai-se-lhe as patas traseiras e espeta-lhe o famoso agulhão. Esta primeira picada é dirigida ao ganglio nervoso que comanda as patas posteriores. O grilo, então privado dos órgãos propulsores, retarda a marcha; não podendo saltar, fica à mercê do seu carrasco. Então, a vespa volta-o e em dois novos golpes certamente dirigidos, paralisa dos outros dois pares de patas. E antes que o efeito possa dissipar-se, já o agulhão, uma vez mais, se enterra no corpo da vítima, agora atingindo um ganglio cervical, realizando uma espécie de lobotomia, operação que só recentemente o homem conheceu.

O insecto, que antes desta picada, se mostrava prestes a levantar-se, fica agora privado de vontade. Mesmo que encontrasse meios de fugir, nem o tentaria. Tornou-se um escravo dócil destinado a alimentar uma larva voraz.

Um tal conhecimento anatómico é deveras extraordinário. E não temos este exemplo isolado do grilo. As abelhas e as moscas têm os centros nervosos no torax — e é aí que a vespa pica; a aranha, pelo contrário, recebe a injeção perto da cabeça, o local mais favorável; as lagartas, que têm uma série de ganglios no dorso, são atingidas, anel por anel, até à imobilidade perfeita.

Mas as presas permanecem vivas. Respiram e comem, se as alimentarem artificialmente, digerem. Na completa escuridão da célula onde a vespa murou a vítima e lhe pôs um ovo em cima, irá desenrolar-se o drama atroz, talvez o mais atroz de toda a vida animal que se conhece. Porque desse ovo minúsculo depressa sairá um minúsculo verme esbranquiçado, voraz, com extremo amor pela vida; e mal nasceu encontrou a mesa posta e carne fresca à sua disposição...

Considero na realidade indispensável que todos os nossos leitores façam frente comum contra o sr. Arménio António Gonçalves Pereira, da Parede. El-lo mais uma vez vencedor. Vai festejar o seu segundo centenário — coisa de que nenhum vivo (ou apenas o sr. E. Läss, de Coimbra) se pode gabar. As razões desta segunda vitória vão ser postas à vista para que os nossos leitores possam averiguar o corpo do delito. Foram sete, as suas razões:

1.º ESPADA: Instrumento cirurgico, largamente utilizado nas antigas «operações» militares, principalmente em trepa... nações.

2.º ESPADA: Arma dos paradoxos:

— Armada branca, geralmente escura;
— O seu fio pode tirar o último fio de vida;
— Quando encosta os copos, bebe o sangue da vítima;
— Com peixe atrás, alimenta, com carne à frente mata.

3.º ESPADA: Conjunto curvilíneo e bronzeado que se encontra com maior facilidade à beira-mar. A sua bainha, também chamada «biquini», é de reduzi-das dimensões, a fim de se apreciar devidamente a qualidade do material.

4.º ESPADA: carros com muitos:

— Muito comprido;
— Muito elegante;
— Muito rápido;
— Muito cromado;
— Muito caro.

5.º ESPADA: Carro de tipo magnético. Serve para atrair «espadas» de outro género e electricidade oposta (feminino).

6.º ESPADA: No final de contas não passa de um punhal em cinemascópio...

7.º ESPADA: Serei eu, se continuar a apanhar centenárias.

Não é uma espada: é uma praga.

O concorrente que mais próximo esteve da «centenária» ilustre foi a

PEDE-SE UM SISTEMA DE ALIANÇAS CONTRA UM VENCEDOR QUE SE ESTÁ A TORNAR CONTRABANDISTA DE CENTENÁRIAS, TODOS CONTRA UM — EIS A PALAVRA DE DESORDEM... FORA ESTE CASO, REGISTA-SE UM REGIME DE ALTAS - PRESSÕES HUMORÍSTICAS.

sr.ª D. Fernanda Rodrigues da Mata (Lisboa). Enviou-nos esta excelente adivinha:

ESPADA: Arma definitiva.
Porque:
Na guerra, comanda;
Na parada, cintila;
Nas mouras, brilha;
No duelo, lava.

Na paz, justícia;
Na retórica, gela;
Na Bíblia, arde;
No aquário, nada;
No jardim, decora.

Na estrada, seduz;
No amor, convence;
No Azar, atropela;
Na amizade, intriga;
No preço... Não posso!

Nem eu, minha senhora. Só lamentação não ter conseguido que o carro que vier a comprar lhe custe menos uma centenária... Entretanto, permito-me fazer a seguinte observação: nos duelos a espada lava, mas não mais branco, pois não é?

O sr. Eugénio Guerra (de Lisboa) também ficou localizado no centro das altas pressões humorísticas. Muito modestamente começa as suas linhas com este desabafo: «Eu só mando isto». Pois quase que chegava:

ESPADA — E' uma lata afiada na ponta (alguns morrem);
— E' uma lata com 4 rodas (alguns morrem);
E também fica entre o freixo e a cinta...
...E mais nada!...

Queriam mais? Só se caíssemos naqueles dramas em que não morrem alguns porque morrem todos.

O sr. Armando Mesquita (de Lisboa) traça o significado de espada conforme os utilizadores:

ESPADA:

— Para Salomão — era o símbolo da justiça;

— Para os pelintras — tem sido o símbolo da enxada (quantas vezes não se vêem entre a espada e a parede!)

— Para as moças de hoje — é o símbolo duma felicidade a cem á hora (elas prezam mais as espadas dos namorados do que os propriamente ditos...);

— Para mim — deveria ser mais qualquer coisa... De contrário, como hei-de ganhar a centenária???

Como há-de ganhar? Persistindo. Porque o senhor tem graça. Ou então assassinando os adversários de mais peso.

Um dos que o senhor deveria matar é o nosso leitor de Coimbra, E. Läss que também esta semana ia ganhando a centenária com vários ditos deste género:

ESPADA—E' aquilo que tanto pode servir para conquistar impérios como para devorar distâncias, como para chupar dinheiro.

ESPADA — E' uma coisa que tanto serve para «andar» como para «fazer andar», etc.

A sr.ª D. Fernanda Rodrigues da Mata sugere, para a semana, a palavra

CABEÇA

As respostas devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48, acompanhadas do nome e morada dos concorrentes.

Conto por
YOLANDA MARIA
DE CASTRO

A aragem um pouco ligeira passa e desgrenha a cabeleira crespa dos arvoredos. Sombras que se aproximam, sombras que se desfazem. Não longe — talvez por toda a parte — longos brinços de luar tremeluzem pendentos da renda ne-gríssima dos eucaliptos dispersos. O manto lustral veste tudo. Quem passa, nem braços nem pés — parece suspenso e torna-se harmonia e asa, aceitação e receptividade num deslizar duplo: o da emoção pura e íntima e o que levará, fisicamente, para lá do fluir do éxtase...

A noite não tem músculos como o dia; não abraça, não esmaga, não possui a violência do Sol cingindo a Terra. A noite embala, enrola-nos na amplitude líquida do luar ou inebria se nos emaranhamos no seio enigmático da escuridão violenta.

É fácil penetrar nos mansos labirintos da noite em movimento e em cada ruído descoberto identificarmo-nos na incomensurável orquestração nocturna.

Uma tela de prata, como fundo e nela desenhada a tinta da China, a fantasmagoria móvel da Natureza...

Dir-se-ia, das profundidades da Terra, emergindo seres fabulosos para um festim de gnomos e fadas com seus vestidos transparentes mergulhados em diamantes... O que a claridade do dia pode mostrar simples casal rustico, uma cabana semi-abandonada, toma feição diferente mal o crepusculo anuncia o descer da soberana noite. E o nó de angústia que o ponte abandonada na garganta desfaz-se lento, lento, precisamente no instante em

que a penumbra envolve pessoas e coisas...

A rapariga rindo, não sei em que lugar, por certo graciosa, espalhando por tudo e por nada gargalhadas estridentes, fica com voz de água solta — água a correr nos veludos laucamente dispersos por aí... E nada de especial, mas tudo se comunica e enleia: ocultas perspectivas de jardins suspensos na bruma, perfumes de flores erguidas, mas se lhe tocamos, desaparecem na obscuridade...

Em plena Natureza cálida e secreta, sós na imensidade dos céus, surge a confidência sensual dos campos desertos com seu autentico perfume misturado de resina e alfazema, alecrim e urze, o cantico da giesta, em surdina, dando, á noite, digna e incomparável serenidade. E no entanto, nada está morto! Vida, vida latente respira-se com todos os sentidos acordados, ora no silêncio (incrível silêncio) ora este povoado de miríades de vozes brandas, uma ou outra mais aguda, mas nunca semelhantes...

Para quem sabe ver e escutar, a embriaguês da noite imensa é ter diante, o Universo, pela primeira vez, na ilusão de todas as coisas puras, enigmáticas, belas, recém-despertadas!

Com a ajuda da Lua — valdosa que é — pois só ela saberia espalhar pela Terra requintes feminis de futilidade e graça, fabricam-se no colossol «atelier» do Espaço, secretamente, os mais raros tecidos: flocos de nuvens, brocados sumptuosos, esquisitos tules de névoa que se movem através das

folhagens (como pássaros errantes) e as derramadas claridades escoando-se nas olaias, nos cedros, em todas as ramadas, por sortilégio, transformadas em musica...

Noite infatigável — que haverá mais por dentro de ti?

Durante o dia a vida e o seu caudal inexorável de injustiças e angustias; de noite, sonho — horas em que nascem estrelas nas órbitas, famintas de beleza, e não frenéticas solicitações terrenas...

De noite transfiguramo-nos. Somos desconhecidos até de nós próprios...

Todas as bocas são de ouro quando balbuciam o nome dos objectos, dos lugares, todos os nomes comuns...

Certo renque de malmequeres, a esta hora, foi miraculado em pequeninos astros bulicosos porque as suas pétalas finas se inundaram de orvalho azul — imensa cobertura de cristais movediços — bem como todas as flores dos canteiros próximos: umas aladas imitando nuvens de Verão, outras, pequenas ilhas vogando num oceano inexistente mas que a magia traz ao ouvido nos sussurros inesperados, intermitentes...

Como é boa a carícia das corolas desfeitas entre os dedos! — e esta sensação lavada vem do rio — ouve-se o vai-vem inquieto, e nas suas margens há corpos de gaze, risos maliciosos, arabescos de hostes contorcidas, toda a confidência da Natureza...

E em cada confidência a Natureza ensina, discreta, o contrário do egoísmo, demonstra a lição do amor, da solidariedade e vai ao ponto, se convida á meditação, de insinuar o conhecimento de cada um...

Nunca, em face da Natureza límpida e infatigável, haverá sensação de vazio, de inépcia ou incapacidade. Tudo quanto nela começa não tem fim — renova-se — tal como o Homem eterno, ao contrário do que se finaliza na ignorância e desprendimento.

Por toda a parte as vegetações vibram: choupos alinhados, solenes, salgueiros inclinados, vergeis escondidos e talvez algum «génio das águas» ande por aí... Se ouvisse uma respiração, se um fulgor de purpura encandeasse, quem se admiraria?

É tão difícil materializar uma presença quando um peixe perdido do cardume vem á superfície e agita as águas ou uma ave tonta faz desprender, do ramo, uma folha que resvala!

Certamente, todos os tesouros da noite convidam a sugestivas aventuras, e estar num lugar não significa que se não possa estar noutro... distante.

Estendem-se os braços, toca-se no invisível, vem á memória o irreal e mergulha-se numa aurora diferente, ante-manhã de outros mundos!

Nem que surgisse, da aragem, a mão de um poeta para nos guiar no espaço sideral, numa noite bela causaria espanto...

Nem que a lívida forma do poeta se materializasse em algas e pérolas ou que dela nascesse um corpo de coral vivo, seria absurdo, perante a noite — senhora de todos os mistérios...

Nada seria absurdo. Nem absurda é a cor dos buganvilias tomar o palor das neblinas...

As cores pertencem á paleta diurna. De noite não há cores — só o azul em gradações, a prata liquefeita, contornos macios, brumas e uma ou outra nuvem esfarrapada saindo da arca do céu. Só isto e mais o jade coruscante dos pilares ebrios, dançando silenciosamente no escuro. Só isto... e mil coisas sem forma, esquivas, incertas, audaciosas, embrulhadas de sombra e sonho.

De noite não há cores — só jorros de brilho ou imagens brumosas...

Nem Busano, ilha policroma dos pescadores, da laguna veneziana, ostenta os característicos tons garbados, quando a noite a envolve.

Busano de noite! Canais entrançados, barcas reclinadas; roxos e amarelos, escaletes e azuis em amálgama cinzento e fosco...

Nem as águas de Busano mantêm a epiderme de esmeralda — adensam-se, obscurecem-se ou entregam-se, pacientes, ao luar entornado...

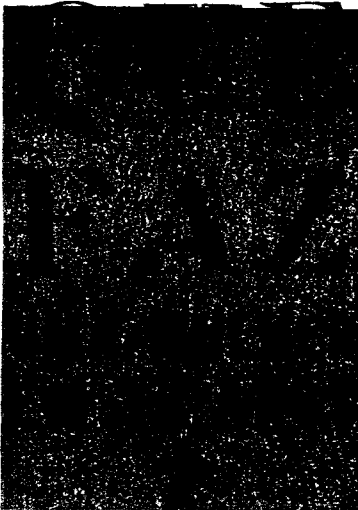
Apenas o branco realça adentro das trevas maciças ou se desnuda, á luminosidade dos astros.

Apenas a brancura das fontes, das cascatas, da neve ou das ermidas desafia a noite!

Altivas colunas corintias de Riez



A ESPERA DE: 3 ANOS



Repare a leitora: não é aos 70 anos, mas durante 70 anos. Já pensou em que ocupará esta idade toda se lá chegar? Não pensou, com certeza. Mas os cientistas pensaram isso por si e, depois de vários estudos e da consulta de muitos dados estatísticos, chegaram ás seguintes conclusões, que a jovem actriz GINETTE PIGEON resolveu ilustrar de forma expressiva.



saídas do passado — contrasta na opulenta verdura dessa Provença dos trovadores — desafiando a noite!

A selvagem Camargue batida do mistral — que modela as árvores á sua rude feição, mas não as abate — envolve por este mesmo vau translucido que nos cobre!

E o Monte Cassino, mártir dos tempos, com seus mármores repovoados, mosteiros e claustros recolhidos — quantos enredos de luz oferece!

Tudo o branco do Mundo a romper da noite e fixo nas pupilas que sonham e bebem a noite...

A pureza da «edelweiss», a impá-nência das montanhas alvas, as tunicas gélidas dos «Willis» — flores da morte — a auréola mortal da loira «Loreley» no seu rochedo enfeitado — que a noite não confunde!

Oh, quem pudesse atravessar continentes e oceanos, terras inexploradas, olhar de perto rios, vales inacessíveis, as esmagadoras cataratas do Yguaçu... e surpreender a noite!

Mas há sempre um regressar... embora o rumorejo dos arvoredos persista — sensação de ondas revoltas — e venha tecer, nos olhos, a orla longínqua do mar onde, por certo, um pescador solitário se embriaga na mesma canção — a canção da distância...

Talvez que o pescador, com sorriso de sonata nos lábios, anteveja a hora da partida, que tarda, e sinto já a rede solta nos dedos, antes do abraço das vagas... dessas vagas fascinantes iguais ao enorme coração de espumas que lhe arde no peito...

Noite em qualquer parte... Pólen da Lua derramado na Terra povoada ou deserta, densos véus só esboroados quando avançamos de encontro ao imprevisto...

Em Atenas, na Calábria, nos «fjords», na Floresta Negra, nas planuras de Yorkshire, ou nos antipodas, sereníssima noite — quantos braços estendes? quantas bocas te sussurram? quantos sonhos por ti vagueiam e que mistério trazes para desvendar?

Oh, como tenho pena de quem não sabe ler a noite!



AO TELEFONE: 11 ANOS



A DISTRAIR-SE: 16 ANOS



A CUIDAR DE SI: 5 ANOS



A CONVERSAR: 10 ANOS



A TRABALHAR: 20 ANOS



De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

Dia 1

EM PORTUGAL — Partiram para Roma o primeiro-ministro e ministro dos Estrangeiros da Etiópia. * O ministro dos Estrangeiros ofereceu um almoço ao primeiro-ministro de Marrocos. * Principiou a Volta a Portugal em Bicicleta. * Na Anadia foi encerrado o curso para actualização dos engenheiros-agrónomos. * Em Guimarães foi prestada homenagem a cinco escritores vimaranenses. * Em Belém um incêndio destruiu dois barracões com várias viaturas da Junta Autónoma das Estradas. * Entrou no Tejo uma esquadra americana.

NO ESTRANGEIRO — Richard Nixon disse na televisão de Moscovo que «só uma nação agressora terá qualquer coisa a recear dos Estados Unidos». * O Papa condecorou o ministro dos Estran-

geiros dr. Marcelo Matias. * Morreu o automobilista Jean Behra. * Não se consegue acordo em Genebra. * Horácio Lopes foi nomeado ministro dos Estrangeiros do Brasil. * Morreu a escultora francesa Germaine Richier.

Dia 2

EM PORTUGAL — Em várias inauguradas em Sotão a noite inaugurada do juramento de bandeira dos novos recrutas. * Na estrada da serra da Estrela houve um desastre de viação, por falharem os travões de uma camioneta, havendo vinte feridos. * Em todo o País o calor foi intenso. Em Lisboa o termómetro subiu a 32,9 (à sombra). * No Porto terminou o III Encontro Nacional de Graduados. * O Sporting venceu o Benfica em atletismo, no Campeonato Nacional. * Foi inaugurada em Sotão a no-

va Camara Municipal. **NO ESTRANGEIRO** — Richard Nixon foi recebido apoteoticamente em Varsóvia. * O rei Mohamed V de Marrocos deixou Paris inesperadamente, regressando ao seu país. * Anuncia-se que uma criada norueguesa vai casar com S. Rockefeller. * Regressou a Londres, da sua visita ao Canadá, a rainha Isabel II. Acompanhava-a o príncipe Filipe de Edimburgo, seu marido. * No Congo Belga registaram-se graves incidentes entre duas seitas de negros.

Dia 3

EM PORTUGAL — Partiu para a ilha da Madeira o ministro das Obras Publicas. * Em Braga o subsecretário da Educação falou aos graduados da Mocidade Portuguesa. * O ministro do Interior visitou Viseu. * O ministro da Marinha ofereceu um almoço ao comandante da 6.ª esquadra americana, no Tejo. * Esteve em Lisboa, o ministro da Marinha do Brasil. * Na primeira reunião anual das bibliotecas Gulbenkian, foi revelado que sobe a 120 mil o numero de leitores dessas bibliotecas, por ano. * Foi homenageado o sr. L. Marinho Alves.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se para o Outono a visita de Nikita Kruchchev aos Estados Unidos e de Eisenhower á Russia. * Anuncia-se a viagem de de Gaulle e Debré á Argélia, ainda este mês. * Anuncia-se que Franco se encontrará com de Gaulle no Bilasoa. * No Hawaii registou-se um tufão com ventos de 176 quilómetros horários. * Começou em Moscovo o Festival Internacional do Filme, a que concorrem 51 países.

Dia 4

EM PORTUGAL — Foi assinada a escritura de constituição do Banco de Fomento e empossado o presidente, dr. Simões de Almeida. * O ministro da Educação presidiu ao encerramento do III encontro de Graduados da M. P. * Foi promovido a contra-almirante o antigo ministro Sarmiento Rodrigues. * Ao largo de Setúbal, passou um disco voador. * Portugal decidiu solicitar o ingresso no Fundo Monetário Internacional e no Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, segundo anunciou o ministro das Finanças.

NO ESTRANGEIRO — Dizem do Rio de Janeiro que o antigo ministro dos Estrangeiros, Negrão de Lima, vai ser nomeado embaixador em Lisboa. * Os ministros dos Estrangeiros chegaram a acordo quanto ao comunicado final. * De Gaulle opõe-se a uma reunião de alto nível do Ocidente. * Nixon visitou o «Ghetto» de Varsóvia e falou sobre os sofrimentos do povo polaco.

Dia 5

EM PORTUGAL — Na estação de Ovar, descarrilou o comboio «Foguete», depois de ter colhido uma camioneta, em passagem: um morto e vários feridos. * No porto do Funchal vão realizar-se grandes obras no valor de 140 mil contos. * Anuncia-se a realização de uma feira de produtos portugueses em Leopoldville. * O governador civil de Lisboa terminou a visita aos concelhos do distrito, em Sobral de Monte Agraço. * O treinador Bela Gutmann fechou contrato com o Benfica.

NO ESTRANGEIRO — Em Genebra foi publicado um comunicado que confirma não se ter chegado a acordo sobre os pontos principais mas que prevê futuras negociações. * O Governo do Laos comunicou ás Nações Unidas que o Vietmin fomentara uma agressão

contra aquele país. * Nikita Kruchchev declarou que a sua visita á América visa a desanuviar a atmosfera internacional. * Ao sair de Varsóvia, Richard Nixon disse que os Estados Unidos não cobicam um centímetro de território estrangeiro.

DIA 6

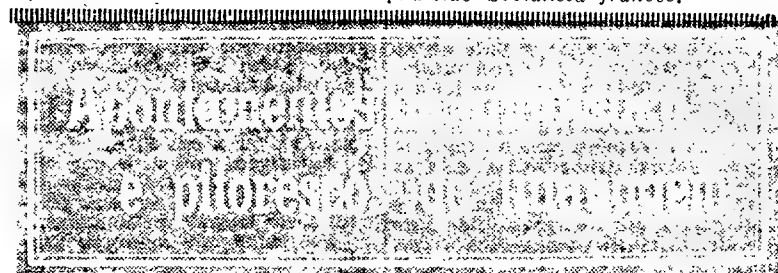
EM PORTUGAL — Alguns componentes portugueses do Colóquio Luso-Brasileiro da Baía, seguiram para o Brasil. * O director técnico da barragem de Cambambe disse que ela estará concluída no prazo fixado. * Na Madeira o ministro das Obras Publicas inaugurou a rede eléctrica de várias freguesias. * No Porto e outras terras, uma violenta tempestade causou grandes prejuizos. * Os irmãos Soares de Oliveira conquistaram a taça nacional de «Snipes».

NO ESTRANGEIRO — Informadores oficiais belgas disseram ser necessária a consulta aos países da N. A. T. O. antes da entrevista Kruchchev-Eisenhower. * Um homem que se disse ser filho de Imre Naggy solicitou asilo em Itália. * Na Argentina foram proibidos os partidos comunistas e filiados. O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Brasil confirma que o dr. Negrão de Lima foi convidado para embaixador em Lisboa. * João XXIII saiu a pé de Castelgandolfo para visitar um colégio de missionários.

DIA 7

EM PORTUGAL — Juraram bandeira os novos recrutas da Polícia de Segurança Publica. * Tomaram posse no Hospital de Santa Maria os directores de serviços de Medicina Operatória e Propedéutica Cirurgica os drs. Belo de Moraes e J. Celestino da Costa.

NO ESTRANGEIRO — No Laos continua a haver considerável ansiedade por motivo da atitude dos vizinhos. * Isabel II e a família real seguiram de Londres para Balmoral. * O «Daily Herald» diz que a Grã-Bretanha protestou contra a publicação de pormenores das bases americanas em Inglaterra. * Para o ano começado em Julho, foram concedidos á Comissão de Energia Atómica 2.683.029.000 dólares. * Morreu em Genebra o antigo embaixador da Espanha Republicana em Berlim e Paris, Luís Arasguistain. * O rei Moame V, de Marrocos, foi submetido a uma operação de ablação das amígdalas. Diz-se que a rainha Isabel II espera terceiro filho.



Pleonasmos inconscientes

São inumeros os pleonasmos que diariamente pronunciamos, sem tal nos darmos conta, a tal ponto eles já se banalizaram e se perdeu consciência do significado primeiro da palavra. É o caso clássico de *comigo*, onde a preposição *com* se encontra no início e no fim da palavra (*cum mecum*). Outro exemplo: diz-se *imensas vezes o primeiro protagonista*, quando, na verdade o vocábulo *protagonista* já significa *primeiro combatente* (do grego *protagonistês*, de *protos*, ou seja, *primeiro*, e *agôn*, *combate*). Assim, na expressão *primeiro protagonista*, o adjectivo numeral é inútil e tautológico.

Poltrona

O italianismo *poltrona*, hoje perfeitamente radicado na nossa lin-

A FIGURA DA SEMANA

Guy Mollet



GUY MOLLET

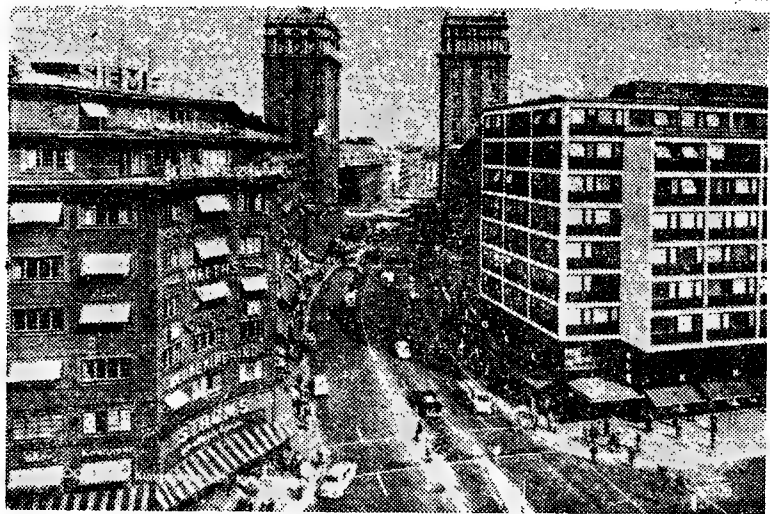
A realização recente do congresso do Partido Socialista francês em Issy-les-Moulineaux, pôs de novo em relevo a figura do seu secretário-geral, Guy Mollet, cuja acção na vida política tem sido decisiva nos últimos tempos. Investido naquelas funções em substituição de Daniel Meyer, Mollet fez da máquina do partido um instrumento de acção posto ao seu serviço. Apesar dos ataques vivos e insistentes de que foi objecto recentemente, da cisão nas fileiras do partido e da hostilidade de alguns dos seus actuais dirigentes, a posição que conquistou mantém-se e, pelo menos durante algum tempo, estava segura nas suas mãos.

Este facto não deixa de oferecer aspectos desconcertantes, mas é graças a ele que Mollet tem podido decidir discretamente em alguns momentos decisivos da história contemporânea do seu país. Assim, no começo de 1956, assumindo a chefia do Governo em vez de Mendès France, com ele associado numa vibrante campanha eleitoral, deu aos acontecimentos um curso inesperado. Pouco depois, durante a visita que fez á Argélia, em Fevereiro, foi vaiado pelos aultras, que o desfeitearam publicamente, obrigando-o a renunciar á política argelina que anunciara e pôs de parte.

Nesse mesmo ano, no Outono, foi graças a ele que se preparou a campanha do Suez, em que os franco-britânicos, depois de desembarcarem naquele local, foram obrigados a reembarcar em condições humilhantes. Desse desaire ficou recordação dolorosa nos dois países, os quais, depois disso, fizeram caminho separadamente, cada um deles atribuindo ao outro o desastre. Mas, enquanto na Grã-Bretanha esse desastre acarretou a demissão do primeiro-ministro Eden, em França, Guy Mollet, continuou a desempenhar as suas funções. Finalmente, sem a sua directa intervenção, a subida do general de Gaulle ao Poder não se teria feito nas condições que se registaram, em Maio do ano passado, nem a V República teria seguido a rota que o seu chefe lhe assinalou com a colaboração do secretário-geral do Partido Socialista francês.

Antípodas

Chamam-se *antípodas* os habitantes do globo terráqueo que se encontram exactamente no ponto oposto do universo. A palavra vem do grego e compõe-se de dois elementos: *anti* (contra) e *pous*, *podos* (pé). Antípodas são, pois, os homens que têm os pés ao contrário, definição empírica mas assaz expressiva.



A Kungsgatan, com as suas velutas e imponentes torres, é a mais concorrida artéria da capital

A volta ao Mundo (12)

Suécia

RIOS — Os cursos fluviais suecos não têm, em geral, largo curso, dada a configuração da península escandinava. O de mais longo curso é o rio Ume, com 466 quilómetros, seguindo-se o Luie, com 450, o Tornea, de 402, e o Dal, também de 402 quilómetros. A par dos rios, os lagos suecos, entre eles o Nener, de 5.545 quilómetros quadrados, o Vattearn, de 1.898 quilómetros, o Malaren, de 1.139.

MONTANHAS — A altitude máxima na Suécia é no Kebnekaise, com 2.135 metros, seguindo-se o Sarjektjakk, de 2.125, e o Sulstjelma, de 1.887 metros.

EDUCAÇÃO — É obrigatória a instrução primária na Suécia, podendo dizer-se que não há analfabetos. Na educação secundária, os livros são gratuitos, e tanto na secundária como na superior, há muitas bolsas de estudo para os alunos pobres. Há quatro universidades.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — Do solo só 8,8 % é consagrada a culturas agrícolas. A floresta cobre 49,6 % do território, e os pastos 2,5 %. Da população pecuária destacam-se 2.582.000 bovinos. Entre as indústrias salientam-se os laticínios. O país conta 17.300 estabelecimentos industriais com 810.000 operários. Fiação, tecelagem, explosivos, fósforos, cerâmica, cortiça, cristais.

CAMINHOS DE FERRO — 16.756 quilómetros, dos quais 5.000 eléctricos.

ESTRADAS — 173.000 quilómetros.

RELIGIAO — Da população, 99 % são luteranos.

MOEDA — A unidade monetária é a coroa.

SUPERFICIE — 440.122 quilómetros.

POPULAÇÃO — 7.341.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Estocolmo, capital (1.063.000 habitantes); Göteborg (377.000); Molmô (206.000); Novrkoping (88.000); Hal-

singbordo (72.000); Urebro (70.000).

GOVERNO — A Suécia é uma monarquia constitucional, cujo poder executivo está confiado ao rei e ao seu Governo. Este é responsável perante as Camaras: a Camara Alta (Forsta Kammaren) de 150 membros, de eleição indirecta, e Camara Baixa (Andra Kammaren), de 231 representantes de eleição directa. O poder executivo tem o direito de pôr o seu voto ás leis, menos ás tributárias.

O monarca actual é o rei Gustavo VI. O primeiro-ministro é Tage Fritiof Erlander.

CLIMA — O país, abrigado das influências atlânticas pelas cadeias de montanhas da Noruega, tem um clima muito mais continental do que aquele país. A pluviosidade é menor. Em Göteborg essa pluviosidade é de 600 a 700 mm. por ano, enquanto em Estocolmo não passa de 400 a 500 mm; e na Lapónia é inferior a 400 mm. A duração média dos gelos no norte atinge 150 dias e no extremo norte vai a 250 dias.

ESCRITORES — A antiga poesia sueca constitui hoje em dia um grande problema literário; dos escritores suecos destacam-se Karl Almquist (1798-1866), Karl Bollman (1740-1795), Fredosika Bremer (1801-1865), Gustav Proding (1860-1911), Erik Geijes (1783-1847), Olav Hansson (1860-1925), V. Heidenstam (1859-1940), Erik Karlfeldt (1864-1931), Gelma Lagerlof (1858-1940), Par Lagerkvist (1891-), Oscar Montelins (1843-1921), Axel Munthe (1857-1949), Viktor Rydberg (1828-1895), Erik Stagnelius (1793-1823), G. Stiernhielm (1594-1672), A. Strindberg (1849-1912), E. Swedenborg (1688-1772), Esaias Tegner (1782-1846).

ARTISTAS — Na escultura salientam-se os nomes de Sergell, R. E. Fogelberg, Bystrom, Pierre Molin, Frithof Kjelberg, Quarntroem. Na pintura: David Clöcker d'Ehrenstrål, Jean Philippe de Lenske, Ludwig Masreliez.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO FANTASMA

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

A mesma sensação estranha, arrepiante, se apoderava de Nettie Brainard, sempre que lhe vinha à lembrança, mesmo passado muito tempo, o caso fantástico.

Na sala de chá, onde, aquela noite, não havia clientes, retinui freticamente a campainha do telefone. Ela acorreu a atender e ouviu uma voz de homem perguntar:

—E' Miss Nettie Brainard?
—Eu própria!
—E' a filha do falecido Benamin Brainard e de Nettie Sharps?
—Sim!... sou eu mesma!
—A sua mãe está?
—Está agora muito ocupada, e nesta meia hora mais próxima não poderá atender... Mas, quem fala?

—Sou Thomas Sharps, o seu tio Tom!

Nettie quase sufocou de espanto e replicou em voz abafada:

—O tio Tom?!... Mas... o senhor morreu!

—Não completamente!... — respondeu, por entre uma gargalhada enervante, a mesma voz, do outro lado do fio.

—Isso pode lá ser!... Há cinco anos recebemos, pelo correio, um registo com o seu passaporte visado na China e na Rússia, e dois títulos de dívida, tudo acompanhado de uma carta, vinda de Harbin, na qual Jerry Angus dizia que o seu amigo e companheiro tinha... t-nha...

Nova gargalhada estridente ressoou pelos fios, e a mesma voz misteriosa, tentando acalmar a rapariga:

—Vamos, Nettie: não te assustes! Tudo pode acontecer nas misteriosas e longínquas paragens do Extremo Oriente!... Que podem vocês saber ao certo de um homem que saiu da vossa casa há vinte e cinco anos?... Ainda tu não eras nascida, vê lá!...

—Bem!... E então? — balbuciou Nettie, engolindo em seco.

—Então, não digas nada a tua mãe, pois falarei a sós contigo. E' melhor assim!...

E o telefone desligou-se

* * *

Nettie estava assombrada e trandida de medo. Sozinha na sala deserta, meditava no espantoso caso, falando de alto:

—O tio Tom vivo?!... Que terá ele para me dizer?... A que propósito virá visitar-me esse... fantasma?...!

Sentia-se tão aterrorizada que até abençoava as luzes das duas casas fronteiras, rivais detestadas, sempre cheias de clientes e com cintilantes tabuletas onde o «mèon» riscava os reclamos: — «Lanches — Confeitaria — Serviço Permanente».

Quando a mãe enviuvara instalaram aquela casa de chá, mas o negócio fraquejara, principalmente depois de abrirem aquelas duas casas vizinhas, modernas, com música e fantasmagoria de luzes coloridas, luxos com os quais elas nem sequer podiam sonhar...

Nettie, rapariga séria e sensata,

Tirol de Sintra
RESTAURANTE
SALA DE CHA
PASTELARIA

A MELHOR CASA NO GÊNERO
Experimente o nosso esplêndido
serviço de RESTAURANTE, BAN-
QUETES, LANCHES

AV. HELIODORO SALGADO, 5-7-9
Telex 980505-980556 SINTRA

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95 Rua Nova do Almada 99
LISBOA

O FANTASMA

aceitara a corte de um jovem médico, ainda no princípio da carreira. E, muitas vezes, se interrogava se ele pensava no casamento ou se não andaria apenas a passar o tempo e a divertir-se...

Ela conhecia aquela história ocorrida vinte e cinco anos atrás. Ao enviuar, a mãe contara-lhe tudo. O tio Tom (Tom Sharps) aparecera, certa ocasião, em casa com um amigo, um tal Jerry Angus, e apresentara-o à irmã, Nettie Sharps, num dia em que o noivo dela estava fora, em viagem de negócios.

Jerry conseguiu insinuar-se no ânimo de Nettie, a tal ponto que a jovem se dispunha a romper o noivado com Benamin Brainard. Quando, porém, deram conta dessa doidice, os pais dela puseram ponto no romance, tanto mais que lhes tinham chegado rumores de coisas pouco lisonjeiras quanto ao carácter e à vida de Jerry. A essa altura, no entanto, já ele vencera a rapariga a jurar-lhe amor eterno, prometendo esperar pelo seu regresso, pois iam partir em busca da fortuna, ele e Tom, empolgados pela miragem do ouro, que atrala ao Alaska pesquisadores e aventureiros dos quatro cantos do Mundo.

O tempo foi-se passando e não mais houve novas nem mandados dos dois. Assim, desiludida, cansada de esperar, Nettie acabara por casar com Benamin Brainard, que não durou muitos anos. Tinham-lhe morrido, também, os pais, restando-lhe apenas uma filha que ela criou e educou à custa de grandes dificuldades. Intimamente, ficara-lhe o coração a sangrar, e a sua consciência afigurava-se um castigo a morte prematura do marido, que ela, afinal, não mere-

cia, pois casara por casar, sem lhe dedicar amor e apenas para ter amparo na vida... No fundo, era a imagem de Jerry que lhe surgia como um grande remorso, sombra fatídica a amargurar-lhe a existência. Nunca mais soubera do seu paradeiro, até que um dia, vinte anos depois, chegara a tal carta registada com um passaporte, os títulos de dívida e notícia da morte do irmão, Tom Sharps...

Foi quando, sob esmagadora coacção, a mãe contara a Nettie toda a triste verdade. E eis que, de

tas outras que o patife do Jerry me pregou...

E, depois de breve silêncio, o desconhecido continuou:

—Um dia em que eu tinha bebido mais uns golos de aguardente, ele aproveitou-se da ocasião, tirou-me a papelada da carteira e fez essa gracinha!... Deixou-me nos confins do Oriente sem documentos e sem dinheiro... Mas não percam tempo com explicações, pois é preciso que a tua mãe não me veja.

—E... como descobriu o nosso

Texto integral do conto de Robert McBlair

repente, lhe surgia aquela voz misteriosa, aquele fantasma...

* * *

A porta entreabriu-se vagarosamente, interrompendo as meditações da rapariga...

Era ele... devia ser ele, aquele homem de cabelos grisalhos e pele queimada, forte, embora já um tanto curvado!

Antes que ela pudesse abrir a boca, ele sentou-se a uma das pequenas mesas e disse-lhe:

—Vem cá, Nettie: senta-te ao pé do velho tio! Deixa-me olhar para ti!... Tens os mesmos olhos castanhos claros de tua mãe!... Estás assustada com o aparecimento do fantasma? Não tenhas medo! Foi uma partida, mais uma entre tan-

paradeiro?... Como soube que ainda existamos e onde vivíamos, uma vez que nos mudámos já há tempo?...

—Nestas terras pequenas há sempre uma pessoa que conhece os seus habitantes — o médico! Foi a ele que telefonei quando cheguei a Nova York. Soube de vocês e mais coisas ainda!... Que vivem com muitas dificuldades, que trabalham bastante e não podem desenvolver o negócio por falta de capital!...

—E «ele» não lhe disse mais nada?

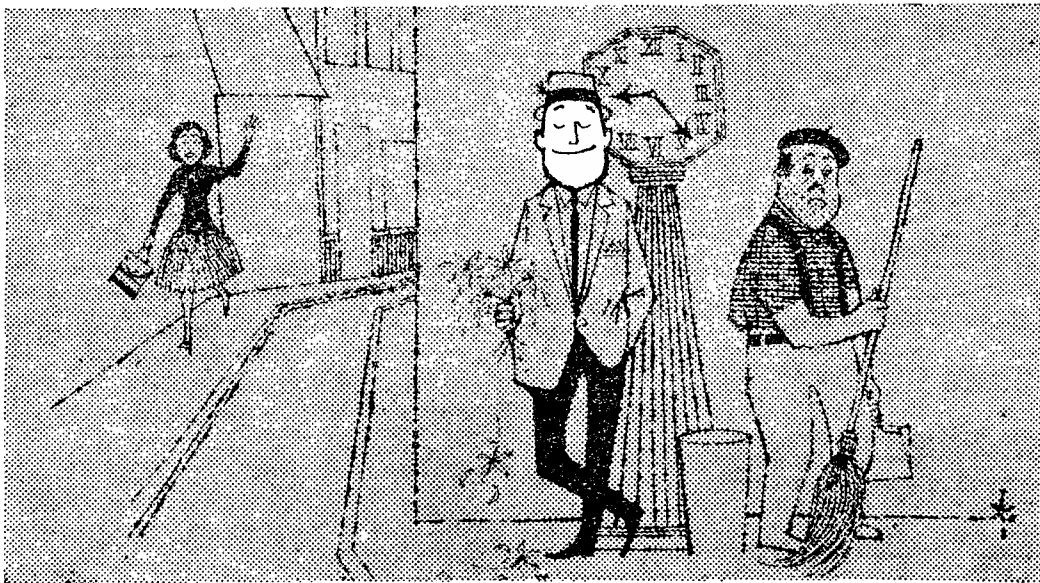
—Disse... mas é segredo!

—Por Deus, tio Tom!...

—Vamos ao que importa!...

Aqui fica este sobrescrito que contém... o teu futuro!...

Ao mesmo tempo, o tio Tom



Conseve-se bem barbeado POR MAIS TEMPO

Nova fórmula de creme para barbear com poder de penetração extra e contendo Extracto de Lanolina, permite-lhe escanhoar sem irritar a pele

Deseja conservar-se barbeado durante 12 a 20 horas? Conseguir-o com as preparações de barbear Williams, (WILLIAMS GLIDER ou WILLIAMS LUXURY SHAVING CREAM) e com o método científico que abaixo indicamos.

O poder de penetração extra da fórmula Williams amacia o bigode tal qual a toalha quente do barbeiro. E o exclusivo Extracto de Lanolina protege a pele com as suas características sedativas 25 vezes mais do que a Lanolina simples.

Uma barba que se mantém de 12 a 20 horas.

- 1.º — Lave a cara com água quente e sabonete.
- 2.º — Espere dois minutos.
- 3.º — Lave novamente a cara e aplique-lhe a sua Williams Shaving Preparation preferida.
- 4.º — Barbeie-se (guarde lábios e queixo para o fim).

Ambos contêm Extracto de Lanolina.



WILLIAMS GLIDER — O creme para barbear que se aplica sem pincel e penetra a fundo na pele. Recomendado para os homens de barba dura e pele sensível.



WILLIAMS LUXURY SHAVING CREAM — O melhor creme para barbear do mundo — mentolado ou normal. Barbeia como um mestre-barbeiro.

colocava em cima da mesa um grande envelope, de cor parda, bem recheado. E, sem dar tempo à jovem para dizer qualquer coisa, levantou-se, beijou-a nas duas faces e despediu-se:

— Adeus, Nettie!... Vou-me embora e levo na alma a recordação dos teus olhos castanhos-claros e do timbre da tua voz que não poderei esquecer!... Agora já podes ter uma bonita casa de chá e fazer inveja aos vizinhos... E casa-te, pequena! Casa-te logo que possas, antes que apareça alguma sombra a perturbar a tua felicidade... Adeus, Nettie!...

No gesto de despedida, os olhos da rapariga fixaram-se numa grande mancha avermelhada, cor de morango, que se ostentava nas costas da mão larga e felpuda do misterioso visitante.

* * *

Sozinha, no meio da sala, atônita, segurando o envelope na mão trêmula, a rapariga interrogava-se sobre a maneira de contar à mãe o estranho caso.

Entretanto, abriu-se a porta que dava para o interior da casa e aquela apareceu, falando-lhe assim: — Não vi com quem estivesse a conversar, nem ouvi o que diziam, mas pareceu-me não me ser estranha essa voz. Esperava que me chamasses, a todo o momento!...

A jovem não podia articular palavra e a mãe prosseguiu, com visível sacrifício:

—Para te falar francamente, ouvi falar em Tom Sharp e não pude sair de onde estava. Todo o passado distante veio até mim e passou-me pela ideia que podia ser algum misticador... Já lá vão vinte e cinco anos! O teu tio morreu e o Jerry, esse, sabe-se lá se ainda será vivo! E' curioso!...

—O quê, minha mãe?

—E' que esse, por muito mudado que estivesse, eu poderia identificá-lo imediatamente pela mancha avermelhada nas costas da mão!...

E, num subito alvoroço, perguntou:

—Não reparaste, por acaso, Nettie?

A rapariga respondeu com firmeza:

—Não, mãe! Tive ocasião de olhar bem para as mãos dele e não vi qualquer mancha!...

—Trata-se, certamente, de uma restituição! Já não é a primeira vez que isso acontece!... Fosse quem fosse, veio descarregar a sua consciência, entregando aquilo que, por direito, nos pertence! Não pensemos mais nisso e abençoemos o misterioso visitante... Anda, Nettie: traz-me uma chávena de chá!

A jovem dirigiu-se para a cozinha, dizendo de si para si: — «Não era um fantasma!... Afinal, não era um fantasma!»

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico

Coruche — Telefone 114

Pratos regionais

Caldelrada à Sorrala

Enchupado de Linguas

Lampréia com arroz à moda

da casa

Filetes à Marisqueira

Lombo de Porco ao Espeto

Frango de Caril à Coruja

Bifes de Vaca na Caçola

Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região

(6 anos)

POLICLINICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-DL.

Telefone 68 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças

Dr. Coelho Fuga — Doenças dos olhos

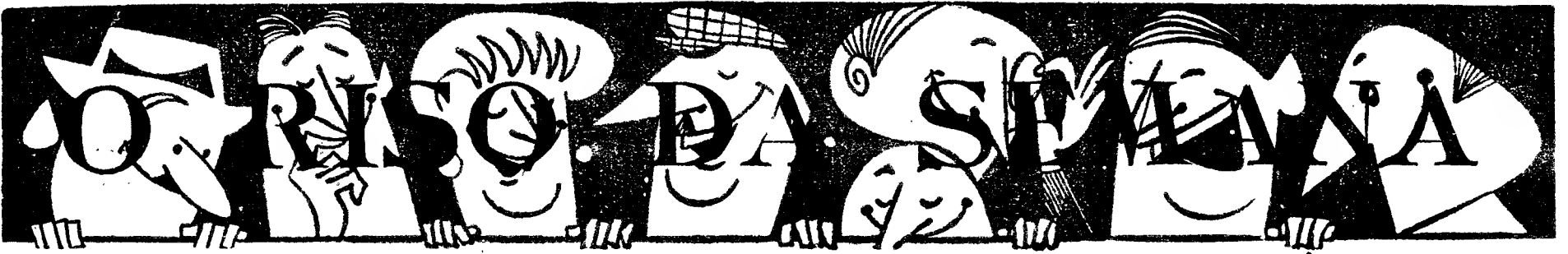
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos

Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.

Dr. Henrique Soudo.

Dr. Coelho Lopes — Ralos X

Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas



O «MAILLOT»

O «maillot» é a maneta mais to de banho de 1900, mas, caso prática de sublinhar a plástica feminina.

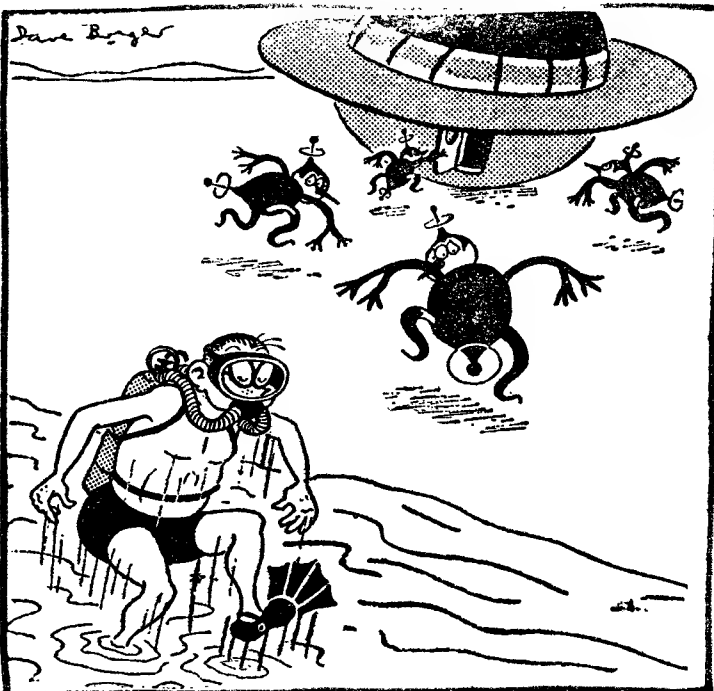
O «maillot» vela o que se quer pôr á vela. O «maillot» é um eufemismo, quer dizer, é a forma mais usual de se dizer que se tapa o que se deseja destapar. É uma espécie de tabuleta, um reclamo, um chamartiz. Perante um «maillot», a Humanidade assemelha-se a uma criança curiosa diante dum brinquedo: quer sempre saber o que tem por dentro.

Toda a gente diz: — vou vestir o «maillot» e só depois dele vestido se verifica que as pessoas ficam despidas.

Há-os de tão resumidas proporções que se chega a pensar que aquilo é apenas um resumo do fa-

ALFREDO FRANÇA

A invasão de Marcianos



Menino exemplar

Aquele menino, segundo a mãe contava, era verdadeiramente exemplar.

— Mas, dizia a senhora, no que ele capricha especialmente é em ser bem educado, obediente, cumpridor. Quer ver? Zéquinha dá um beijo a esta senhora.

— Não quero, fazia o Zéquinha. — Anda lá, meu filho, mostra a estes senhores a tua boa educação. Dá um beijinho a esta senhora.

— É o dás, grunhiu o garoto delatando a língua de fora.

— Deixe-o lá, disse um dos presentes, que ele hoje está mal disposto.

— Não é isso, voltou a mãe, é que ele tem muita personalidade, é um verdadeiro carácter, em dizendo não ninguém o faz voltar com a sua palavra atrás.

Esquisito marido



— Quando deixarás tu, Procópio, de fazer esquisitices dessas?

A demora do autocarro

Aquele passageiro estava muito impaciente porque o autocarro não aparecia. De bocado a bocado consultava o horário afixado no poste da paragem e todo ele se agitava enervado com a demora. Entretanto, foram chegando outros passageiros que também se exasperavam com a falta de transportes para irem almoçar, até que finalmente chegou um carro. Então um deles interpelou o condutor:

— Olça lá, para que é que a companhia estabelece um horário se os carros andam sempre atrasados?

— Ora, respondeu o condutor, se isto não fosse já um hábito que toda a gente conhece, como é que o senhor havia de explicar a sua esposa as suas chegadas a casa fora de horas?

Cliente medroso

Era um grande dentista, especialmente pelo grande carinho que tinha para os seus clientes, evitando sempre alarmá-los. Tudo fazia e dizia suavemente.

A um que era muito medroso dizia ele:

— Isto não tem importancia no senhor. Se fosse num cavalo mandava-se abater imediatamente, mas no seu caso a ciência tem muitos recursos.

O POLO NORTE MUDOU-SE

O dr. Takeshi Nagata, professor da Universidade de Tóquio e chefe da expedição japonesa ao Antártico, afirma que o Polo Norte da Terra se encontrava há 500 milhões de anos no centro actual do Oceano Pacífico.

O professor declarou ter recolhido, durante a sua expedição no Antártico, um certo numero de exemplares de rocha, cuja orientação magnética não deixa qualquer dúvida quanto ao lugar primitivo do Polo Norte: 3 graus de latitude Norte e 12 graus de longitude Oeste.

Se calhar mudou-se por causa da humidade, mas o que causa admiração é a facilidade com que estas coisas se fazem e para tão longe. Cá nós quando queremos mudar-nos temos sempre grandes dificuldades para arranjar casa que convenha e só o transporte dos tatecos é de assustar uma pessoa. Havemos de consultar o sábio japonês...

SOPORIFERO

Há pilulas que fazem as pessoas dormir.

Se for no Polo onde a noite tem seis meses, as pilulas têm de ser do tamanho de bolas de futebol, claro.

Fulminante sentença

A esposa muito enervada quando o marido entrou em casa fora de horas teve esta explosão: — Antontem chegaste a casa ontem; ontem chegaste hoje. E já ficas sabendo: se amanhã chegares depois de amanhã eu vou-me embora para sempre.

Saias curvas ou compridas

Eu também quero votar No comprimento das saias E até me estou a lembrar Que se podia adoptar A moda usada nas praias.

A moda que não tem fato. A moda que nem tem alças E se resume de facto Em guardar certo recato Apenas co'um par de calças.

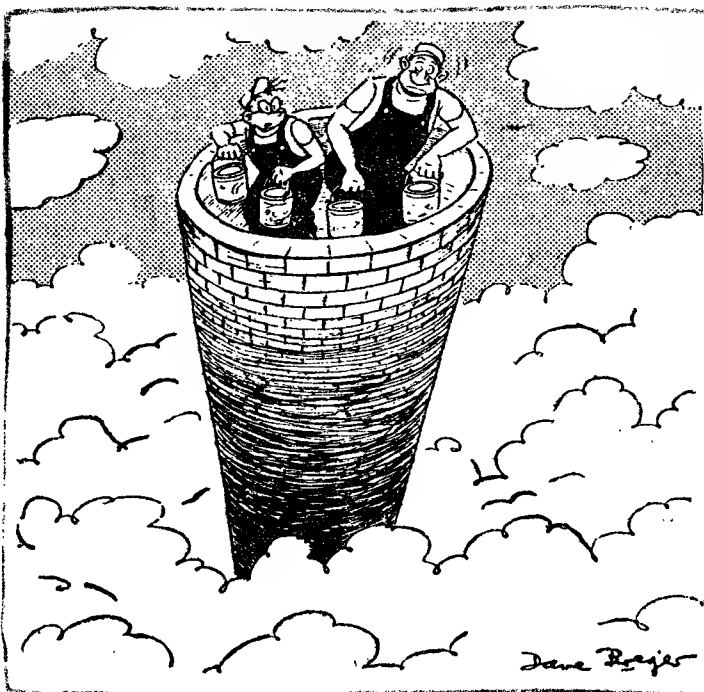
Nada de fatos compridos, Nem canudos, nem «godets» A guarnecer os vestidos: Os corpos todos despidos Da cabeça até os pés.

Isto feito é só esperar O tempo que se imagine Que a pele há-de precisar P'ra da luz do Sol tomar A mais bonita patine.

E e-las vestidas a gosto, Por suas peles tostadas!... E eu então cá no meu posto Já estou sentindo o antegosto Daquelas belas torradas.

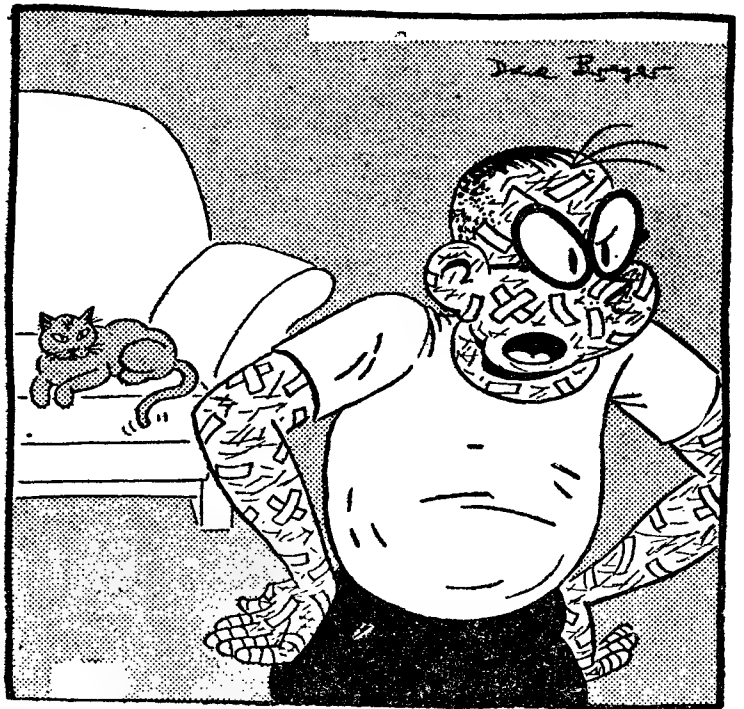
A. F.

TARDE PIASTE



— Mas eu julguei que eras tu que trazias os pinceis...

Animais nossos amigos



— Já começo a estar farto de ter todas as noites de pôr este gato lá fora...

SINCERIDADE

Procópio era o homem mais sincero que havia. Declarava a quem o queria ouvir que não era vaidoso, não tinha aspirações de ser coisa para que não tivesse competência, numa desejara a mulher do próximo, não fora nunca mau chefe de família, não pretendia o que era dos outros, não era malcriado, não era invejoso, não era desonesto, nunca fizera um desfalque nas casas onde estivera empregado.

Mas um amigo um dia perguntou-lhe: — Olha lá, ó Procópio, então tu não tens defeito nenhum?

Procópio não hesitou um segundo: — Tenho e confesso-o porque sou uma pessoa de bem e muito sincera como não há mais ninguém: — Sou muito mentiroso!...

Perguntar por perguntar

Quando um homem pede a mão de uma senhora é porque não se interessa pelo resto?

Quem tem a barriga a dar horas pode desfazer-se do seu relógio?

Que política tem um homem que diz que não tem política?

Quem faz das tripas coração não é multado pela fiscalização da Intendência?

Como é que se pode matar a fome a um faminto sem o matar a ele que está cá por fora?

Quando um sujeito é coberto de insultos pode dispensar o sobretudo?

Quando uma coisa nos custa os olhos da cara com que é que se fica?

Sabe-se lá!

Ele queria falar ao telefone mas o outro não havia maneira de sair da cabina.

— Acabe lá com isso que eu também preciso de falar. Ainda demora muito?

— Oh! meu caro senhor! Eu estou a falar, ou melhor a ouvir a minha mulher, e, quando assim é, só ela sabe quando acaba. Mas há-de ser ainda esta semana.



Textos

Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias

Ilustrações

Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida
para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

O QUE PENSAM OS JOVENS DE OUTROS PAISES

Terminamos, hoje, esta série de depoimentos de jovens franceses. Mas, visto que esta nossa iniciativa suscitou grande interesse entre os nossos jovens amigos, nós vamos prosseguir nela, no próximo, embora em moldes diferentes, como terão ensejo de ver.

A série de depoimentos já publicados integra-se no conjunto de reformas que pensamos fazer no «Juvenil» no sentido de o tornar mais vivo, mais próximo dos jovens, das suas aspirações, problemas e necessidades culturais ou recreativas. O êxito obtido demonstra-nos que seguimos um caminho certo. E ainda mais: as críticas de bastante nível intelectual feitas pelos jovens portugueses aos trabalhos dos seus colegas de França, garantem-nos que as iniciativas culturais encontrarão, entre nós, jovens que galhardamente os saibam sustentar.

aos seus problemas, aos seus sonhos, quase sempre tão dignos de respeito e de seriedade. São raros os que cuidam da

(Continua na ultima página)

Guy Bodin, cujo depoimento vamos a seguir publicar, obteve o primeiro prémio em ciências naturais. Aluno do Liceu Saint-Etienne, preparou-se para o concurso geral durante as férias de Páscoa... e sentia-se inseguro. Vai para veterinária. Adora o campo. Perguntaram-lhe porque...

(Continua na ultima página)



ENCONTREI-ME

por GUIDA HOMEM DE SOUSA (18 anos)

Encontrei-me

No silencio da noite

E olhei-me no espelho da vida,

Vi o luar de uma ilusão perdida,
Imaginei-te lá ao longe

A mergulhar num oceano de amizades falsas,

E encontrei-te escondido,

Encontrei-te só,

Encontrei-te nu de ódio, nu de amor

Desiludido !

Sonhos,

Desejos,

Esperanças

Deixadas no lódo perigoso, Deserto sem vida !

Os sonhos, os belos sonhos

Desvaneceram-se com o despertar

De uma noite sem lua.

Os desejos,

Sucumbiram com a falsidade

Dum mundo decepado.

As esperanças,

Afogaram-se em desenganos,

Gelaram !

Todos os desportos da vida

Chegaram à meta;

Perderam o desejo de atingi-la,

Ganharam uma vitória não desejada,

Venceram a morte,

Perderam a vida !

(Amigo n.º 1598)

CONCURSO

GIGANTES DA HUMANIDADE



STE genial médico inglês nasceu em Folkstone em 1578 e morreu em Lambeth, em 1657. Cirurgião do Colégio Real, médico assistente dos soberanos ingleses Jaime I e Carlos I — a sua grande contribuição para a ciência foi a descoberta da circulação sanguínea. Já antes dele Miguel Servet descrevera a circulação pulmonar; Colombo e Aranzi assinalaram a chegada ao coração do sangue das veias pulmonares e da veia cava inferior. Mas estes dados eram fragmentários e muito incompletos.

O médico inglês completou-os, verificou-os e demonstrou, por forma irrefutável, o mecanismo da grande e da pequena circulação.

Muitos outros trabalhos se lhe ficaram devendo, como a tese de que todo o ser vivo provem de ovo ou semente.

As respostas devem ser enviadas ao Juvenil até á próxima sexta-feira, dia 14 de Agosto, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento e numero de ficheiro dos concorrentes (caso o tenham) e ainda da menção dos três artigos de que mais gostaram esta semana.

Além dos prémios habituais distribuiremos um, especial, para o melhor trabalho sobre este médico inglês.

A lenda dos séculos (2)

Desde a data em que, como vimos no ultimo numero, o poeta decidiu escrever um gigantesco poema — A Lenda dos Séculos — o seu objectivo como escritor deixou de ser o prazer e a ansia de glória. Tinha graves coisas a dizer, que lhe enchiam o coração.

Tendo descoberto o horror da opressão social, Victor Hugo, rompera com os amigos conservadores e aderiu á Republica, precisamente na altura em que este ia desaparecer, em França, em que

Louis Bonaparte, após um golpe de Estado, fundaria o Segundo Império. O poeta a quem, até aí, chamavam «menino bonito» da burguesia, escolhera o caminho mais oposto aos seus interesses, arriscou a liberdade e a vida pela causa da justiça. Uma ideia o preocupava: a sorte dos homens dependia de uma dupla libertação: da tirania e da ignorancia.

No seu poema queria mostrar a

(Continua na ultima página)

O amigo n.º 266 — José Luís de Abreu Cotrim, a quem felicitamos pelas suas excelentes notas no exame do 7.º ano, resolveu, finalmente, pôr de parte o profundo silêncio com que nos mimoseava há vários meses. Esperamos agora, caro Araújo, que não deixará de dedicar um pouco da tua intelligência ao «Juvenil», a fim de que, também com a tua ajuda, ele se transforme no jornal que tu ambicionas.

«Acho interessante — escreve o José Luís Cotrim — e de facto conveniente a remodelação que vão fazer no «Juvenil». Talvez isto provoque um entusiasmo maior e, portanto, um aumento de colaboração da nossa parte. Ao ler o numero de 18 de Julho deparei com aquela poesia «Nada é Eterno», de Dora Campina, que me fez pensar, pela verdade que encerra. Não sei quem seja a moça (e talvez aquilo não passe de poesia), mas expõe de uma maneira real aquilo que ela, eu e tantos da nossa idade sentem; o que me parece é que ela faz desse estado, que normalmente deve ser transitório, um estado fixo, quase sentindo nisso um «prazer». Não sei porque, se também por eu muitas vezes sentir o mesmo, se por qualquer outra razão, veio-me o desejo, não sei se realizável, de trocar alguma correspondência com Dora Campina. Se acaso fosse possível, agradecia-lhe me proporcionasse essa correspondência».

O teu pedido aqui fica. A nossa Amiga fará o favor de responder. Publicámos a tua opinião sobre aquela poesia, pois nesta Conversa da Semana não queremos registar apenas o que pensam e desejam os nossos leitores do «Juvenil», mas também as suas críticas e impressões acerca dos trabalhos aqui publicados por outros jovens.

Sobre a tua poesia: Brevemente nos referiremos a ela.

O Amigo n.º 1.676 — Duarte Nuno de Figueiredo (20 anos), escreve-nos pela primeira vez e muito nos agrada transcrever estas suas palavras:

«E' com grande prazer que me dirijo a V. Ex.ª e só lamento não o ter feito há mais tempo, pois sou de longa data um assíduo leitor do «pequeno grande Juvenil». E chamo-lhe assim, «pequeno grande» porque, sendo o semanário juvenil com menos «espaço vital», é o unico «maior» pelo caminho sincero e real que escolheu, o mais difficil de achar, o mais espinhoso de caminhar, mas sem duvida o mais belo, o melhor.

Só lamento não ser mais novo para que o «pequeno grande Juvenil» me «pertencesse» inteiramente. Tenho 20. Resta-me alcançar o limite de idade estabelecido e depois continuar a ser um dedicado amigo do «Juvenil».

Hoje em dia todos vivem demasiado ocupados consigo próprios. «Egoismo epidémico». Isso os impede de olhar para a juventude, não a julgando, não a ouvindo, sem atenderem

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

Não se se já viram um canguru. É, na verdade, um animal de aspecto bastante humano, tanto mais que se trata de um animal praticamente bípede.

Nas regiões onde vive, em toda a Austrália central, povoada as grandes planícies ásperas de calhaus rochosos, ou as altitudes pedregosas por entre penhascos e pinheiros, nas gargantas estreitas, nas margens arenosas de certos rios, nas cavernas abrigadas das chuvas, o canguru mantém-se fazendo parte da vida da população, entra no seu folclore e nas suas lendas, nos mitos e ritos ainda primitivos. O canguru não usufrui de culto especial algum; mas é um animal muito apreciado: carne saborosa, quente pelo, uns dentes magníficos para fazer colares (as mulheres australianas são coquetas como as de todo o Mundo). Razões sobejas para ocupar um lugar de proeminência na vida das populações australianas.

UM DESPORTISTA CONSUMADO (1)

ações australianas, tornou-se tão popular como para nós o cão e o gato, vive nos emblemas australianos, como o corvo nas armas da nossa cidade...

Há cerca de 50 espécies de cangurus, animais mamíferos bastante menos evoluídos que qualquer outro. As fêmeas caracterizam-se pela bolsa marsupial, bastante famosa para que seja necessário falar dela. Têm uma só dentição e uns descomunais membros inferiores que lhe permitem a posição quase humana. Vivendo em regiões que diferem muito umas das outras, o canguru tornou-se um verdadeiro desportista: patina, faz alpinismo, cava o solo, sabe planar e, saltar, nem se fala. Em saltos em altura vence o maior campeão mundial. E, também pela variedade de locais onde é forçado a viver, assim o seu tipo de alimentação tam-



dem varia: é carnívoro, ou herbívoro, insectívoro, ou omnívoro, conforme o que lhe aparece pela frente.

Segundo os sábios, esta espécie animal foi, em tempos recuados, apenas arborícola, mas com o rodar dos tempos, o aparecimento de novas necessidades, mudou de hábitos, como todo aquele que é prudente. Desceram das árvores e puseram-se a calcuarrar as planícies, tal como o homem quando se deu ao pastoreio. Claro que nestas planícies imensas, os obstáculos eram inúmeros: o canguru aprendeu a saltar os riachos; a água ficava longe — não importa — o canguru ganhou uma resistência nos membros que lhe permitia descer as montanhas, quilómetros e quilómetros mais além...

As pernas, então, acompanhando este esforço de animal para sobreviver a condições ambientes sempre em mutação, tornaram-se longas e musculosas; a cauda cresceu e engrossou, de forma a equilibrar o peso do corpo, no salto, ou suportar grande parte do corpo quando está parado, de pé — posição que se tornou característica nesta família. Atinge, por vezes, o comprimento de 1 metro e meio, tem uma base larga, embaraça a marcha, mas permite saltos de 7 e 8 metros de altura.

O canguru é também um nadador exímio, um corredor como poucos — 50 quilómetros à hora! — e lutadores de primeira ordem.

É, por natureza, pacífico, mas, ameaçado, não recua em medirse com o homem, um feroz cão de caça a quem estirpa com as unhas fortes como as garras de uma águia, ou que mergulha na água, até que se afogue.

Quando um bando de cangurus se vê ameaçado, logo os machos protegem a retirada das fêmeas, excessivamente velozes na carreira e rápidas no salto. Muitas vezes acontece que os filhos, nesta carreira desabrida, são lançados fora das bolsas marsupiais, o que tem criado a lenda de que as mães o fazem deliberadamente, como os navios e temporal: alijam lastro. Contudo, os naturalistas concluíram: já se sabe que esta lenda que deixa pelas ruas da amargura, o amor maternal das cangurus... Pela fadiga da corrida, os músculos da bolsa enfraquecem e deixam cair a preciosa carga; e esta, apanhada assim sem defesa, fica num estado de imobilidade completa, que lhe permite... esperar... que o destino lhe traga a mãe novamente.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

BOAS COMPANHIAS...

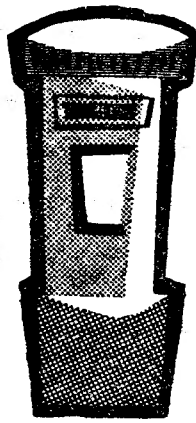
«Mais vale bem acompanhado do que só». O livro é a melhor companhia que se pode conquistar.

Pois bem, amigos: agora que as férias começam e há muito tempo livre à vossa frente, não vos esqueceis de escolher bons livros — obras de grandes autores, obras de cultura, belos romances.

Quando fizerdes (e fá-lo-eis agora) essa escolha, aconselhamo-vos as colecções de Livros do Brasil:

COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL
COLECÇÃO DE LIVROS DO BRASIL

DIÁRIO DE BORDO



Atenção, concorrentes!... Continuam a chegar atrasadas algumas respostas aos nossos concursos. Por favor, não esperem para os últimos dias, contem com as demoras dos correios. Estão neste caso, os amigos: 1.652, 848, 1, 7, 1.539, 1.472, alguns deles com bons trabalhos sobre Rubens.

Amigo n.º 1.344 — Maria Amélia Vitor (Lisboa): Recebemos a tua simpática carta. Como sempre, ficamos encantados com a tua sinceridade. Vamos pensar no teu caso, quem sabe, talvez seja fácil de resolver.

Amigo n.º 1.494 — António De- gois Ferreira (Lisboa): O teu amigo não levou o prémio por não saber a que jornal se referia. Contudo, não há que desanimar, pois desde que já te identificaste, qualquer pessoa pode levantar o livro.

Amigo n.º 705 — António Dias Ferreira (Lisboa): Fica registado o engano. E obrigado.

Amigo n.º 451 — Luís Manuel Antunes da Silva (Lisboa): Não leste o intercâmbio juvenil do último número? Lê os últimos números do suplemento, talvez encontres o que te convém. E boas férias.

Amigo n.º 1.196 — Fernanda Elisabeth (Lisboa): Aqui tens o teu número.

A todos os amigos que nos têm enviado os resultados dos seus exames, as nossas melhores felicitações. Está claro, aos felizardos. Aos outros, a nossa pena, desejando que o próximo ano seja ano de trabalho bem recompensado. Mas para isto, há que pensar se a culpa é dos professores ou, talvez, de um pouco de desleixo no cumprimento de um estudo que, sempre, deve ser consciencioso, levado a efeito pelo ano fora, aproveitando o tempo sem fatigar o cérebro inutilmente, na proximidade dos exames.

TROTE

Colaboração dos leitores

Alguns amigos queixam-se do tamanho que temos imposto para os originais enviados pelos nossos jovens leitores. Estudado o assunto, resolvemos aceitar colaboração de qualquer, especialmente para

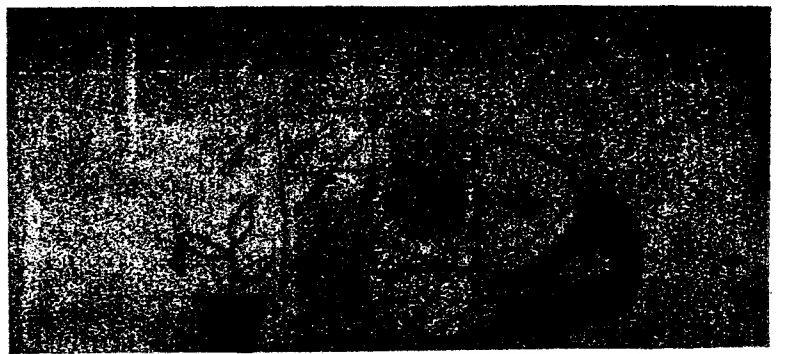
CONTOS
NOVELAS
ENSAIOS

Caso os trabalhos não possam ser publicados num só número, serão em dois ou mais. Que o único obstáculo à publicação do trabalho dos nossos jovens amigos seja apenas o mérito, eis o que pretendemos.

Muita atenção

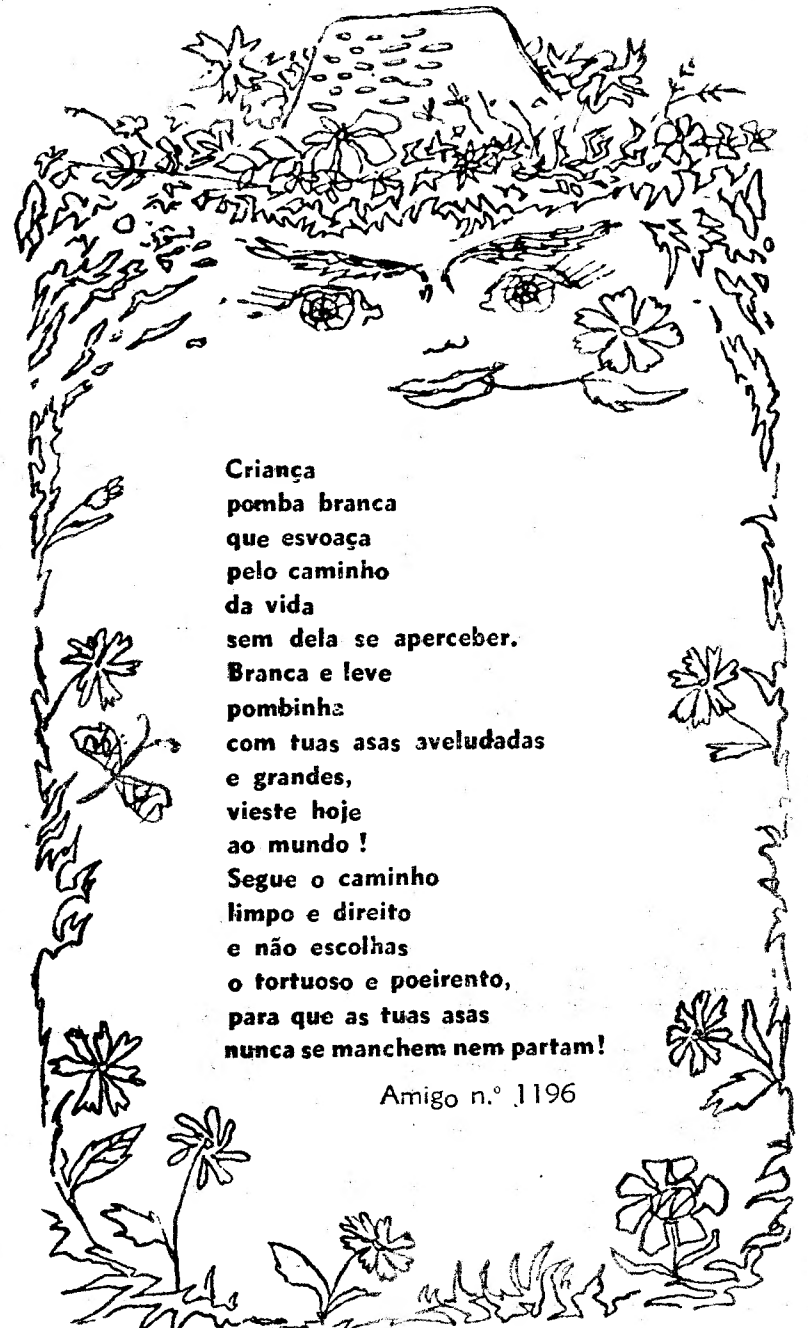
Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saiam prémios nos concursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados à Avenida de Roma, 78, 2.º, Esq.º.

Os Amigos da província continuarão a receber os seus prémios pelo correio.



CRIANÇA

Por FERNANDA ELISABET



Criança
pomba branca
que esvoaça
pelo caminho
da vida
sem dela se aperceber.
Branca e leve
pombinha
com tuas asas aveludadas
e grandes,
vieste hoje
ao mundo!
Segue o caminho
limpo e direito
e não escolhas
o tortuoso e poeirento,
para que as tuas asas
nunca se manchem nem partam!

Amigo n.º 1.196



Na altura em que os exames estão a acabar e começam as férias, recomendamos aos nossos amigos os últimos livros publicados pela PORTUGALIA EDITORA:

COLECCÃO JUVENIL

O RAPTO — por R. L. Stevenson (3.ª edição)

BIBLIOTECA DOS RAPAZES

HISTÓRIA DUM MARINHEIRO — por Marryat (2.ª edição)
SCARAMOUCHE — por Rafael Sabatini

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS

MARGARIDA DESFOLHADA — por Berthe Bernage (2.ª edição)
OITO PRIMOS — por Luísa Alcott (2.ª edição)

FORA DE COLECCÃO

O COLEGIO DA AMEIXOEIRA por Maria Paula de Azevedo (2.ª edição)

Os Cavaleiros da Távola Redonda



grande assembleia dos camponeses realizada naquela noite ficou decidido o envio de uma expedição de cem homens da aldeia, bem munidos de bestas. O comandante seria entregue a Lançarote, passando para as mãos do jovem Tobias Knolett, caso o célebre cavaleiro morresse. O pequeno exército postar-se-ia nas pro-

poneses bem sabiam que se jogava a sua vida e a de todos da aldeia. E os que ficavam também não desconfiavam que sorte os esperaria se os camponeses fossem vencidos. Mas não se via uma lágrima; todos faziam o impossível para oferecer aos que partiam um sorriso de confiança. Com este sorriso na ideia se foram os combatentes pelos caminhos e atalhos que iam dar à Floresta dos Corvos. Era tardinha quando lá chegaram. Não podiam escolher altura mais propícia: Turquino gostava de sair para os seus roubos à hora do pôr do Sol.

rassem no maior silêncio. Dentro em pouco distinguiram um ruído de cascos de cavalos em passo lento; os atalaias, encarrapitados nas mais altas árvores, reconheceram Turquino seguido de uma dúzia de cavaleiros e de uns cinquenta peões. Lançarote e os camponeses, firmes nos seus postos, prepararam-se para pôr em prática o seu plano. Coisa extraordinária, de facto: apenas os inimigos surgiram numa pequena clareira, logo se viram rodeados por um cento de inimigos decididos. Os que pretenderam defender-se caíram logo trespassados por virotões certos. Então Lançarote surgiu no seu cavaleiro por detrás das ramarias e gritou para Turquino: — Aqui me tens! Como fugiste, vim procurar-te. E erguendo o braço acertou-lhe com o guante de ferro em pleno rosto. Turquino ainda olhou para os camponeses; mas estes pareciam grudados ao chão, pois ao menor movimento sabiam que os esperava a morte.

dados te socorrerão. A lei da cavalaria, que tu nunca respeitaste, manda que os homens se batam lealmente um contra um, corpo contra corpo. Vendo que nada o podia salvar, Turquino esporeou brutalmente a montada e arremessou-se contra o adversário, tentando apanhá-lo de surpresa. Mas esquecia que Lançarote era um guerreiro sem par. Durante minutos assistiu-se a uma estranha dança; Turquino investindo raivosamente contra Lançarote que se esquivava. O intento do cavaleiro da Távola Redonda era cansar o inimigo. Quando surgiram os primeiros sinais de fadiga, Lançarote acertou um tremendo golpe no adversário e fê-lo tombor do cavalo. Logo desmontou também e os dois inimigos enfrentaram-se de espada e machado. Os golpes que despediam eram terríveis; pareciam levar a morte consigo. Mas os assistentes bem perceberam que ali só podia haver um vencedor: aquele homem calmo que aparava todos os golpes com a maior serenidade e os devol-

PRIMAVERA

Escuta minha alma...
Escuta esses passos serenos
Caminhando para ti.
Para de chorar,
Que assim não sentes
A Primavera a chegar
Não ouves as andorinhas
Cantando
Junto de ti?
No alto há o Sol brilhando.
Não vês?
A Primavera empurrou a chuva [para longe,
E todos os homens sorriram.
Porque choras, minha alma?
Porque não exprimes, antes, can- [tando
Toda a dor que vive em ti?

Aqui me tens! como fugiste, vim procurar-te

ximidades do castelo de Turquino Mão de Ferro, no sítio a que chamavam a Floresta dos Corvos. Nas suas digressões em cata de morticínios e de roubos — Turquino passava sempre ali, acompanhado dos seus homens. Era um local excelente para uma emboscada.

Quanto à tática a seguir, achou-se preferível cair de improviso sobre o adversário, cercá-lo e constrangê-lo a render-se, com as seguintes condições: Lançarote do Lago e Turquino Mão de Ferro mediram-se num duelo sem tréguas; o vencedor disporia dos bens e soldados do adversário.

Os camponeses tinham aceiteado esta proposta de Lançarote, confiantes em que ele saberia conquistar-lhes a vitória.

Obtida esta, dirigiram-se sem demora para o castelo de Turquino, levando os prisioneiros e o corpo do odiado fidalgo. Exigiriam a rendição do castelo, libertariam toda a gente que jazesse nas suas masmorras, entregá-lo-iam ao governo de Lançarote. Por fim tratariam de constituir um tribunal popular que julgasse e condenasse todos os soldados de Turquino acusados de crimes.

No outro dia de madrugada a coluna expedicionária partiu no meio do mais profundo silêncio. Os cam-

Lançarote dispôs os camponeses segundo a tática que lhe parecia mais apropriada e pediu que espe-

— Porque esperas, Turquino? — desafiou o cavaleiro. — Não julgues que podes fugir ou que os teus sol-

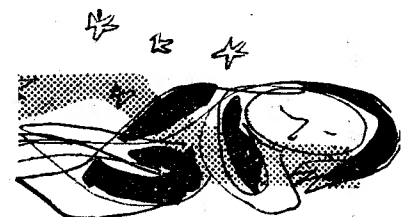
via ao adversário com redobrado fôlego. A espada de Lançarote feriu lume no almo de Turquino e entrou-se no metal; o odiado guerreiro ajoelhou, quis defender-se por instinto: chegara, porém a hora do seu castigo e tombou pesadamente para o lado.

Um brado ecoou pela floresta. Os pobres camponeses viam finalmente o termo aos sofrimentos. Jazia ali, à frente dos seus olhos, morto e inofensivo, o inimigo implacável de tantos anos.

De repente ouviu-se a voz de Tobias Knolett:

— Amigos! Nossos tormentos só acabarão quando o último guerreiro de Turquino for manietado. Prendamos, por ora, estes e sigamos avante.

Num abrir e fechar de olhos os adversários ficaram de mãos atadas atrás das costas. Então os camponeses, acompanhados por Lançarote e a moça Rosamunha, dirigiram-se alegremente para o castelo de Turquino, à vista do qual acamparam, para passar a noite.



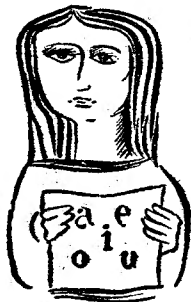
Noite

Lá fora há a noite.
Cá dentro estou eu
Só.
Pensando...
Como é bela a noite.
A noite escura.
Único grande momento,
Em que posso estar
Silenciosa e isolada
E como me sinto bem a pensar,
Sem ver nada
No exterior.
Como é belo fechar os olhos
E baixá-los sobre a alma!
Sinto-me tão feliz cá dentro,
Só.
Enquanto lá fora reina a noite!

MARIA DE LOURDES TERESA MARTINS (Amigo n.º 854)

(Continua)

QUAL É COISA QUAL É ELA?



Mais uma adivinha muito popular que tirámos do livro «Qual é coisa, qual é ela?», da autoria de Fernando Castro Pires de Lima:

O que é, que é que se põe na mesa, é cortado e nunca se come

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 7 de Agosto, sexta-feira, acompanhadas da menção dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana e do nome completo, morada, data de nascimento, número de ficheiro dos concorrentes (caso o tenham).

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO JUVENIL N.º 116: 1. — Qual é coisa, qual é ela? — BOTÃO; 2. — Gigantes da Humanidade: TCHECOV.

VENCEDORES

1. — Amigo n.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).

2. — Amigo 81 — Maria Luisa Chaves Dias (Lisboa).
3. — Amigo 559 — João Fernando Pimenta (Queluz).
4. — Amigo 451 — Luís Manuel Antunes da Silva (Lisboa).
5. — Amigo 46 — Mário Manuel dos Santos Brandão (Lisboa).
6. — Amigo 705 — António Dias Ferreira (Lisboa).
7. — Amigo 859 — Maria de Lourdes Santos Martinho (Algés).
8. — Amigo 1679 — Armando Magalhães Taborda (?).
9. — Amigo 169 — Maria Julieta Costa Guimarães (Lisboa).
10. — Amigo 1273 — António Valério Ramires (Olhão).

PREMIOS

1. — «OS MELHORES CONTOS PORTUGUESES», da Portugal Editora.
2. — «OS MELHORES CONTOS FRANCESES», da Portugal Editora.
- 3 e 4. — «OS MELHORES CONTOS INDIANOS», da Portugal Editora.
5. — «A FLECHA NEGRA», da Portugal Editora.
6. — «A ILHA DE CORAL», da Portugal Editora.
7. — «AS GRANDES VIAGENS PORTUGUESAS», da Portugal Editora.
8. — «CARTAS DE MANUEL DE LARANJEIRA», da Portugal Editora.
9. — «UMA NEGRINHA A PROCURA DE DEUS», de Livros do Brasil.
10. — «AO COMEÇO DO DIA», colecção miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

PREMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE TCHECOV:

11. — Amigo 1651 — Vitor Manuel Ramalho Alves (Lisboa).
12. — «VIDA QUOTIDIANA DO TEMPO DE JOANA D'ARC», dos Livros do Brasil, Ld.ª.
13. — «UMA NEGRINHA A PROCURA DE DEUS», da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

Os jovens não desenhavam?

Excepto o caso do jovem Louro Artur, aluno da Escola António Arroio, que nos mandou dois desenhos a tinta da China (e de bastante valor, deve dizer-se) — os nossos amigos desenhadores não nos enviaram trabalhos seus.

Chamamos a atenção do Louro Artur para que incite os colegas a mandarem produções suas para o «Juvenil». Queremos publicar desenhos de jovens.

AMIGO N.º 1436 ARMANDO PEREIRA DA SILVA

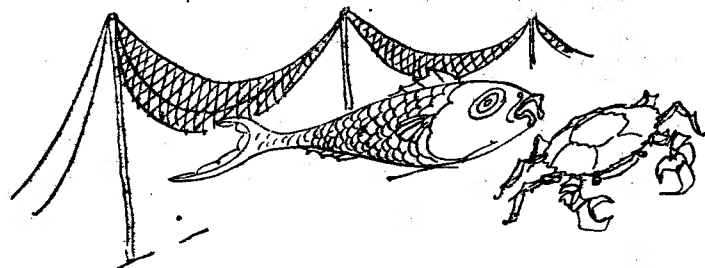
Concluindo a resposta que demos á tua colaboração na «Conversa da semana», do numero anterior, passa para este o trecho seguinte que não publicámos por falta de espaço:

Quanto á secção juvenil do «Litoral», que diriges, sugiro-te que abras as suas colunas aos teus amigos do «Juvenil». Seria uma bela ideia.

Nós gostaríamos que nos envias- ses a tua página.

Não sabemos, na realidade, a morada da Nicole Polni, mas penso que conseguirás o que desejas se te dirigires ao seguinte endereço:

M. Jean-Louis Curtis
c/ ARTS
140, Faubourg Saint-Honoré
PARIS



A O M A R

Por MARIA LEONORA BRANCO (14 anos)

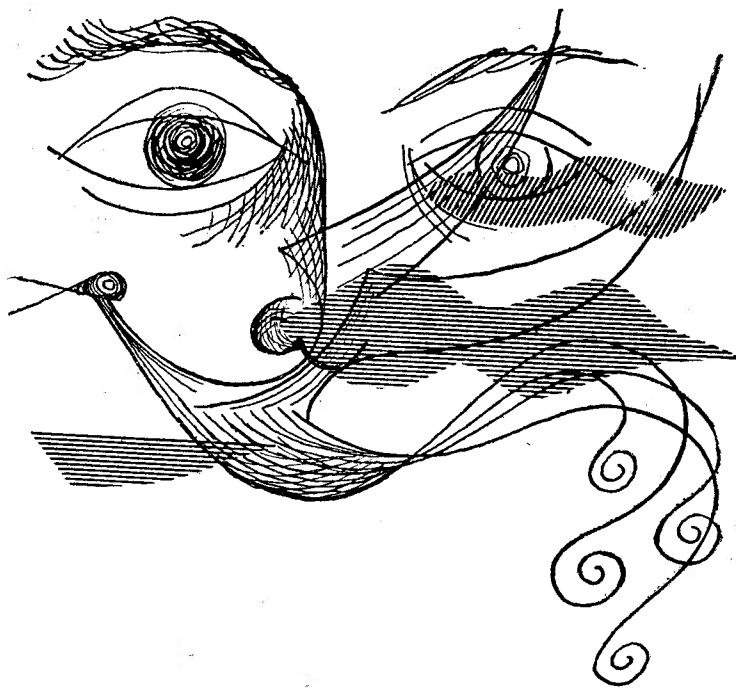
O mar que és tão grande
e não tens fundo
para que arrastar contigo os corpos
de todo o mundo?
Para quê?

Que gosto tens nisso?...
Pois não tens pena
das pobres criaturas que ficam olhando-te
eternamente
na esperança de os ver voltar?

Não tens pena?
Oh! Decerto, eu já ouvi dizer que tens coração
e quando não estás zangado
sim, quando não estás, então, acalmas
e de mansinho
beijas o barco, o navio, a jangada
e quantos lá dentro vão...

Amiga n.º 1657 (14 anos)

TEMOS O DILETO DE FAZER DA LITERATURA UM DILETANTISMO



O QUE PENSAM OS JOVENS DE OUTROS PAISES

(Continuação da 1.ª página)

O MEU SONHO É VIVER NO CAMPO — diz Guy Bodin

S EIS horas da manhã! Um silêncio anónimo solta, como pérolas, sobre os telhados de telhas encarniçadas e sobre as ruas entorpecidas pelo frescor nocturno, seus sons claros. Pelas sei horas do princípio de Junho o sol chega ao horizonte e os seus raios oblíquos, frios ainda, vêm despertar a cidade que parece acocorar-se no fundo da sua concha, bem escondida por um manto espesso de fumo negro e pesado. Eis o aspecto de Saint-Etienne, eis o aspecto triste e sombrio das cidades pela manhãzinha.

Pelas sete horas ressoam por todo o lado as sirenes das fábricas. Ao meio-dia, que horror — uma vaga humana. Pobres homens, sim, pobres operários, pobres mineiros, engenheiros... pobres homens. Que fazeis aqui, encadeados num ritmo de vida doentio, ruidoso?

A cidade, as suas viaturas, as suas fábricas, os seus escritórios — nada disto pode corresponder á verdadeira natureza do homem. Animal por nascimento, é Homem e conserva a nostalgia do seu berço: a natureza. Sim, está aí a verdadeira vida do homem, a natureza! O campo! E quão encantador é o seu espectáculo — espectáculo de que não se viu o começo, de que não se verá o fim, espectáculo móvel, cheio de uma vida que reanima o coração, o espírito.

E' no campo que sonho passar meus dias a aliviar a miséria surda, sem eco nas cidades, demasiado real, dos animais. A vida no campo é um tónico, uma compensação para a vida turbulenta, é para mim uma energia para o meu trabalho profissional e para o meu trabalho em geral.

Eis porque quero viver no campo: é belo, é doce, é acolhedor, é repousante e estimulante — e eu amo-o, amo tudo o que o constitui pela sua pureza, a sua eternidade, a sua liberdade, a sua paz e é junto dele que passarei uma vida demasiado curta para lhe apreciar todas as excelências, as riquezas, os esplendores.

O professor e escritor Jean-Louis Bory comenta da seguinte maneira o depoimento de Guy Bodin:

ADITO BELAMEN-TE TRANQUILIZA-DOR»

EM escrito — na medida em que ensinaram ao Guy Bodin a confundir correcção gramatical com estilo. Tudo isto (o sino que solta pérolas, o manto de fumo) é belamente tranquilizador, Guy Bodin evita com todo o cuidado — cuidado que acaba de encontrar e encontrará, estejamos certos, a sua recompensa — de inquietar os professores. Em seu nome, agradeço.

Agora que mostrou ter lido muito e muito bem decorado as prescrições do programa, era altura de Guy Bodin mandar valsar vigorosamente na poeira definitiva das antologias as imagens demasiado lambidas. Talvez, porém, me enganasse: Já teria lido Butor, este jovem? Classificação: 4 valores.

Como de costume, a melhor crítica feita pelos nossos jovens leitores ao depoimento de Bodin e ás observações do professor receberá, como prémio, dois bons livros. O tema tem interesse. Será a visão de Bodin sobre o campo uma visão objectiva? O seu campo «ideal» não será o campo «ideal» de Julio Dini. E a cidade? Será tão dramática como nos pinta? A atitude de Bodin não será uma atitude passadista? E porque vai ele para o campo tratar da «miséria surda» dos animais, quando, na cidade, segundo diz, vive uma «pobre» humanidade? Que representa tudo isto?

GRANDEZA

por ANTÓNIO CARVALHO BRANCO

SONHOS QUE VISLUMBREI...
SONHOS DE AMOR QUE SENTI...
GLÓRIAS QUE SONHEI...
— COISAS QUE NÃO VI.

ABRAÇOS SONHADOS
NA NOITE DORMENTE...
TRONOS
EM QUE A ALMA SENTE

SONHOS QUE NÃO FIXEI...
PASSARAM.
E MESMO ASSIM NÃO CHOREI.

AMIGO N.º 505 (16 anos)

A lenda dos séculos

(Continuação da 1.ª página)

humanidade nas suas diferentes idades:

...«L'édifice
Du bien, du mal, des fleurs, du de-
[nil, du sacrifice]»
e descrever

«L'homme montant des ténèbres
à l'idéal, l'écllosion lente et suprême
de la liberté.»

Assim nasceram estes poemas que gerações de estudantes rapidamente decorariam: *La Conscience, Booz endormi, Le Mariage de Roland, Aymerillot* — e tantos outros em que se exprime o mesmo amor pelo homem, as mesmas aspirações de justiça e de felicidade.

Victor Hugo pensava baptizar o livro com o título «Les Petites Epopees», mas em 3 de Abril de 1859 escrevia ao editor, Htzel:

«L'idée a porté ses fruits dans mon cerveau. J'ai dépassé les Petites Epopees. C'était l'oeuf. La chose est maintenant plus grande que cela. J'écrirai tout simplement l'Humanité, fresque à fresque, fragment à fragment, époque à époque. Je change donc le titre de

mon livre, le voici: *La Légende des Siècles.*»

Composta em Maio de 1859, *La Rose de l'Infante* foi o ultimo poema da primeira série do livro, publicada quatro meses mais tarde. Na primeira página Victor Hugo escrevia:

*Livre, qu'un vent t'emporte
En France où je suis né
L'arbre déraciné
Donne sa feuille morte.*

Rapidamente o publico se apoderou da obra e a decorou entusiasmamente. Desta forma nascera a «Lenda dos Séculos» que tanta influência exerceria nos poetas de todo o Mundo. (Em Portugal, Guerra Junqueiro e Gomes Leal, por exemplo).

Conforme prometeramos no nosso numero anterior passamos a transcrever a segunda poesia de Victor Hugo. O melhor tradutor de ambas receberá, como prémio, a obra de André Maurois «A Vida de Victor Hugo», amavelmente oferecida pelos editores Livros do Brasil, Lda.

La Terre

«Son but c'est la naissance et ce n'est pas la mort!
C'est la bouche qui parle et non la dent qui mord!
Quand la guerre infame se tue,
C'est dans l'homme un vil objet de sang baigné,
Farouche, elle détourne un regard indigné
De cette triste encre.»

Maurice, elle demande aux hommes: à quoi sert
Le ravage? Quel fruit produira le désert?
Pourquoi fuir la plaine verte?
Elle ne trouve pas utiles les méchants
Et l'homme, la beauté virginale des champs,
Déshonorée en pure perte...»

A meu ver, o jovem Jean-Michel Gardair teima num erro crasso. Ele erra, não neste ou naquele pormenor, mas na ideia base de que, afinal, o seu pequeno trabalho é o desenvolvimento e a explicação. E erra, também, o professor Jean-Louis Courtis, quando, em vez de focar este problema, opta por um elogio e pega em dois pequenos erros estilísticos. Estão enganados aqueles que pensam contentar (e conter...) os jovens com louvaminhas. O que os jovens querem é discutir com os adultos, de igual para igual, todo e qualquer problema. E estes não facilitam essas pequenas conversas interessantes; pelo contrário, fecham-lhes as portas, erguem-lhes muralhas.

Lamento que o mestre Courtis não tenha compreendido isto. Se não concorda com o jovem francês deveria tê-lo dito, e se partilha da sua opinião, nesse caso a crítica que vou fazer a Jean-Michel Gardair também o atinge.

Esse moço concebe a arte como um simples e puro prazer, um manancial de emoções estéticas. Desta maneira, a arte isola-se, fecha-se sobre si própria, é ao mesmo tempo princípio, meio e fim. E' esta a ideia de Gardair quando, a certa altura, explica a necessidade de criar: «Não com o desígnio de levantar qualquer facho ou mensagem, mas porque sentimos que existem em nós virtudes essenciais e nos supomos ricos por sermos o fruto da nossa singularidade».

E adiante, defendendo «as belas frases», insiste: «Os pensamentos são para os ensaios ou para os manuais de filosofia».

Foi ainda com o mesmo espírito que um poeta, teórico da «arte pela arte», pôde escrever estes versos:

Não nascemos para as agitações da vida,
nem para o lucro, nem para o combate,
mas para a inspiração,
para os doces sons e orações.

O jovem francês que tão bem soube citar uma frase de Albert Camus, esqueceu-se, por certo, de assimilar algumas outras do mesmo escritor: «A arte não é aos meus olhos um regozijo solitário. É um meio de comover um maior numero de homens, oferecendo-lhes uma imagem privilegiada dos sofrimentos e das alegrias comuns. A arte é, em certo sentido, uma revolta contra o Mundo no que ele tem de fugaz e inacabado».

Camus, é, com efeito, um crítico resoluto dessa «arte pela arte», que intitula de «luzo mentiroso».

A arte desempenha um papel tão importante no Mundo e na orientação da Humanidade que não pode ficar indiferente ante os problemas da vida actual. Não invertamos os papeis, como alguns pretendem, a ponto de considerarmos a própria vida uma serva da arte.

Lembremo-nos sempre desta frase de André Gide: «Aquele que fica hoje contemplativo faz prova de uma filosofia inumana ou de uma cegueira monstruosa».

A Humanidade é um gigantesco processo, ainda não está feita, faz-se, ainda não é, torna-se.

Todos nós somos responsáveis pelo futuro da Humanidade. E em vez de nos deliciarmos com figuras de estilo, a nossa obrigação é transformar o Mundo no sentido da perfeição.

Porque há muito mais beleza na constante acção progressiva da Humanidade e na dignificação do Homem do que nas tais «belas frases». E' preciso que a profissão de Nietzsche venha a cumprir-se: «Sim, homem sublime: um dia serás belo e apresentarás ao espelho a tua própria beleza».

E a Literatura e a arte com mais influência na marcha da História. Uma obra como a «Comédia» de Dante pode bem ser o facto decisivo de um processo que permita iniciar uma nova época histórica. Elogiando a Literatura, Thomas Mann considera a palavra como «o resplandecente arado do progresso». E diz mais: «a bela palavra gera a bela acção».

Este problema do pragmatismo e do diletantismo em Arte tem talvez origem na idiossincrasia de cada indivíduo. E' que, na verdade, há duas espécies de temperamento literário. O verdadeiro escritor vê na palavra um símbolo, um instrumento útil que revela uma ideia mais ou menos rica; e para o dilacerante a palavra é objecto natural, com vida e movimento, um misto de árvore e de riacho.

Volto a dizer ao Jean-Michel: o belo estilo não deve, de modo algum, ser desprezado; mas, por outro lado, não temos o mínimo direito de assassinar a Literatura transformando-a num jogo ocioso e inútil.

Amigo n.º 338

O comentário que este notável artigo merece fica para a semana. Não conseguimos arranjar neste numero o espaço necessário para a ele me referir convenientemente.

Desde já, no entanto, desejamos felicitar o José Carlos pelo seu trabalho, cujo principal senão reside na citação demasiada das «autoridades». Na realidade, amigo, eu bem sei que és um jovem estudioso (não apenas no sentido escolar do termo), que lês muito; mas tudo aquilo que dissesse ficaria na mesma de pé se lhe tirasses as muletas do Camus e do Mann e outros. O que mais me impressionou na tua crítica foi a noção já bastante clara que possas do papel da literatura na vida do Homem. Essa noção está já «digerida» e «podes enriquecê-la. Deves, aliás, enriquecê-la».

Mas quanto ás citações, elas devem surgir como prova reforçada de qualquer juízo a que chegámos e que dela necessita para se evidenciar melhor; admite-se também a citação quando a ideia que apresentamos foi tirada de qualquer autor; e então manda a probidade intelectual que demos a César o que é de César; mas como puros floreios literários ou como exposição erudita — devemos bani-la.

Não necessitas de tantas muletas, amigo.

A conversa da semana

(Continuação da 1.ª página)

semente, por isso ela se desenvolve ao deus-dará. Estou grato ao «pequeno grande Juvenil» pelo interesse demonstrado através das suas quatro páginas, pelos jovens de hoje, que, mais do que nunca, necessitam desse amparo, dessa mão amiga no meio do caos da incerteza, desespero e tantos outros sentimentos espirituais que avassalam o Mundo.

Afinal, todos nós desejamos que o «Juvenil» seja cada vez maior.

Seria interessante que se mantivesse a crítica aos trabalhos dos jovens. E' óptimo que o «Juvenil» incite e auxilie os jovens com talento para escrever.

Mas acima de tudo, o que me

levou a escrever esta carta foi a grande vontade, filha de um grande entusiasmo, de vos agradecer o que estais fazendo pela Juventude. Bem hajam! Iniciativas como as vossas são pedaços de ar fresco que nos alentam e desanuviavam ideias por vezes bem empoeiradas.

Há, antes de mais, uma coisa, amigo, que deves evitar: onde existe esse «ar fresco» de que falas não tem lugar o «V. Ex.ª». Sentimo-nos logo sócios de uma Academia de Naftalina.

Quanto ao teu caso (refiro-me á idade), depois de passados os vinte e um anos, devemos dizer-te que as colunas do «Juvenil» continuam abertas para ti. Passaste o «período escolar», mas continuas amigo da casa e trabalhos teus poderão ser muito úteis para os jovens mais novos.

Obrigado pelas tuas boas palavras.